



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS



ALDIERE ORLANDO

**ENSINO DA LÍNGUA PALIKUR E DO PORTUGUÊS
NA ESCOLA INDÍGENA ESTADUAL MOISÉS
IAPARRÁ: as percepções dos líderes (clãs) da Comunidade
Kumenê**



MACAPÁ-AP
2024

ALDIERE ORLANDO

**ENSINO DA LÍNGUA PALIKUR E DO PORTUGUÊS
NA ESCOLA INDÍGENA ESTADUAL MOISÉS
IAPARRÁ: as percepções dos líderes (clãs) da Comunidade
Kumenê**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amapá (PPGLET/UNIFAP), como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração Linguagens na Amazônia.
Linha de pesquisa: Diversidade Linguística na Amazônia.

Orientador: Prof. Dr. Rosivaldo Gomes.

**MACAPÁ-AP
2024**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central/UNIFAP-Macapá-AP
Elaborado por Mário das Graças Carvalho Lima Júnior – CRB-2 / 1451

O71 Orlando, Aldiere.

Ensino da Língua Palikur e do Português na Escola Indígena Estadual Moisés Iaparrá: as percepções dos líderes (clãs) da Comunidade Kumenê / Aldiere Orlando. - Macapá, 2023.

1 recurso eletrônico. 90 folhas.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Amapá, Programa de Pós-graduação em Letras, Macapá, 2023.

Orientador: Rosivaldo Gomes.

Modo de acesso: World Wide Web.

Formato de arquivo: Portable Document Format (PDF).

1. Ensino de Língua Palikur e do Português como L2. 2. Escola Indígena Estadual Moisés Iaparrá. 3. Percepções dos líderes (clãs). I. Gomes, Rosivaldo, orientador. II. Universidade Federal do Amapá. III. Título.

CDD 23. ed. – 370.89098116

ALDIERE ORLANDO

**ENSINO DA LÍNGUA PALIKUR E DO PORTUGUÊS NA ESCOLA
INDÍGENA ESTADUAL MOISÉS IAPARRÁ: as percepções dos líderes
(clãs) da Comunidade Kumenê**

Data da aprovação: ____/____/____

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador(a): Prof. Dr. Rosivaldo Gomes
Campus – Marco Zero
Universidade Feral do Amapá

Membro Titular: Prof. Dr. Antonio Almir Gomes Campus
– Marco Zero
Universidade Federal do Amapá

Membro Titular: Profa. Dra. Ana Paula Brandão Campus –
Belém
Universidade Federal do Pará

Membro Suplente interno: Prof. Dr. Glauber Romling da Silva Campus –
Belém
Universidade Federal do Pará

Membro Suplente Externo: Prof. Dr. Geraldo Vicente Martins Campus -
Campo Grande
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Local: Campus Marco Zero do Equador
Universidade Federal do Amapá Macapá-
Amapá

RESUMO

Esta dissertação, desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Letras e na linha de pesquisa Diversidade Linguística na Amazônia, teve como objetivo geral investigar as percepções de representantes da comunidade indígena Kumenê sobre o ensino-aprendizagem da Língua Palikur e do Português. Como objetivos específicos buscou (i) descrever um breve percurso sócio-histórico dos povos indígenas do Oiapoque, com especial atenção ao povo indígena palikur- arukwayene e sua organização sociocultural e a configuração da educação escolar indígena diferenciada e intercultural, dando ênfase à constituição do ensino de português e palikur e (ii) apresentar as percepções de 5 (cinco) líderes (clãs) da comunidade Kumenê sobre ensino da língua palikur e do português na Escola Indígena Estadual Moisés Iaparrá. A pesquisa fundamentou-se em estudos que tratam sobre educação escolar indígena, tais como Freire (2004), D'Angelis (2001) e sobre educação escolar indígena e ensino de Português brasileiro no contexto indígena amapaense a partir dos estudos de Gomes (2013, 2018; 2019a; 2019b) e em dispositivos legais (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988, LDB, 1996), que tratam sobre o papel e a importância da escola indígena. Como metodologia, a pesquisa configura-se como de natureza qualitativa-interpretativa (DENZEN; LINCON, 2006), descritiva-explicativa (GIL, 2008), do tipo estudo de caso (ANDRÉ, 1995). Para geração dos dados foram considerados como instrumentos: gravações de entrevistas semiestruturadas, em áudios, com grupos que formam a organização social Palikur. Os resultados mostram que a percepção da comunidade é muito forte sobre a importância do ensino da língua materna Palikur, mas também se observa relevância ao ensino do Português como segunda língua, devido as relações extra espaço da aldeia e da escola.

Palavras-chave: Ensino de Língua Palikur e do Português como L2; Escola Indígena Estadual Moisés Iaparrá; Percepções dos líderes (clãs).

IWIT MATKUHKA

Inin annivwit tamaka, ku pariye kehka amun kannuhwaki kewye “Programa de Pós-graduação em Letras, linha de pesquisa Diversidade Linguística na Amazônia”, in adahan iwasene mmahpa hiyeg pukuha amin kannuhaka hawata kannuhwaki amin Parikwaki akak Parantunka. Hawata akiw in kinetihwene aynesa giminkis parikwene uyapkunyene, giminkis parikwene arukwayene payak akak gihumawnikis hawata akak amin gikannuhkakis amin parantunka akak parikiwaki. Ekkene aynesa amin ku samahpa neras pohowkunene hiyeg pukuha amin kannuhwaki amin parikwaki akak amin parantunka ay ariku kannuhekete avin avit Kumene. Inin annivwit in hawata huwitaki gavitimpikis neras kannuhekevutnevwi gikannuhwankis, neras Freire (2004), D’Angelis (2001) akak amin parikwene gikannuhkakis ay avit Amapa avitimpi gikannuhwan ner Gomes (2013, 2018; 2019a; 2019b) hawata akak avitimpi ku pariye parikwene gikiythanikis tamekne amadga kagta (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988, LDB, 1996), ku pariye kinetihwa amin gawaygi kannuhekete gidahankis parikwene. Hawata akiw, in annivwit kehka avigkumpi awaygi-watekbetaki (DENZEN; LINCON, 2006), arawnamnihka-arakamnihka (GIL, 2008), ku pariye kavite kannuhaki in kehka (ANDRÉ, 1995). Ayteke adahan ahiwten inetite, kawihpika akamaxten akuvimnat ku pariye kuwis ahegbete akak ayapka gitkis neras ku pariye gihumawesetnikis parikwene arukwayene. Ayge nikwe, in annivwit kahayak ta gitkis neras paytwempuyenevwi ku parikwaki in ka aynsima gawaygi adahan in kannuhaka nimin, henneme hawata in kahayaksa ku parantunka in ka aynsima gawaygi adahan hiyeg kannuhwa nimin ku samah aveynivye iwite, mmanawa kuri parikwene ka misakwa ininewatma pahayriknene iwetrite ba aynte ariku payt kannuhekete.

Iwite-awatkak: Kannuhaki amin Parikwaki akak Parantunka ku samah aveyni iwite; Kannuhekete Moisés Iaparrá; Pukuhpaki.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus avós paternos e maternos, “In Memoriam”, pela existência de meus pais e minha família, pessoas com as quais convivi ao longo de minha trajetória de vida e que me proporcionaram o privilégio de fazer este projeto de pesquisa em prol ao nosso povo Palikur.

Ao curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amapá, corpo docente e discente, ao qual me sinto honrado por dele ter feito parte.

À minha esposa Carla, as minhas filhas Paulina e Cibele, e ao meu filho Messiyas que veio ao mundo em 2023, minha razão de viver.

Finalmente, aos líderes (clãs) palikur que aceitaram e contribuíram para a minha formação profissional, aprendizagem e concretização deste projeto de pesquisa.

AGRADECIMENTO

Agradecimentos para: Deus, Família, Orientador, Universidade, Amigos e Colegas

Agradeço primeiramente a Deus por ser à base das minhas conquistas e por ter me mantido com saúde e forças para chegar até o final deste projeto de pesquisa.

Sou grato à minha esposa Carla pelo apoio e incentivo que sempre me deu durante os meus estudos e por acreditar na minha capacidade de avançar neste projeto.

Deixo um agradecimento especial ao meu orientador professor Rosivaldo pelo incentivo, apoio, reconhecimento e pela dedicação do seu tempo ao meu projeto de pesquisa.

Também quero agradecer à Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) e a todos os professores do meu curso pela oportunidade de aprender e conhecer um pouco sobre a diversidade linguística na Amazônia, especialmente, do meu povo Palikur, através da elevada qualidade do ensino oferecido.

Também agradeço aos missionários linguistas Haroldo “In memorian” e Diana Green pelo apoio e incentivo aos estudos da minha língua Palikur. A minha amiga professora linguista Simoni Benicio Valadares, que me ajudou com sua vasta experiência e conhecimento em línguas indígenas no meu projeto de pesquisa.

Por fim, aos meus amigos e colegas do curso de Programa de Pós-graduação em Letras que contribuíram direto e indiretamente, pelas trocas de ideias e ajuda mútua. Juntos conseguimos avançar e ultrapassar todos os obstáculos.

“Para que serve o estudo ou o ensino de língua Palikur? Serve para revigorar e mantê-la viva a serviço de seu falante.”

(Aldiere Orlando)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 BREVE PERCURSO SÓCIO-HISTÓRICO DOS POVOS INDÍGENAS DO OIAPOQUE.....	15
1.1 Os Povos Indígenas de Oiapoque.....	15
1.2 O Povo indígena Palikur-Arukwayene e sua organização sociocultural ...	19
1.3 A língua Palikur e sua configuração sociolinguística.....	22
2 EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA DIFERENCIADA E INTERCULTURAL.....	25
2.1 Educação Escolar Indígena brasileira: bases legais e políticas públicas .	25
2.2 Educação Escolar Indígena: aportes teóricos.....	27
2.3 Educação Escolar Indígena diferenciada no contexto do Amapá	31
2.4 A Escola Indígena Estadual Moisés Iaparrá	34
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DO ESTUDO DE CASO ETNOGRÁFICO	40
3.1 Configuração geral do estudo.....	40
3.1.1 A pesquisa em Linguística Aplicada Crítica de caráter qualitativa-interpretativista	40
3.1.2 O estudo de caso	43
3.1.3 Contexto de pesquisa e instrumentos de geração dos dados.....	43
4 ANÁLISE DOS DADOS – RESULTADO E DISCUSSÃO	44
4.1 Percepções dos líderes sobre o ensino da Língua Palikur e do Português como L2	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
REFERÊNCIAS	55
ANEXOS - Primeiro levantamento de dados – Representações dos líderes indígenas sobre a língua Palikur e o Português	59
ANEXO 1 - Entrevista 1 – Emiliano Iaparrá – Clã Wadahyene.....	59
ANEXO 2 - Entrevista 2 - Pedro Batista – Clã Wakavunyene	65
ANEXO 3 - Entrevista 3 – Manoel Hipolito – Clã Wayveyene	71
ANEXO 4 - Entrevista 4 – Walter Sales Guiome – Clã Paraymeyene.....	77
ANEXO 5 - Entrevista 5 – José Constâncio – Clã Kawakukyene	84

INTRODUÇÃO

No mundo contemporâneo, a língua é um dos meios de comunicação e interação em todo lugar, sendo que em cada país é falado uma língua diferente ou estão presentes variadas línguas. No Brasil, temos como língua oficial o Português, mas há também outras línguas usadas por pessoas vindas de outros países e há também 180 línguas (MAIA, 2006) de diferentes povos indígenas que aqui habitam, sendo que a língua Palikur é uma delas, falada pelo povo indígena Palikur, no município de Oiapoque, Estado do Amapá.

Historicamente, a língua Palikur não tinha lugar na escola, pois a escola era monolíngue em Português. Por outro lado, em 1983, quando os missionários Haroldo e Diana Green, com a colaboração de alguns membros palikur, entregaram a Bíblia em Palikur para o povo, foi que se incentivou a vontade de aprender ler e escrever a língua Palikur. Assim, a partir desse período, foram desenvolvidos vários materiais de leitura, como a cartilha, o vocabulário palikur-português, a ortografia, a gramática sucinta na língua palikur (1997) e o dicionário palikur-português (2018), sendo os últimos mais sistemáticos e científicos, com regras básicas de escrita, dos quais tive a oportunidade de fazer parte na sua elaboração.

Em 1998, o Governo do Estado do Amapá, através do Núcleo de Educação Indígena (NEI/SEED), por iniciativa, elaborou um programa chamado Programa de Apoio as Escolas Palikur, do qual faziam parte quinze professores indígenas palikur. O objetivo central desse programa voltava-se à capacitação de professores para atuarem na proposta de uma escola que atendesse ao povo Palikur, suas ideias e suas aspirações, sendo que o programa deu origem ao primeiro livro específico chamado “Karta Adahan Amamnam Kanuhwaki” Livro de Terceira Série, o qual continha conteúdos e atividades escritas na própria língua Palikur e conforme a realidade do povo.

No entanto, apesar dessas iniciativas, o português ainda predominava no contexto escolar, pois faltava o aprimoramento da formação contínua desses professores para lidarem tanto com a própria língua, quanto com esse novo objetivo que era proposto pelo programa. Tal predominância ainda é observada recentemente por Barros da Silva (2016, p. 60) ao destacar que “[...] o Português ainda é predominante no contexto da escrita e seu poder pode exercer uma interferência drástica em curto prazo, promovendo a substituição da língua indígena em diversos contextos socioculturais, até sua completa extinção”.

Essa observação feita pela autora é pertinente devido ao prestígio que a língua

Portuguesa assume como instrumento de comunicação e interação no contexto indígena, já que a língua Palikur é de uso interno. É inegável e compreensível o fato de que o interesse em falar e escrever o português existe há muito tempo e faz parte do interesse do povo Palikur-Arukwayene, por estes entenderem a necessidade do aprendizado dessa língua em função do contato e da inserção dentro da sociedade brasileira, particularmente, no Estado do Amapá. Isso chega até a validar a razão da existência da escola nas comunidades indígenas, uma vez que os indígenas consideraram a importância da língua Portuguesa nos diálogos com as autoridades governamentais e nas trocas comerciais de seus produtos fora da aldeia, ou seja, nas suas relações fora da Terra Indígena Uaçá.

Todavia, também é necessário que a língua da comunidade se faça presente nas práticas sociais de letramento e no contexto das práticas do letramento escolar. Assim, partindo desse pressuposto e assentada em um interesse acadêmico, esta pesquisa apresenta como temática central questões que dizem respeito ao ensino da língua Palikur e do Português na educação escolar básica, considerando-se as percepções de líderes da comunidade do entorno da Escola Indígena Estadual Moisés Iaparrá e o estudo de campo da Língua Aplicada Crítica, em vista do comprometimento social e político que assumimos com a pesquisa.

A língua Palikur, em função do contato linguístico com o Português Brasileiro (PB) e outras línguas, no que diz respeito ao seu uso, quer seja oral ou escrito, tem perdido espaço no contexto das práticas de letramento nas comunidades indígenas palikur e na Escola Indígena Estadual Moisés Iaparrá (BARROS DA SILVA, 2016), apesar também da implantação da disciplina Língua Materna/Palikur nos últimos doze anos a partir do Ensino Fundamental II, visto que ela sempre foi de uso oral.

Tal situação evidencia-se de forma mais forte entre os adolescentes, devido a predominância da língua Portuguesa no ambiente escolar, aliado ao novo processo de mobilização dos adolescentes e jovens indígenas que iniciou na região de Oiapoque nos últimos anos, isto é, na busca de garantia de participação dentro do contexto de organização e do movimento indígena em língua portuguesa.

Nesse sentido, o povo Palikur-Arukwayene considera mais importante que as crianças aprendam primeiro a ler e escrever a língua portuguesa, a fim de que mais tarde estas possam participar ativamente nos eventos internos ou externos à comunidade. Essa vontade em aprender o PB como segunda língua (L2) é evidente nas comunidades indígenas Palikur, enquanto o letramento da língua Palikur não está à altura desse

aprendizado, como lembra Barros da Silva (2016) durante os primeiros contatos que a autora teve com o povo Palikur-Arukwayene para registro de dados para sua tese. Segundo ela:

A comunidade Arukwayene estava mais preocupada em melhorar o ensino do Português em suas escolas, a fim de garantir que eventuais dificuldades no aprendizado desta língua não limitassem o acesso das crianças aos recursos da sociedade não indígena. (BARROS DA SILVA, 2016, p. 81).

Os fatos apresentados pela autora evidenciam a sobreposição da língua Portuguesa sobre a língua Palikur, pois historicamente esta nunca esteve na escola como objeto de ensino, mas o Português configura-se na escola como sempre esteve. Apesar de não ser nosso objetivo de pesquisa, consideramos que um levantamento sociolinguístico, tal como feito por Barros da Silva (2016), mas de forma mais amplo, pode contribuir para entender a dinâmica da língua Palikur e o papel da geração dos jovens no contexto da escola E.I.E. Moisés Iaparrá para um diagnóstico preliminar sobre a própria língua da comunidade, neste caso, a língua Palikur.

Assim, visando contribuir com uma discussão mais ampla (acadêmica e social) acerca da realidade linguística do povo Palikur, principalmente aquela vivenciada pela geração mais nova, e na perspectiva de que essa geração possa refletir e tomar consciência do papel da língua Palikur, a seguinte questão de pesquisa guia este estudo:

- a) Quais são as percepções de membros da comunidade Kumenê sobre o ensino e aprendizagem da Língua Palikur e do Português na escola?

Partindo dessa questão de pesquisa, foram delimitados como objetivos de estudo:

Objetivo geral: investigar as percepções de representantes da comunidade indígena Kumenê sobre o ensino-aprendizagem da Língua Palikur e do Português.

Objetivos específicos: (i) descrever um breve percurso sócio-histórico dos povos indígenas do Oiapoque, com especial atenção ao povo indígena palikur-arukwayene e sua organização sociocultural e a configuração da educação escolar indígena diferenciada e intercultural, dando ênfase à constituição do ensino de português e palikur e (ii) apresentar as percepções de 5 (cinco) líderes (clãs) da comunidade Kumenê sobre ensino da língua palikur e do português na Escola Indígena Estadual Moisés Iaparrá como agentes observadores de ensino na escola.

Partindo desse pressuposto é que esta pesquisa pretende contribuir especialmente com o próprio povo Palikur o qual é falante da língua Palikur, isto é, fazer com que o

povo reflita e se importe em transmitir a sua língua para as futuras gerações ainda no modo oral. Da mesma forma, fazer com que o povo perceba a importância da língua se tornar de fato um objeto de estudo na escola, ou seja, que favoreça o uso de expressão oral e escrita nos diferentes contextos comunicativos por meio de ensino formal. E também fazer com que a língua Palikur receba uma atenção especial, seja para um estudo mais amplo ou de caráter científico, para fortalecer e assegurar o seu uso entre o povo.

Com base nesse contexto inicial, é que esta dissertação se organiza em quatro capítulos e subtítulos, cada qual com temas distintos, que trazem breves informações sobre os povos indígenas e a educação escolar indígena. Assim, o capítulo I faz um breve apanhado sobre o percurso sociohistórico dos povos indígenas de Oiapoque até os dias de hoje. O capítulo II aborda a questão da Educação Escolar Indígena diferenciada e intercultural a partir de seu reconhecimento por meio da Constituição de 1988 e apresenta a configuração do ensino da língua Palikur e do Português na Escola Indígena Estadual Moisés Iaparrá, tendo por base o Projeto Pedagógico da Escola. Com esses capítulos atendemos ao objetivo específico um.

O capítulo III apresenta a metodologia e procedimentos que direcionaram a pesquisa na comunidade Kumenê e no capítulo IV trazemos a análise dos dados da pesquisa, no qual atendemos ao objetivo específico dois que trará sobre as percepções de 5 (cinco) líderes (clãs) da comunidade Kumenê sobre ensino da língua palikur e do português na Escola Indígena Estadual Moisés Iaparrá na educação básica.

1 BREVE PERCURSO SÓCIO-HISTÓRICO DOS POVOS INDÍGENAS DO OIAPOQUE

1.1 Os Povos Indígenas de Oiapoque

Os quatro grupos ou povos indígenas: os Karipuna, Galibi Kalinã, Galibi-Marworno e os Palikur-Arukwayene, formam os povos indígenas de Oiapoque, que segundo os dados do Distrito Sanitário Especial Indígena (SESAI/DSEI/AMP-2019), somam mais de oito mil indígenas, divididos em 47 aldeias nas Terras Indígenas Juminã, Galibi e Uaçá, no município de Oiapoque as quais estão demarcadas e homologadas desde a década de 90. Estas Terras configuram uma área contínua de 518.454 hectares, formadas pelas grandes ilhas e campos abertos que no inverno ficam alagados.

Cada povo vive de acordo com a sua especificidade, organização social e visão cosmológica própria. O povo Karipuna tem uma população mais de três indígenas, vivendo ao longo do rio Curipi e ao longo da estrada BR-156, na Terra Indígena Uaçá, e também nas aldeias das Terras Indígenas Juminã e Galibi Kalinã. Possui como língua indígena o Kheuól e o Português. O povo Galibi Kalinã é o menor grupo da região, vive na aldeia Galibi, Terra Indígena Galibi, na margem direita do rio Oiapoque, no percurso ao cabo Orange, vindo da Guiana Francesa na década de 50 para o lado do Brasil. Possui como língua indígena a Kalinã do tronco Carib, o Português, o Kheuól e até francês nos dias de hoje, devido o contato e os casamentos interétnicos. O povo Galibi-Marworno com uma população mais de dois mil indígenas vive na aldeia Kumarumã, no rio Uaçá, Terra Indígena Uaçá. Atualmente, o povo está distribuído em novas aldeias fundadas ao longo do rio, mas a maioria ainda vive na principal aldeia Kumarumã e possui como língua indígena o Kheuól e o Português.

A língua Kheuól é falada por povos Karipuna e Galibi-Marworno, com certa variação em relação a pronuncia e a escrita. E o povo Palikur-Arukwayene também vive na Terra Indígena Uaçá, nas aldeias ao longo do rio Urucauá, sendo que boa parte está migrado para Guiana Francesa já faz algumas décadas. O povo Palikur do rio Urucauá fala a língua Palikur, o Português e o francês devido o contato com os parentes que residem no território francês. Além disso, algumas pessoas conseguem se comunicar em língua Kheuól com os parentes karipuna e galibi-marworno devido o contato entre eles (VIDAL 2007, p. 17).

A Terra Indígena Uaçá possui três rios que banham a região e desaguam ao Oceano, são eles: rio Uaçá, rio Urucauá e rio Curipi. No verão, nos meses de outubro a

dezembro, os campos abertos secam, fazendo com que, nessa época, o percurso das aldeias até os rios são feitos por meio dos troncos de buritizeiros enfileirados antes da seca, para facilitar o tráfego, pois a distância do percurso até os rios são de aproximadamente quinhentos metros. Atualmente, nas principais aldeias, existem pontes de madeiras construídas pelos próprios indígenas para facilitar o acesso e o transporte de produtos agrícolas até a embarcação na beira do rio.

Estes povos, Palikur, Karipuna, Galibi Kalinã e Galibi-Marworno, se alimentam basicamente de peixes dos rios da água doce, de caça, da coleta de frutas e de produtos agrícolas, como farinha de mandioca, que é a principal alimentação e é produzida em grande quantidade para que o excesso seja comercializado em Oiapoque e na cidade de São George da Guiana Francesa. O dinheiro arrecadado depois da venda geralmente é investido nas compras de gêneros alimentícios, vestimentas e outros produtos no comércio do Oiapoque. Vale lembrar que nas últimas décadas esses povos indígenas de Oiapoque vêm consumido muitos produtos alimentícios comprados no comércio do Oiapoque, pois muitos indígenas passaram a ser também trabalhadores assalariados, como funcionários da saúde indígena, da educação escolar indígena e aposentados.

Os relatos de viajantes europeus descrevem que desde o século XVI esses povos indígenas já ocupavam a região do Oiapoque, sendo que a partir daí passaram a ser mencionados em diversos outros documentos históricos da existência dos mesmos junto com os demais grupos indígenas que viviam na região. Segundo Vidal (2007, p. 13) por meio desses relatos temos notícias conturbadas sobre esses povos que foram alvos de iniciativas holandesas, portuguesas, inglesas e francesas, levadas a cabo por missionários, soldados, colonos e comerciantes, que entraram em contato com estes povos, cada qual com um propósito: fazer prisioneiros, estabelecer missões, realizar escambos, construir feitorias e colônias.

A chegada do século XX representou um momento muito importante e decisivo, pois, nesse período, a região já era conhecida como território Contestado, e a disputa pela posse da região entre França e Brasil só foi resolvida no ano de 1900, pelo Laudo Suíço, a partir dos esforços da diplomacia brasileira representada pelo Barão do Rio Branco. A decisão do Contestado despertou a atuação do governo brasileiro para as populações da fronteira, considerando a urgência de “abrasileirar” seus costumes (VIDAL, 2007, p. 15).

Desde então os povos indígenas de Oiapoque, por meio das agências governamentais, criaram um relacionamento tanto comercial quanto política com a

população de Oiapoque, ou seja, votam e são votados. Dessa forma, segundo Vidal (2007), desde 1970, os quatro povos indígenas discutem problemas comuns da área, tomam decisões e conduzem às autoridades reivindicações. Esse período ficou marcado como início de organização dos povos indígenas do Oiapoque e permitiu que os mesmos, por meio de encontros a nível local, regional e até mesmo nacional comesçassem a reivindicar os seus direitos constitucionais.

Sendo uma das conquistas mais importantes durante o início da organização foi a garantia da demarcação e homologação de suas terras em 1992. Os encontros intensos entre os quatro povos indígenas após esse período permitiram a criação da primeira Associação dos Povos Indígenas de Oiapoque (APIO) que atuava diretamente frente as questões indígenas e no diálogo com os governos municipal e estadual, no intuito de assegurar os seus direitos constitucionais.

Além disso, cada comunidade possui seu líder e cacique que a representa dentro e fora da aldeia, sempre escolhido abertamente pela mesma, com certo período de tempo de permanência no cargo, ou seja, conforme a vontade do povo. Mantém constante diálogo entre eles, com os objetivos comuns que os afetam direta e indiretamente.

Assim, pode-se dizer que cada grupo influencia um ao outro e com certos aspectos que são peculiares de cada grupo. E para fortalecer e estreitar esse diálogo, a partir do ano de 2009, cada povo criou sua própria organização representativa para fins de resoluções de questões mais específicas, sejam elas internas ou externas, como também para garantir participação e autonomia nos encontros e assembleias indígenas que ocorre anualmente desde a década de 70.

A seguir o mapa ilustrativo mostra a localização das Terras Indígenas e a distribuição dos povos indígenas na região, sendo na parte leste da T.I Uaçá está o povo Galibi Marworno; na parte central, o povo Palikur; na parte norte, o povo Karipuna; e na parte sul, estão as comunidades indígenas que fazem parte do povo Galibi Marworno, Palikur e Karipuna ao longo da Br 156. Na Terra Indígena Juminã, ao norte, também estão os karipuna e galibi marworno. E na Terra Indígena Galibi, a oeste, os kalinã.

1.2 O Povo indígena Palikur-Arukwayene e sua organização sociocultural

O povo indígena Palikur¹-Arukwayene², com aproximadamente 1825 pessoas (DSEI/AMP-2019), vive na Terra Indígena Uaçá, no rio Urucauá. Possui doze comunidades ao longo da margem direita e esquerda do rio Urucauá, fundadas e representadas pelos seus próprios membros que são líderes tradicionais, são elas: Flecha, Tipoca, Tawary, Amomni, Urubu, Mangue, Kumenê, Kuwikwit, Puwaytyeket, Kamuywa, Yanawa e Iwawka, sendo esta última fica ao sul da região Uaçá, na margem da BR-156 no km 80, trecho que corta a TI Uaçá. Este povo mantém a sua língua materna que é Palikur³ do tronco linguístico Arawak até os dias atuais.

Figura 2 - Aldeia Kumenê vista aérea.



Fonte: Davi Green (2020)

Vale lembrar que existe a metade desse povo vivendo na Guiana Francesa, em

¹ Palikur é o termo derivado da palavra 'parikwene' que é um termo genérico e significa índio, por meio da qual o povo é conhecido até hoje. Obviamente a expressão palikur foi criada por pesquisadores não índios que faziam estudos etnônimos na região, pois a letra 'l' não fazia e nunca fez parte do vocabulário da língua.

² Arukwayene é uma designação em relação a região em que o povo habita, daí Palikur-Arukwayene, ou seja, 'índios da região Urucauá' em relação aos índios palikur da Guiana Francesa, segundo os líderes anciãos, no entanto, ao meu ver esse termo é uma derivação da palavra aruaque.

³ Já aqui esse termo significa 'parikwaki', ou saja, em língua indígena.

pequenas vilas nas áreas cedidas pelo governo francês, já há algumas décadas. No entanto, com relação à língua Palikur sabe-se que somente os adultos ainda falam a língua, enquanto as crianças e adolescentes nascidos lá falam bem pouco, devido o acesso à escola, onde aprendem a língua francesa como primeira língua, e também falam a língua crioula de base francesa que é a mais falada no território.

Segundo Capiberibe (2007, p. 26) “os registros históricos apontam que esse povo vive na região Uaçá há mais de quatrocentos anos, sendo que se refere à região como o seu território de origem”. Assim, por meio desses registros históricos conhecemos um pouco sobre a trajetória dessa população que no início do contato somavam aproximadamente dois mil índios e que mais tarde, no início do século XX, esse número havia reduzido drasticamente em função de epidemias que mataram muitos dos palikur por falta de assistência à saúde da população na época.

O povo também ainda vivia isoladamente, ou seja, cada família vivia em uma determinada ilha e só mantinha o contato entre seus membros e famílias. Ainda no século XX, mais precisamente por volta da década 60, os palikur também lembram que houve tentativas do governo brasileiro em juntar esse povo em um só lugar por meio da educação escolar, mas o povo recusava, e não deixava que os filhos assistissem às aulas, pois associavam esse empreendimento à escravidão de seus filhos e por não entenderem também os objetivos da educação.

E aconteceu que, na mesma década os palikur estavam passando por uma transformação no modo de vida através dos trabalhos de missionários protestantes na época e que segundo os palikur foi o maior motivo que os fizeram juntar-se numa ilha onde hoje a aldeia Kumenê, com o nome inicial de aldeia Bom Salvador em decorrência dessa transformação (POVOS INDÍGENAS NO BRASIL, 1983, p. 23).

Nessa época, Paulo Orlando, por sinal, meu avô, e mais três famílias eram os únicos que viviam na ilha. Paulo era único que falava fluentemente o português e traduzia a mensagem para o povo na língua Palikur, o que os missionários evangélicos pregavam na época. A partir desse período, Paulo Orlando também passou assumir a liderança tanto religiosa quanto política até a sua morte em 2003. Hoje, a aldeia Kumenê concentra a maior parte da população com cerca de 973 pessoas (187 famílias) residentes fixas.

Assim, a aldeia Kumenê se tornou a principal aldeia do povo Palikur-Arukwayene até hoje, onde existe um Polo Base para atendimento de saúde no âmbito da atenção primária e uma Escola Indígena Estadual para atender à educação

básica da comunidade e das demais comunidades adjacentes, nos níveis do Ensino Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Atualmente, também existe energia na comunidade gerada através do grupo gerador de energia movido a óleo diesel, com o funcionamento oito horas de tempo, isto é, das 15h00 até as 23h00. O combustível é fornecido pelo Governo do Estado do Amapá todo mês através do Programa Luz para viver melhor já há alguns anos.

Vale lembrar também que nos últimos tempos a estrutura das casas no Kumenê mudou-se muito. Antes as casas eram construídas com coberturas de palhas de inajá⁴ e assoalhos de tábuas, hoje a maioria das casas são cobertas com telhas de zinco ou brasilit e algumas são construídas a base de concreto. Nas outras comunidades adjacentes, as casas ainda são construídas tradicionalmente com madeiras e coberturas de palhas de inajá, mas também alguns preferem telhas de zinco ou brasilit devido à durabilidade.

A organização social do povo Palikur-Arukwayene é baseada na formação familiar e na união entre clãs, características essas que os distinguem entre os seus membros. Intelectuais palikur, isto é, os anciãos que preservam a cultura e o mito sobre a organização social palikur associam cada clã a um significado que leva o sobrenome destes que aqui descritos na língua seguidos com tradução em português ou em francês entre parênteses, são eles: Wakavunyene *gente do esteio* (Batista), Wayveyene *gente da lagarta* (Ioiô/Orlando), Wadahyene *gente da largatixa* (Iaparrá), Kawakukyene *gente do ananás* (Labonte), Waxriyene *gente da terra* (Felício) e Paraymeyene *gente do peixe piramutaba* (Guiome). Todos fazem parte da rica tradição de histórias orais que está guardada na memória da geração mais antiga. As formas de tratamento são iguais entre seus membros, ou seja, não existem classes sociais que diferenciam um grupo do outro.

Os trabalhos são realizados de acordo com o sexo e idade. As crianças, por exemplo, são envolvidas desde cedo nas atividades de acordo com a sua força e atividade, sejam elas domésticas ou não. Enquanto os adultos são responsáveis pelas atividades mais complexas e pesadas. Os trabalhos de plantio de mandioca, que é a principal atividade na região, geralmente são realizados em forma de mutirão, onde os homens se organizam e cavam a terra com enxadas na frente e as mulheres atrás depositam e cobrem as manivas cortadas por um palmo e meio de comprimento na terra

⁴ Uma espécie de palmeira muito comum na região, suas folhas ou galhos são utilizados pelos palikur para cobrir teto de casas feitas em madeira e duram aproximadamente entre dois a cinco anos, além disso, suas frutas em cacho são muito saborosas e apreciadas pelos indígenas da região.

cavada.

Assim, o processo de plantio de mandioca, desde a derrubada da mata até o momento da produção de farinha é feito através de mutirão em todas as etapas de produção. Porém, nos dias de hoje percebe-se que há mudanças ocorrendo em relação a algumas atividades na etapa da produção da farinha, que geralmente são realizadas por meio de mutirão, a exemplo do ralo da mandioca, que exigia dez a vinte homens nesse trabalho, mas que hoje é realizado por meio de um motor, que vem substituindo o ralador tradicional, um equipamento feito de madeira/tábua no qual são postos pedaços de ferro (VIDAL, 2007) com as pontas viradas para cima que os homens utilizavam para ralar a mandioca.

Vale lembrar também que existem outros objetos e acessórios de prática tradicional que somavam na produção da farinha de mandioca, como o tipiti, a peneira, entre outros, que carrega os conhecimentos tradicionais e culturais, atualmente está sendo esquecidos ou substituídos pelos equipamentos e ferramentas adquiridos do comércio, devido à durabilidade deles, e o que deixa os trabalhos realizados por meio de mutirão fique cada vez mais reduzido e individualizado. Isso é preocupante tradicionalmente, pois esse desenvolvimento no trabalho gera um novo ritmo no modo de vida e conseqüentemente a perda do conhecimento tradicional e linguístico do povo.

1.3 A língua Palikur e sua configuração sociolinguística

A língua Palikur, do tronco linguístico Arawak, é uma das línguas indígenas da região Amazônica que vem sendo falado pelo povo Palikur há mais de IV séculos. Os estudos apontam que no tronco linguístico arawak, estão catalogadas 74 línguas de vários povos indígenas do Brasil, dentre as quais a língua tariana, a língua palikur, a língua baniwa, a língua terena e a língua iaualapiti⁵.

No levantamento preliminar feito através do questionário aplicado aos cinco anciãos, isto é, sobre a história de origem da língua, todos afirmaram que a língua Palikur herdou boa parte da linguagem falada pelo clã chamado Kamuwyene que significa gente do sol, sendo que esse clã havia desaparecido, o qual fazia parte do povo Palikur. A linguagem do clã Kamuwyene, junto com as linguagens dos atuais clãs, deu origem a atual língua Palikur, mas com certas mudanças e variações linguísticas, devido os casamentos entre os clãs e contatos familiares.

⁵ Trecho pt.wikipedia.org/wiki/Aruaques, edição 2023.

Nesse contexto, a prevalência da oralidade sobre a escrita parece configurar-se ao conhecimento cultural, tradicional e linguístico que cada ancião ou clã detém e domina até hoje, sendo, provavelmente, a principal razão que configura a vitalidade da língua Palikur desde os tempos remotos, apesar das mudanças culturais, sociais e contatos intensos com a sociedade de fora da aldeia nos últimos vinte anos. No entanto, o povo deve ficar atento, pois a pressão constante da língua portuguesa e da língua francesa (Guiana Francesa), por serem línguas de contato e comercial, podem apresentar ameaças sobre a língua Palikur, isto é, na prática oral e na escrita.

No breve levantamento sociolinguístico da comunidade indígena do Kumenê – elaborado para geração de dados iniciais para esta pesquisa – realizado com cinco pessoas com idade a partir de 60 anos, mostra-nos que a língua Palikur ainda se mantém forte na sua configuração sociolinguística entre cada um dos cinco clãs que se colocaram à disposição para colaborar com este trabalho. No entanto, segundo os entrevistados, a língua apresenta algumas diversidades e variedades linguísticas, presentes no modo de falar dos palikur, fato esse que demonstra que essa língua, assim como outras, também tem mudado conforme os usos e outros fatores linguísticos e extralinguísticos (RODRIGUES, 2017; RIBEIRO, 2018).

Outro fato observado também é a presença de palavras de origem estrangeira que ocorrem sempre e a maioria das vezes na forma de advérbios, como por exemplo: i) a palavra *“pi”*⁶ que significa “mais” em Kheuól, “ka aynsima” em Palikur; ii) *“sema”*, “somente” em Kheuól, “ininewa” em Palikur; iii) *“embe”*, “então” em Kheuól, “nikwe” em Palikur, que ora são ditos em Palikur, ora não, apesar da existência dos termos próprios na língua Palikur. É notório a ocorrência dessa variação na fala de todo o povo há décadas e isso ocorre talvez por conta do contato e da influência da língua francesa por meio dos familiares que residem na Guiana Francesa, ou o contato com os povos vizinhos Karipuna e Galibi-Marworno que falam Kheuól. Cabe destacar que esse não é o foco desta pesquisa, todavia é um ponto importante a ser mencionado nesta dissertação.

No entanto, por meio de entrevistas semiestruturadas, realizadas com cada um dos cinco clãs, para coleta de dados para a pesquisa, foi possível confirmar a prática oral ainda forte da língua Palikur entre os adultos como primeira língua na comunidade, aprendida junto à família desde criança, sendo que depois a língua é utilizada na escola

⁶ Os exemplos em Kheuól escritos em itálico são conforme pronunciadas em Palikur constantes nas respostas dos questionários.

na forma bilíngue nas séries iniciais do Ensino Fundamental I, a partir de práticas pedagógicas desenvolvidas por professores indígenas que lecionam na escola. Porém, é fato que a alfabetização inicial das crianças na escola é em língua Portuguesa devido a utilização dos materiais didáticos fornecidos pelo Ministério da Educação para ensino-aprendizagem. Enquanto que os adultos utilizam a língua Portuguesa como L2 na escrita e na prática oral em ocasiões específicas, ou seja, nas reuniões quando há participação de pessoas não indígenas na aldeia.

No capítulo seguinte, destacamos algumas bases legais e estudos que sustentam a preservação, a valorização e o reconhecimento da língua materna como diversidade étnica, cultural e linguística dos povos indígenas, os quais favorecem uma educação escolar diferenciada e específica de acordo com as concepções pedagógicas de cada povo.

2 EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA DIFERENCIADA E INTERCULTURAL

Neste capítulo, discutiremos algumas leis que regem a educação escolar indígena, apresentando alguns de seus aspectos. Trazemos ainda algumas concepções teóricas sobre a definição de educação escolar indígena diferenciada e intercultural.

2.1 Educação Escolar Indígena brasileira: bases legais e políticas públicas

A história da escolarização dos povos indígenas, durante o período colonial no Brasil, entre os anos de 1500 a 1900, foi muito conturbada em termos de valorização e reconhecimento das diversidades étnicas, culturais e linguísticas dos povos indígenas brasileiros, pois a escola visava ensinar o português, formar e incorporar mão de obra indígena à sociedade nacional. E por muitos anos, não se tinha políticas públicas que valorizassem, protegessem e reconhecessem o direito à diferença, o direito à terra em contexto da sociedade indígena no Brasil (GRUPIONE, 2004).

De acordo com Freire (2004a, p. 23) “quando a escola foi implantada em área indígena, as línguas, a tradição oral, o saber e a arte dos povos indígenas foram discriminados e excluídos da sala de aula”. Nesse sentido, compreende-se que a função da escola era, nesse contexto histórico inicial de catequização, fazer com que os estudantes indígenas desaprendessem suas culturas e deixassem de ser índios.

Assim, de uma forma ou outra, a escola sempre esteve presente ao longo de toda a história de relacionamento dos povos indígenas com representantes do poder colonial e, posteriormente, com representantes do Estado-Nação, com objetivos e funções bem específicas: integrar os índios à sociedade nacional e desarticular a identidade étnica desses povos. Ou seja, a escola não atendia aos desejos, costumes, tradições e línguas indígenas, pois as escolas em áreas indígenas tinham por modelos as escolas rurais e até urbanas (Marina Kahn, 1994), seu sistema de ensino não levava em consideração a realidade e a especificidade das comunidades indígenas, fato que ocasionou drasticamente a redução de muitas línguas indígenas no Brasil.

Entretanto, conforme argumenta Gomes (2013, p. 274), é possível vermos que nas décadas mais recentes do século XXI, a escola tem assumido outros contornos no contexto indígena, em que ela passa a assumir também um papel social e não mais ditatorial. Todavia, o autor também traz à tona uma questão muito presente entre os indígenas, questão esta relativa à “implementação” – ou diríamos imposição –, no

contexto das práticas do letramento escolar indígena, de conhecimentos alheios aos saberes locais, das comunidades indígenas, que são conhecimentos esses impostos por políticas educacionais que desconsideram o saber local/indígena:

No contexto indígena, somente a partir das últimas quatro décadas tem-se delineado um cenário em que a escola assume função social diferente daquela cujos objetivos eram catequização ou assimilação aos padrões da sociedade nacional. Contudo, parece-me que entre seus atores ainda persistem dúvidas acerca das pretensões desta mesma escola no contexto da sociedade em que se insere. Destaco, nesse caso, os modos e concepções de ensinar diversos conhecimentos provenientes de sociedades alheias à sociedade indígena. O limite entre o ensinar estes conhecimentos e os conhecimentos genuínos da referida sociedade indígena não me parece claro. Da mesma forma, parece-me obscuro o papel da própria língua indígena frente à língua portuguesa – cada vez mais presente no contexto indígena – quando se pensa, sobretudo, nos materiais didáticos disponíveis. O referido contexto requer que a escola repense seu papel social e, sobretudo, as consequências de sua existência, já que impacta a própria identidade daqueles que a possuem (Gomes, 2013, p. 274).

Nessa linha de pensamento, passados praticamente quatro séculos, o Estado finalmente reconheceu a diversidade étnica, cultural e linguísticas dos povos indígenas, mudando a sua visão em relação a estes, assegurando-os o direito à diferença, a proteção às manifestações culturais, assegurando-lhes também o uso de suas línguas maternas e os processos próprios de aprendizagem. Esse reconhecimento, por meio da promulgação da Constituição Federal de 1988, foi um marco histórico para a sociedade brasileira, como também para os povos indígenas brasileiros, pois pela primeira vez, em seu Artigo 231, nossa carta magna reconheceu o direito aos indígenas a sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União, demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988).

Nessa perspectiva, segundo Freire (2004b), após a Constituição ocorrem mudanças significativas na legislação referente à Educação Indígena, como a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996 e no Plano Nacional de Educação (PNE) de 2001, que se configuraram como dispositivos legais para a Educação Escolar Indígena. Tais documentos apresentaram uma nova função para as escolas indígenas, ambos delegaram o direito a uma “*educação bilíngue, intercultural, comunitária, específica e diferenciada*”, pautando tal educação em suas concepções pedagógicas.

O PNE, aprovado pela Lei 10.172/2001, previa metas e a criação de programas

específicos, atribuição aos sistemas estaduais à responsabilidade para atender às escolas indígenas, como também a profissionalização e o reconhecimento público do magistério Indígena, o qual favoreceu posteriormente a instituição de diversos normativos e definições para as escolas indígenas, dentre os quais citamos um documento muito importante que vigora e impacta positivamente na educação escolar indígena até hoje o Parecer CNE/CEB Nº 13/2012 e conseqüentemente a Resolução CNE/CEB 5/2012 que instituíram as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica que atendem a especificidade e peculiaridade dos povos indígenas.

O reconhecimento dos direitos educacionais específicos e diferenciados dos povos indígenas havia sido reafirmado no Decreto nº 1.904/96, que institui o Programa Nacional de Direitos Humanos, o qual estabeleceu como meta a ser atingida em curto prazo a formulação e a implementação de uma “política de proteção e promoção dos direitos das populações indígenas, em substituição as políticas assimilacionistas e assistencialistas”, assegurando “às sociedades indígenas uma educação escolar diferenciada”, conforme as especificidades de cada povo (RCNEI, 1998, p. 32).

A partir desse reconhecimento de que tratam tais dispositivos legais, a escola indígena finalmente ganhou sua nova posição e o seu novo objetivo que é de reconhecer a diversidade cultural e linguística, valorizar os saberes das comunidades indígenas, reafirmar suas identidades e favorecer o acesso aos conhecimentos técnico-científicos da atual sociedade civil, através de uma educação diferenciada e específica segundo os ideais de cada povo (FREIRE, 2004). Assim a escola passa atuar de forma autônoma e fortalecendo questões tradicionais por meio de um ensino e aprendizagem própria.

Na seção seguinte, iremos destacar alguns aportes teóricos e modelos de educação que a escola indígena atravessou até chegar ao cenário atual, isto é, a uma educação diferenciada e específica, onde os conhecimentos tradicionais passaram a ser reconhecidos e valorizados.

2.2 Educação Escolar Indígena: aportes teóricos

Conforme já destacado na seção anterior, defendemos uma Educação Escolar Indígena (EEI) que possa atender às necessidades educacionais dos povos indígenas e que se configure de forma bilíngue, intercultural, comunitária, específica e diferenciada. Todavia, compreender a EEI, nessa perspectiva, no faz também problematizar modelos de escolas que foram sustentadas por colonialidades (QUIJANO, 2002), em que

segmentos hegemônicos reinaram e negaram o direito do sujeito indígena de falar na sua língua, de ter suas crenças, costumes, valores e até mesmo suas representações culturais como objetos de aprendizagem na escola (CESAR; MAHER, 2018). Assim, uma questão importante referente à educação proposta às comunidades indígenas refere-se aos modelos.

Para Maher (2006), no processo de colonização do Brasil, a gênese da educação escolar indígena está diretamente encaixada a dois paradigmas: o assimilacionista de submersão e o paradigma assimilacionista de transição. Segundo esse modelo de educação, a história e cultura indígena não contam, daí a necessidade de catequese, implicando a negação de valores, práticas culturais, línguas indígenas, conforme a autora coloca no trecho a seguir

Nesse paradigma, o que se pretende é, em última instância, educar o índio para que ele deixe de ser índio: o objetivo do trabalho pedagógico é fazê-lo abdicar de sua língua, de suas crenças e de seus padrões culturais e incorporar, assimilar os valores e comportamentos, inclusive linguísticos, da sociedade nacional. Inicialmente, tentou-se atingir tal objetivo através das orientações fornecidas pelo Modelo Assimilacionista de Submersão, onde as crianças indígenas eram retiradas de suas famílias, de suas aldeias e colocadas em internatos para serem catequizadas, para aprenderem português e os nossos costumes, enfim, para “aprenderem a ser gente”. Porque o que se acreditava é que os costumes e crenças indígenas não correspondiam aos valores da modernidade (MAHER, 2006, p. 19-20).

Esse modelo de educação escolar indígena, conforme discutido pela autora, sustentou-se em uma perspectiva colonial ou de colonialidade do saber (QUIJANO, 2002), em que o eurocentrismo, como forma hegemônica de controle no modo de produzir conhecimento, desconsiderou os saberes/conhecimentos locais dos povos indígenas e a importância dos saberes culturais, linguísticos e práticos. Dessa forma, práticas como as descritas por Maher povoam a história da educação escolar indígena no Brasil. Ainda segundo a autora, há muita documentação escrita atestando que o índio era visto como um bicho, um animal que precisava urgentemente, de acordo com o projeto de construção da Nação Brasileira, ser “civilizado”, “humanizado”, e à escola cabia levar a cabo tal incumbência, através de programas de submersão cultural e linguística.

Assim, surgiu o Modelo Assimilacionista de Transição, no contexto da educação escolar indígena. Nesse modelo, a autora pontua que

Não há a retirada da criança indígena do seio familiar. Antes, cria-se uma escola na aldeia e a língua de instrução, nas séries iniciais, é a língua indígena,

porque, percebeu-se, é extremamente difícil alfabetizar uma criança em uma língua que ela não domina. Mas, nesse modelo, depois que a criança é alfabetizada em sua língua materna, depois que ela entende o que é a escrita, como é o seu funcionamento, vai-se introduzindo o português paulatinamente até que a língua indígena seja totalmente excluída do currículo escolar. A função da língua indígena é apenas servir de elemento facilitador para a aprendizagem de língua portuguesa, a qual, tendo sido aprendida, passará a ser a língua de instrução na apresentação dos demais conteúdos escolares (MAHER, 2006, p. 21).

Esse modelo de educação indígena teve muito peso e, lamentavelmente, experiências dessa natureza aconteceram em nosso Brasil, principalmente entre os povos indígenas das regiões Norte e Centro-Oeste, em um tempo não muito distante do nosso, pois esse cenário era os anos 70, quase final do século XX. Embora esse último modelo ainda seja seguido em muitas escolas indígenas – de forma agora mais dissimulada, conforme argumenta Maher (2006), é verdade que –, nos últimos vinte anos, pudemos presenciar uma modificação importante no cenário da Educação Escolar Indígena com a introdução de um novo paradigma, o Paradigma Emancipatório. E sob seus princípios que é construído o Modelo de Enriquecimento Cultural e Lingüístico que, segundo a autora

Nele, o que se quer promover é um bilingüismo aditivo: pretende-se que o aluno indígena adicione a língua portuguesa ao seu repertório lingüístico, mas pretende-se também que ele se torne cada vez mais proficiente na língua de seus ancestrais. Para tanto, insiste-se na importância de que a língua de instrução seja a língua indígena ao longo de todo o processo de escolarização e não apenas nas séries iniciais. Além disso, esse modelo busca promover o respeito às crenças, aos saberes e às práticas culturais indígenas (MAHER, 2006, p. 22).

Vale destacar, conforme argumenta Maher, que a formulação dessa política educacional não aconteceu por acaso, pois ela é, inevitavelmente, fruto de um movimento de fortalecimento político das associações indígenas. Apoiadas por entidades da sociedade civil, as populações indígenas passaram, no final da década de 70, a se organizar politicamente em todo o território brasileiro. É por isso que vimos o índio ressurgir das cinzas nos anos 80.

Consideramos que esse paradigma também abre possibilidades para que questões relativas à elaboração de material didático específico para a escola indígena pudesse se constituir como uma estratégia para a preservação e para a revitalização de línguas indígenas. Nesse sentido, Quaresma (2012, p. 113) enfatiza que “o que consiste à representação gráfica dos livros ou de qualquer outro material didático impresso é muito

importante que se valorizem as ilustrações e os textos, de modo que o conjunto esteja harmonicamente belo, coerente com o povo indígena representado por meio do impresso.”

Isso apontará elementos que orientem para as mudanças e a conscientização que são imprescindíveis para fortalecimento da língua através de um processo investigativo no contexto escolar, objetivando dar respostas efetivas para a preservação, no caso desta pesquisa, da língua Palikur, frente a configuração dessa língua em contato com a língua portuguesa, mais precisamente, com o contato entre os palikur e a sociedade não-palikur. A respeito dessa importância de pesquisas acerca de línguas indígenas brasileiras Teixeira (1995, p. 293) enfatiza que

Além da importância científica, a pesquisa das línguas indígenas produz um conhecimento que pode ser revertido para o encaminhamento de soluções de problemas sociais e educacionais decorrentes, principalmente, da nova situação de contato das comunidades indígenas com as não-indígenas.” (TEIXEIRA, 1995, p. 293).

Ainda vale ressaltar que há vários relatos sobre a situação de muitos povos indígenas no Brasil já terem perdido as suas línguas tradicionais e até mesmo a extinção física destes durante o contato e o processo de assimilação forçada quando na época do Brasil Colônia, devido suas características e aos modos de vida diferenciados que apresentavam, sendo que os que sobreviviam eram obrigados a se adaptarem a uma nova realidade, em meio a qual os seus conhecimentos tradicionais não eram reconhecidos e valorizados.

Ainda nessa direção, Freire (2004) mostra-nos que apesar de terem sido ignorados, os indígenas tinham concepções pedagógicas que orientavam as ações e decisões dos indivíduos em qualquer circunstância, e seus saberes eram transmitidos basicamente pela via oral. Deste modo, a aprendizagem acontecia em todos os momentos do cotidiano, nos quais qualquer sujeito se tornava um agente educacional e os adultos, geralmente, ensinavam as crianças por meio do “aprender fazendo”.

Tal importância da língua seja na concepção pedagógica ou na preservação desta, conforme evidenciada acima, demonstra que os povos indígenas devem continuar transmitindo os seus saberes, costumes e tradições seja por meio da oralidade ou por meio das práticas de letramento diversos às novas gerações, caso contrário, o uso dela entrará em declínio. Assim observa Duarte quando diz sobre o desuso de uma língua

As línguas minoritárias declinam quando os pais deixam de ensiná-las aos filhos, pois o contato com a língua majoritária vai ganhando cada vez mais

espaço e importâncias nas interações familiares. Portanto, o uso da língua materna nas interações familiares é de suma importância, mas não suficiente para a revitalização da língua (DUARTE, 2009, p. 29).

Nesse sentido, para evitar o desuso da língua Palikur, conforme observação acima, cabe ao povo reconhecer a importância de ensiná-la aos filhos, como também revitalizá-la por meio de escola que tem o dever de contribuir na sua manutenção e preservação. Assim, nesta pesquisa compreendemos que a escola também deve inspirar-se no valor da língua dos nossos ancestrais, isto é, investigar o conhecimento dos adolescentes em relação a língua Palikur, como também ouvir os anciãos que ainda transmitem essa língua na comunidade.

Dessa maneira, considerando os aspectos em termos de revitalização linguística e fundamentados nos princípios de autoafirmação e determinação dos povos indígenas brasileiros, que a EEI configurada de forma específica, diferenciada, intercultural, bilíngüe e de qualidade, seja um caminho profícuo para se assegurar ações didáticas e políticas linguísticas que possam contribuir para um ensino e aprendizagem significativa de aspectos culturais e linguísticos na relação entre o ensino de língua Palikur e o Português no contexto das práticas de letramento (STREET, 1984) escolar investigado a partir desta dissertação.

Na seção seguinte, iremos conhecer um pouco como essa especificidade se organiza e ocorre dentro da prática do sistema de ensino ofertado e atendido pelo Estado nas comunidades indígenas da região.

2.3 Educação Escolar Indígena diferenciada no contexto do Amapá

No Amapá, a Secretaria de Estado da Educação (SEED/GEA) é a responsável pela oferta, manutenção da infraestrutura, remuneração dos professores, avaliação e implementação dos currículos escolares para os povos indígenas do Amapá e Norte do Pará. Vinculado a Secretaria de Educação o Núcleo de Educação Indígena (NEI), fundado em 1990, que passou a executar a educação escolar indígena diferenciada junto às comunidades indígenas nos municípios do Oiapoque, Pedra Branca do Amapari e no Laranjal do Jari⁷.

Com a reforma em 1998, o NEI passou a ter em sua estrutura três unidades técnicas: a linguística, a antropológica e a pedagógica, para apoiar a política educacional

⁷ As Terras Indígenas do Tumucumaque ficam na parte Norte do Estado do Pará, sendo são referenciados pelo município de Laranjal do Jari devido a proximidade geográfica e também porque uma parte da terra indígena ocupa cinco por cento do Estado do Amapá, além disso os povos indígenas desta região são atendidos com políticas públicas pelo Amapá.

dos povos indígenas, pautado nos princípios que regem a Educação Escolar Indígena, ou seja, uma educação comunitária, intercultural, bilíngue/multilíngue, específica e diferenciada, de acordo com os marcos legais e normativos que vêm sendo constituídos nas últimas décadas em favor da educação escolar indígena.

Assim, o NEI é responsável por promover, acompanhar, gerenciar e articular políticas públicas voltadas para esses princípios e processos próprios de aprendizagem dos povos indígenas. Exerce um papel fundamental na elaboração de programas e currículos específicos em conjunto com os professores e comunidades que visam manter cultura, costumes e tradições de cada povo indígena. O currículo utilizado pelos professores na escola segue o currículo oficial da SEED, desenvolvido em período de 200 dias letivos e 800 horas anuais, sendo de acordo com a realidade de cada povo, do ensino infantil ao ensino médio.

Quadro 1 - Demonstrativo de escolas e alunos indígenas NEI 2014.

Área Indígena	Quantitativo de Escolas	Quantitativo de Alunos
Parque do Tumucumaque	24	1.102
Oiapoque	24	2.725
Pedra Branca do Amapari	08	397
Geral	56	4.424

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 2 - Quadro demonstrativo de professores indígenas e não indígenas NEI 2014.

Área Indígena	Professores Indígenas Quadro Efetivo Do Estado	Professores Indígenas Contratos Administrativos Do Estado	Professores Não Indígenas Quadro Efetivo Do Estado	Total
Parque Do Tumucumaque	6	51	24	81
Oiapoque	143	31	38	212
Pedra Branca Do Amapari	11	19	8	38
Geral	160	101	70	331

Fonte: Elaborado pelo autor.

Houve um avanço considerável na Educação Escolar Indígena no Estado do Amapá e Norte do Pará nas últimas décadas, tanto em termos de valorização e reconhecimento dos profissionais indígenas por parte do Governo do Estado, que criou a

categoria de professor Indígena pela Lei Estadual nº 984 de 19 de abril de 2006 garantindo assim pela primeira vez a realização do primeiro concurso público específico para professores indígenas (Edital nº 001/2006), que ofertou mais de 148 vagas distribuídas para os povos indígenas do Amapá e Norte do Pará.

Dessa forma, nas escolas indígenas estaduais no Amapá e na parte norte do Pará, os próprios professores indígenas passaram a assumir o Ensino Fundamental regular do primeiro segmento de suas comunidades, pois acredita-se que a educação bilíngue, adequada às particularidades culturais dos diferentes povos, é melhor atendida por próprios professores indígenas devido esse conhecimento bilíngue que o mesmo utiliza nas salas de aulas, o que facilita a compreensão em língua materna e em língua portuguesa.

A oferta de ensino nos níveis de equivalência nacional de Ensino Fundamental de 6º ao 9º ano, Ensino Médio e EJA, é pelo projeto Sistema de Organização Modular de Ensino Indígena (SOMEI/NEI) criado através da Portaria nº 278/2007-SEED-GEA, reconhecido e aprovado pelo Conselho Estadual de Educação (CEE/SEED) em 2008 e implantado em 2009 nas escolas-polo das comunidades indígenas de Oiapoque, por meio do qual os professores atuam em sistema de rodízio no período de cinquenta dias letivos. Ou seja, as disciplinas são selecionadas pelas escolas-polo e encaminhadas junto ao NEI, onde a equipe técnica pedagógica juntamente com os professores do SOMEI realizam atividades de planejamento, de acordo com as etapas e níveis de ensino selecionados pela escola, onde o professor irá trabalhar o módulo, e onde o aluno tem a oportunidade de estudar e concluir as disciplinas selecionadas em apenas cinquenta dias letivos, diferentemente do ensino regular oferecida na cidade, no qual o aluno tem a possibilidade de concluir todas as disciplinas ofertadas em um ano.

Na área indígena wajãpi, no município de Pedra Branca do Amapari, o projeto foi implantado no ano de 2010, na modalidade EJA. As aulas, por meio desse projeto, também seguem o mesmo ritmo em módulos letivos pelos professores não índios e índios que lecionam nas disciplinas Língua Materna e Cultura Indígena em escolas-pólo. Porém, a educação infantil e ensino fundamental do primeiro segmento também são ministrados pelos próprios professores indígenas wajãpi, pois entende-se que aprendizagem fluir melhor com o próprio professor indígena.

No extremo Norte do Estado do Pará, no Parque Indígena do Tumucumaque, onde vivem os cinco povos indígenas: os Apalai, os Wayana, os Tiriyó, os Txikiyana e os Kaxuyana, essa modalidade de ensino através do SOMEI não foi implantado como

em outras áreas indígenas no Amapá, devido o acesso, a realidade específica da região e condições precárias das escolas indígenas que ali se encontram. No entanto, a educação infantil e ensino fundamental do primeiro segmento acontece regularmente e são ministrados pelos próprios professores indígenas contratados pelo Estado e pelos professores não índios do quadro efetivo do Estado que passaram no concurso público em 2005, os quais trabalham a modalidade de Educação de Jovens e Adultos multisseriados. Sendo assim, a educação escolar indígena para esses povos tem se configurado como um grande desafio até hoje no que diz respeito ao cumprimento do calendário letivo, pois o acesso nessa região só é possível por meio de transporte aéreo, fato esse que numa oportunidade faz com que os pais tomam as decisões e mandam os seus filhos estudarem na cidade.

2.4 A Escola Indígena Estadual Moisés Iaparrá

A Escola Indígena Estadual Moises Iaparrá, localizada na aldeia Kumenê, é uma escola-pólo com oito salas de aulas, com capacidade de atender mais de quinhentos alunos e oferece as etapas de Ensino Infantil, Ensino fundamental, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Uma nova escola foi inaugurada em 2014 e é segunda escola construída toda em alvenaria. Do ensino infantil ao ensino fundamental nos anos iniciais do 1º ao 5º ano, os alunos são atendidos pelos próprios professores indígenas contratados pelo Estado, com uso de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.

O Ensino Fundamental anos finais e Ensino Médio são atendidos por módulos e pelos professores não índios do SOMEI do quadro efetivo do Estado. Os módulos compreendem 50 dias letivos e acontecem em sistema de rodízio na escola, como também nas demais escolas-polo nas principais comunidades indígenas do Oiapoque, como por exemplo nas aldeias Manga, Santa Isabel e Espírito Santo do povo Karipuna e na aldeia Kumarumã do povo Galibi-Marworno, com intervalos de quinze dias entre um módulo e outro, ou seja, período em que todos os professores retornem ao NEI para novos planejamentos para o próximo módulo.

Vale lembrar que com essa modalidade de ensino nas comunidades indígenas de Oiapoque e particularmente na Escola Indígena Estadual Moisés Iaparrá não se vê mais a presença de alunos não indígenas ou filhos de professores não índios presentes na comunidade, como acontecia em outras épocas, como por exemplo na década de 80 e 90, período em que os professores não índios tinham que permanecer na aldeia trabalhando o

ano todo e assim alguns eram obrigados a trazer sua família para perto de si e os matricular na escola que fosse trabalhar, ou seja, no ensino de 1ª a 4ª série.

Com o surto da pandemia do coronavírus (Covid-19) em 2020 as aulas pelo SOMEI tiveram que ser suspensas em todas as escolas-polo nas áreas indígenas de Oiapoque e só retornaram no início do ano de 2023. A suspensão das aulas limitou o desenvolvimento da pesquisa, particularmente na Escola Moisés Iaparrá, pois não foi possível aplicar os questionários para os alunos pre-selecionados, ou seja, da turma do 9º ano, como também para os seus professores no tempo oportuno.

Figura 3 - Escola Indígena Estadual Moisés Iaparrá



Fonte: PPP – Escolar (2017).

Figura 4 - Vista da Escola Indígena Estadual Moisés Iaparrá - 2ª estrutura.



Fonte: Aldiere Orlando (2015).

Os planejamentos de aulas para os módulos letivos são orientados pela equipe técnica pedagógica do NEI nos períodos de intervalos em Macapá os quais são trabalhados nos módulos seguintes. Vale ressaltar que no grupo de professores do

SOMEI três professores são indígenas palikur que residem na aldeia Kumenê e atuam como professores das disciplinas Língua Materna/Palikur e Cultura Indígena que integram os componentes curriculares da base nacional comum.

A escola conta com um Projeto Político Pedagógico (PPP) de 2017, que apresenta objetivos que retomam a importância do ensino da Língua e da Cultura Palikur, sem deixar de considerar o ensino de Português.

Quadro 3 – Objetivos do Projeto Pedagógico da Escola

Objetivos	Descrição
Gerais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Proporcionar a comunidade indígena da aldeia Kumenê, uma educação voltada para a realidade de seu povo, que respeite e valorize sua cultura, tradição, costumes e crenças, ao mesmo tempo, que a escola seja para o indígena e atenda aos interesses da etnia contribuindo para a recuperação de suas memórias históricas a reafirmação de sua identidade étnica a valorização de suas línguas e crenças, na busca da autoafirmação do povo Palikur;
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Garantir ao indígena Palikur o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científico da sociedade nacional e das demais sociedades indígenas e não indígenas;
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Desenvolver currículo e programas específicos, neles incluindo os conteúdos culturais correspondentes ao povo Palikur
Específicos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Promover a formação básica específica e de qualidade a criança, jovens e adultos da comunidade; ▪ Fortalecer as práticas socioculturais e a língua materna da comunidade Kumenê; ▪ Elaborar e publicar sistematicamente material didático específico da etnia. ▪ Desenvolver hábitos de leitura na Língua Materna e Língua Portuguesa nos educandos; ▪ Desenvolver projetos educativos com envolvimento e participação da comunidade; ▪ Promover cursos profissionalizantes em nível médio para clientela escolar indígena; ▪ Promover cursos livres de interesse da comunidade; ▪ Promover a integração família/ escola através de atividades recreativas; ▪ Promover reuniões de pais e mestres bimestrais; ▪ Promover plantões pedagógicos bimestrais; ▪ Ofertar cursos de formação continuada para professores; ▪ Efetivar a regularização de documentação de alunos concluinte do ensino fundamental e médio da escola.

Fonte: Elaborado pelo autor com base no PPP.

Ainda conforme o PPP da escola (2017, p. 25), “o método da educação bilíngues”, isto é, a alfabetização das duas línguas (materno e português) ocorre do 1º ao 5º ano, pois

O Ensino Fundamental nos anos iniciais que compreende do 1º ao 5º ano, os alunos são atendidos pelos professores indígenas. Nessa fase é usado o método da educação bilíngue, onde os alunos são alfabetizados inicialmente na língua materna e aprendem a língua portuguesa como segunda língua. O professor planeja suas atividades pedagógicas voltada para o desenvolvimento das habilidades básicas para a alfabetização e na aquisição de novas habilidades, bem como, na resignificação de conhecimentos que a criança já possui. Na sala de aula o professor atua com o coletivo, porém, enfatiza o atendimento individual como forma de melhor atender a dificuldade de aprendizagem de seu aluno.

No desenvolvimento das aulas, os professores também utilizam os livros didáticos de Programa Nacional do Livro Didático distribuídos para as escolas indígenas pelo MEC, no auxílio da aprendizagem do aluno, em suas pesquisas e na leitura da língua portuguesa. Nas disciplinas específicas de Língua Materna/Palikir e Cultura Indígena os professores indígenas utilizam os materiais como gramática sucinta na língua palikir “Você pode ler e escrever na língua Palikir” e o dicionário Palikir-Português, os únicos materiais didáticos existentes produzidos pelos Missionários Haroldo e Diana Green desde o ano de 1996, nos quais a ortografia se encontra mais sistemática e científica.

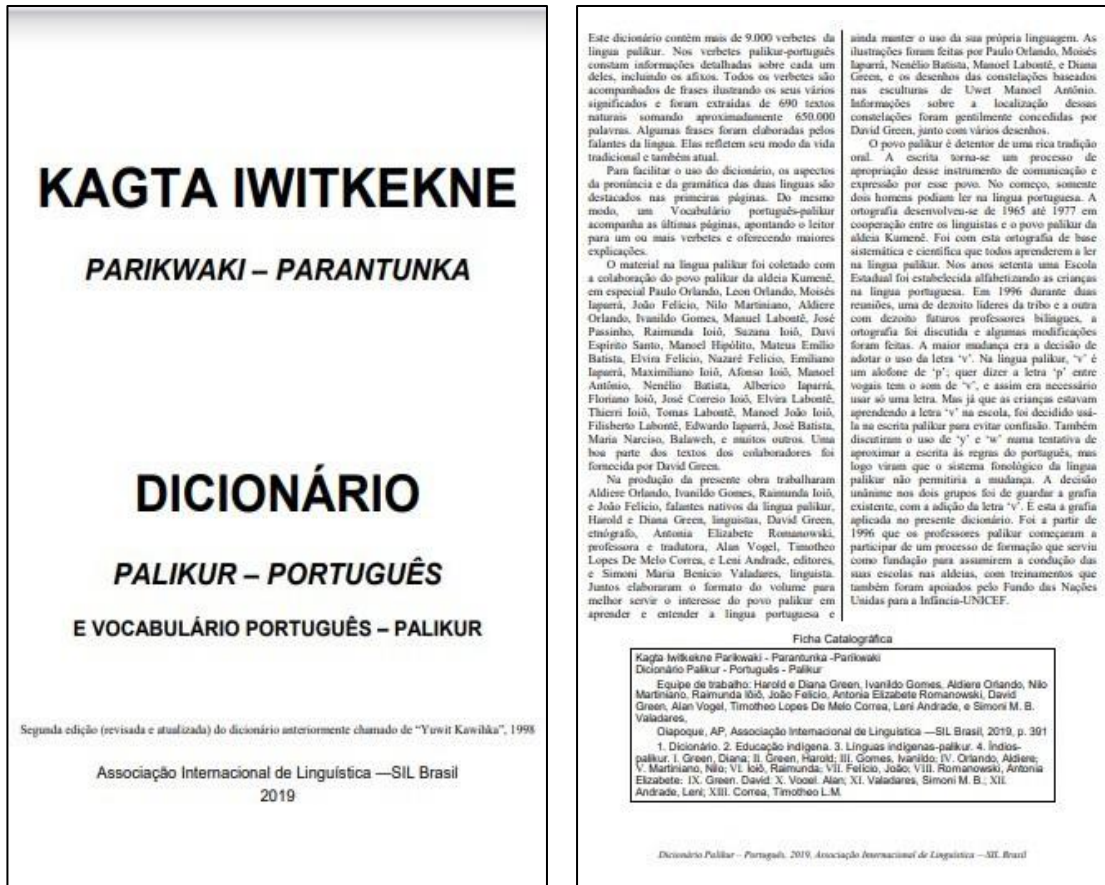
Importante ressaltar que os professores indígenas palikir do SOMEI também fazem os seus planos de aula, porém de acordo com a sua experiência de sala aula e acompanhados pela equipe técnica pedagógica do NEI, ou seja, no período de intervalo do módulo, visto que a escola ainda não possui um currículo escolar específico que possa orientar e determinar o caminho que os alunos devem percorrer na escola.

Figura 5 - Gramática sucinta na língua palikur “Você pode ler e escrever na língua Palikur, trabalho dos Missionários Green(1996) e seus informantes



Fonte: Acervo do autor.

Figura 6 - Dicionário Palikur-Português



Fonte: Acervo do autor.

Por meio desses materiais o professor indígena ensina a escrita da língua Palikur, seguindo as regras básicas que se aproximam da escrita das regras do português, no entanto o sistema fonológico é que diferencia a pronúncia da língua, fato esse que dificulta o ensino da escrita na sala de aula, apesar de ter esses dois materiais específicos na língua, pois ainda não existe padrão ortográfico que possa orientar a escrita. Os professores palikur e a comunidade são sabedores desse fato, porém almejam ter sua língua sendo aprendida na escola, assim como está sendo aprendida fora da escola, pois agora cabe aos professores o ensino da língua Palikur, fazer da escrita um processo de comunicação e expressão da rica tradição oral que o povo possui.

Dessa forma, compreende-se que os palikur finalmente parecem aceitar a educação escolar como uma prática necessária para o desenvolvimento, a superação de problemas e o aprofundamento das relações sociais com outras sociedades indígenas e não indígenas (PPP, 2017), como também para a preservação de sua identidade étnica, linguística e cultural, aliado a prática de letramento no contexto escolar, que antes era

entendido como algo de escravidão a seus filhos, pelo fato de não compreenderem os objetivos e o significado da escola.

No capítulo seguinte, apresentamos a metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa realizada, a qual configura-se como um estudo de caso, assim como a descrição dos instrumentos de geração dos dados e o percurso analítico.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DO ESTUDO DE CASO ETNOGRÁFICO

3.1 Configuração geral do estudo

Neste capítulo, a partir de nosso segundo objetivo específico, apresentamos a metodologia utilizada na pesquisa. Desse modo, o estudo realizado configura-se como estudo de caso (ANDRÉ, 1995) por proporcionar uma visão mais restrita do problema pesquisado e do contexto de investigação – comunidade indígena – e dos fenômenos que influenciam socialmente e linguisticamente esse contexto, os quais são importantes para a avaliação qualitativa do objeto pesquisado. Assim, inicialmente, tratamos do caráter teórico-metodológico da Linguística Aplicada Crítica, vertente que assumimos nesta pesquisa. Em seguida, tratamos a respeito da abordagem e do tipo e apresentação do contexto, os colaboradores da pesquisa, a descrição dos instrumentos de geração dos dados e percurso analítico.

3.1.1 A pesquisa em Linguística Aplicada Crítica de caráter qualitativa- interpretativista

A presente pesquisa situa-se no campo da Linguística Aplicada Crítica/INdisciplinar - LAC (MOITA LOPES, 2006, 2009) e configurou-se como qualitativa interpretativista, tendo em vista o escopo do que foi proposto para ser pesquisado. Sendo assim, a pergunta de pesquisa foi:

- a) Quais são as percepções de membros da comunidade Kumenê sobre o ensino e aprendizagem da Língua Palikur e do Português na escola?

Tendo por base essa questão de pesquisa e nossos objetivos, alinhar este estudo ao campo da LAC crítica foi inevitável, tendo em vista o comprometimento social e político que assumimos com a pesquisa, com nossos parentes indígenas, com a escola e com a comunidade indígena do Kumené, considerando que a LAC se configura campo teórico-metodológico e epistêmico, conforme defende Pennycook, que trata de questões

sociais em que a linguagem e as práticas de linguagem, isto é, práticas de letramentos sociais, tem um papel importante.

Dessa maneira, considerando o foco desta dissertação ao tratar sobre um contexto específico como da escola indígena e sobre relações que são estabelecidas entre o ensino da língua Palikur e do Português, concordamos como Pennycook ao propor que

[...] a LAC [Linguística Aplicada Crítica] é bem mais do que a adição de uma dimensão crítica à LA. Ao contrário, possibilita todo um novo conjunto de questões e interesses, tópicos tais como identidade, sexualidade, acesso, ética, desigualdade, desejo, ou a reprodução de alteridade, que até então não tinham sido considerados como de interesse da LA (PENNYCOOK, 2008, p. 68).

Moita Lopes (2006) e Kleiman (1998, 2013) compartilham da visão de Pennycook ao também defenderem a abertura de uma LA para um caráter crítico. Assim, para Moita Lopes (2006, p. 25) a LA deve trazer “para o centro de atenção vidas marginalizadas do ponto de vista dos atravessamentos identitários de classe social, raça, etnia, gênero, sexualidade, nacionalidade” (MOITA LOPES, 2006, p. 25), o que é condizente com a pesquisa realizada nesta dissertação, uma vez que o que nos importou foi ouvir os anciãos indígenas, sujeitos co-construtores desta pesquisa e dos significados construídos por esses intelectuais locais.

Nessa lógica, concordamos com De Grande (2011, p. 22) ao discutir o papel do pesquisador em LA como aquele que aplica teorias, mas como alguém que busca compreender os significados construídos a partir das representações trazidas pelos colaboradores da pesquisa. Assim,

O pesquisador em LA, ao compreender o mundo social como constituído pelos vários significados que o homem constrói sobre ele (através da linguagem nas relações e interações) e no acesso aos fatos através da interpretação desses vários significados que os constituem, encontra no paradigma qualitativo interpretativista a opção privilegiada para desenvolver investigações [...] A postura crítica se configura como uma característica de investigações situadas no campo da LA, o que envolve à adoção pelo pesquisador de uma perspectiva autocrítica e sensível aos contextos em que dados são gerados, o que envolve uma questão ética em relação a esse contexto e aos participantes da pesquisa

Kleiman (2013) ao falar sobre a agenda de pesquisa/investigação em Linguística Aplicada fala sobre a incorporação de métodos interpretativos como uma decorrência esperada numa área de pesquisa que se preocupa com a descoberta da realidade social e que tem compromissos com a utilidade social da pesquisa, ou seja, propõe-se a contribuir para resolver problemas da vida social. Nesse sentido, para Gomes (2017, p. 61)

A LA adota metodologias de caráter interpretativista para a observação e análise de dados correspondentes a essas questões, as quais estão interligadas com práticas sociais mediadas pela linguagem, quer seja em contexto de ensino ou não. Nesse sentido, o linguista aplicado busca envolver-se teoricamente não apenas com áreas afins à sua, mas com outras com o objetivo de entender as questões com as quais se defronta.

Assim, na ampliação da agenda da pesquisa/investigação da LA crítica há uma preocupação com o social, com *OS OUTROS*, com aqueles que foram marginalizados, subalternizados, minoritorizados, que tiveram suas históricas locais apagadas e silenciadas, mas que agora estão sendo convocados/as a terem voz e a serem ouvidos (KLEIMAN, 2013; MOITA LOPES, 2006). É com essa LA crítica que tem um comprometimento político de pesquisa com outras histórias, outras vozes, com outros sujeitos e que inclusive abre-se para que esses sujeitos sejam chamados a opinarem sobre os resultados de nossas pesquisas, que se configura como

uma Linguística Aplicada crítica com uma agenda que, em consonância com sua vocação metodológica interventiva, rompe o monopólio do saber das universidades e outras instituições que reúnem grupos de pesquisadores e intelectuais e toma como um de seus objetivos a elaboração de currículos que favoreçam, por um lado, a apropriação desses saberes por grupos na periferia dos centros hegemônicos e, por outro, a legitimação dos saberes produzidos por esses grupos. (KLEIMAN, 2013, p. 41)

André (1995) explicita sobre as tendências da fenomenologia que se encontra nas origens da abordagem qualitativa, que segundo ela, soam de forma genérica e extensiva, pois geram preocupações quanto ao cuidado de chamar de qualitativo qualquer tipo de estudo sem que se explicita de que tipo de pesquisa qualitativa se está falando.

A autora aponta ainda a necessidade de estudo mais profundo sobre esse assunto, pois ela destaca que para alguns (MARTINS, BICUDO 1989), a pesquisa qualitativa é a pesquisa fenomenológica, para outros (TRIVINOS, 1987), o qualitativo é sinônimo de etnográfico, para outros ainda (BOGDAN; BIKLEN, 1982), é um termo do tipo guarda-chuva que pode muito bem incluir os estudos clínicos. E, no outro extremo, há um sentido bem popularizado de pesquisa qualitativa, identificando-a como aquela que não envolve números, isto é, “na qual qualitativo é sinônimo de não quantitativo” (ANDRÉ, 1995, p. 19).

Ou seja, não havendo denominações precisas para determinar o tipo de pesquisa realizada, que pode ser prejudicial ao desenvolvimento da abordagem qualitativa. E para evitar esse equívoco que pode levar a um total descrédito da abordagem qualitativa, a

autora sugere que se utilize da denominação como: histórica, descritiva, participante, etnográfica, fenomenológica, etc. para evitar ambiguidade. Moita Lopes (1994) traz características de pesquisa interpretativista em Linguística aplicada que também envolve outra vertente de pesquisa interpretativista no contexto social de uma investigação.

Focamos aqui a pesquisa etnográfica abordado pela autora no contexto social da perspectiva dos participantes, que em vez de considerar somente observação do participante externo como tradicionalmente feito em pesquisa de base positivista, a pesquisa etnográfica leva em conta que em qualquer estudo contextualizado é essencial do ponto de vista do contexto social, e o pesquisador no desejo de entender os significados construídos pelos participantes do contexto social de modo a poder compreendê-lo, isto é, o processo ensino/aprendizagem por meio da investigação, que de posse das descrições/interpretações o pesquisador possa interpretá-los na tentativa de compreender os processos em estudo.

3.1.2 O estudo de caso

Esta pesquisa configura-se como descritiva-explicativa e do tipo estudo de caso. Segundo Gil (2002), um estudo de caso é um estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, que conceda seu vasto e detalhado conhecimento. Sendo que o estudo de caso pode ser utilizado por um ou mais grupos de pesquisadores. Outra característica do estudo de caso é que ele é qualitativo, apesar de ter a possibilidade de abranger alguma quantificação.

Assim, os estudos de caso podem descrever fenômenos que fornecem respostas relativas às causas acerca do objeto pesquisado, podendo proporcionar maior nível de profundidade para a interpretação de um contexto. Assim, este trabalho configura-se como um estudo de caso de valor qualitativo, descritivo- interpretativo porque busca permitir a compreensão sobre a percepção de membros da comunidade Kumenê sobre o ensino e aprendizagem da Língua Palikur e do Português na escola.

3.1.3 Contexto de pesquisa e instrumentos de geração dos dados

O contexto da pesquisa configura-se a partir da comunidade indígena do Kumenê que permitiu o detalhamento e o local da pesquisa, inclusive, trazendo o perfil dos participantes selecionados, isto é, os cinco clãs entrevistados, a descrição dos procedimentos e instrumentos da coleta de dados que forneceram suporte para posterior

análise das informações coletadas. E como instrumentos para coleta e geração dos dados foram utilizadas entrevistas semiestruturadas aplicadas aos participantes e gravadas em gravador de áudio portátil, que constituíram em dados que comprovam as descrições e as análises do caso.

A pesquisa previa o envolvimento de professores e alunos da turma do 9º ano do Ensino Fundamental do segundo segmento da disciplina Língua Materna/Palikur e Português, respectivamente, ainda no primeiro semestre do ano de 2020. No entanto, devido a pandemia do coronavírus (Covid-19) ter acometido do todo mundo e os decretos governamentais que suspenderam atividades no geral, a escola Moisés Iaparra não funcionou nesses últimos dois anos, o que não permitiu que se aplicasse os questionários aos alunos selecionados e aos seus professores, para coleta de mais dados.

A opção por esse nível de ensino tratava-se de que nesta fase os alunos já teriam sido alfabetizados e em condições para responder aos questionários do tipo fechado, os quais tinham dez perguntas cada, sobre o uso da língua Palikur e sobre o uso da língua Portuguesa e que nos dariam um norte acerca da aprendizagem dos alunos sobre as respectivas línguas.

Por outro lado, foi possível alcançar os cinco representantes dos seis clãs que formam a organização social palikur, pessoas com a idade de no mínimo 60 anos para cima, que dominam oralmente o conhecimento cultural, tradicional e linguístico de seu povo. A entrevista para este grupo de cinco pessoas consistiu em um roteiro e tema específico, isto é, sobre a situação da língua Palikur e aprendizagem da língua portuguesa pelos alunos indígenas na escola, sendo que o entrevistado falou tudo na língua.

A entrevista foi toda gravada em áudio e posteriormente foi transcrita e traduzida para o português. O modelo de entrevista utilizado com os participantes foi extraído do questionário do livro Manual de Linguística: subsídios para a formação de professores indígenas na área de linguagem (Maia, 2006), e adaptado para a realidade do povo Palikur para auxiliar no levantamento da situação educacional e sociolinguística da comunidade indígena do Kumenê. O Roteiro de entrevista para o levantamento preliminar de dados sociolinguísticos sobre a situação da língua Palikur foi aplicado no mês de março de 2020, na comunidade Kumenê, sendo autorizado pelas entrevistas a partir de Termo de Livre Esclarecido que foi fornecido.

4 ANÁLISE DOS DADOS – RESULTADO E DISCUSSÃO

Este capítulo é referente à discussão dos dados coletados durante a pesquisa de campo, através de uma entrevista semiestruturada que foi aplicada aos cinco líderes (clãs) da comunidade Kumenê, no município de Oiapoque. Ele é apresentado através de perguntas por tópicos e subtópicos, em que estão expostas as respostas ou opinião dos líderes sobre o ensino da língua Palikur e do Português na educação escolar indígena do povo Palikur na aldeia Kumenê.

4.1 Percepções dos líderes sobre o ensino da Língua Palikur e do Português como L2

Os cinco quadros, que são expostos nos anexos, mostram as respostas obtidas por meio da entrevista realizada com os cinco líderes (clãs), que se inicia pela: Caracterização do informante; Ensino; Posicionamento da comunidade; Situação sociolinguística; Uso da língua Palikur; Uso da língua Portuguesa; Do próprio grupo ou clã; e Avaliação do grau de vitalidade da língua Palikur.

Da caracterização do informante: No primeiro tópico, os cinco entrevistados se identificaram como moradores da aldeia Kumenê, falantes nativos da língua Palikur e tem acima de 60 anos, cada um representa seus clãs, sendo que apenas um reconhece ter aprendido um pouco o português, os outros quatro não demonstraram esse aprendizado, no entanto, em conversas, eles dizem que entendem um pouco português, mas não sabem falar, a não ser algumas palavras.

Cabe ressaltar que esses líderes não tiveram oportunidade de acessar a escola, mas o pouco que aprenderam da língua portuguesa foi na prática, devido a necessidade de diálogo com os comerciantes fora da aldeia, ou seja, na sede do município de Oiapoque, na comercialização de seus produtos agrícolas.

Como apresentaremos excertos das falas desses líderes em sua língua materna e na tradução para o português, usaremos os nomes pela expressão LÍDER + INICIAL DE SEU NOME e discutiremos os dados relacionados aos tópicos centrais relativos às percepções dos líderes sobre o ensino da língua Palikur e do Português.

Do ensino: Neste tópico, ao serem questionados sobre como percebem a alfabetização na comunidade, em que língua é feita, e se a escola adota algum método específico de ensino, vemos que as respostas são que as crianças aprendem primeiro a língua materna e depois o português, porém a alfabetização é feita na língua portuguesa, com a interpretação em palikur pelos professores indígenas para facilitar o ensino e aprendizagem dos alunos. Além disso, os entrevistados acreditam que essa forma de

ensino bilíngue é para preservar a língua materna Palikur face a língua Portuguesa. Ou seja, cada entrevistado expressa sua opinião ou pontos de vistas sobre o ensino na Escola Moisés Iaparrá, fazendo contrastes em relação a aprendizagem entre a língua Palikur e Português como segunda língua.

Interessante notar que nos excertos das falas dos líderes no quadro abaixo destaca-se algumas variações de linguagens presentes na fala de cada entrevistado, como por exemplo a palavra kannuhwaki na fala do líder E, e lekol na fala do líder P, ambas as palavras significam estudo em português. Ainda outro exemplo na fala dos mesmos é a palavra pase e awaku que significa porque. Além dos exemplos apresentados, nota-se que existem outras variações presentes nas falas de outros entrevistados que se encontram em destaque no quadro anexo.

Quadro 4 – Respostas às perguntas relacionadas ao eixo de ensino

Líder E	Líder P	Líder M	Líder W	Líder J
<p>E: - In kannuhwaki nah hiya igkis kannuhwa amin nawwotunye giwn. Igkis kannuhwa amin giwnkis hawata payak akak nawwotunye giwn.</p> <p>- <i>A alfabetização que eu vejo é voltada para aprendizagem da língua estrangeira. Eles aprendem a sua língua materna e a língua estrangeira respectivamente.</i></p> <p>E: - Akavuska bakimnayh kannuhwa giwnavrikkis. Ayteke pisenwa nikwe ku aysaw igkis ku danuhe amun quatro kamukwi, paxkabu kamukwi, nikwe igkis kannuhwa amin parantunka.</p> <p>- <i>No início as crianças aprendem a sua língua materna. Em seguida, quando tiverem quatros anos, elas aprendem o português.</i></p> <p>E: - Igkis iwin kun igkis kamaxne pahat annivwit. Ku aysaw igkis kannuhnek igkis kadahan</p>	<p>P: - Nah hiyamni... lekol in ewk kabayka. Igkis kannuhak amin nutuhbe Parikwaki a</p> <p>- <i>Para mim... a educação traz boas coisas. Eles ensinam acho que sobre a língua Palikur e a língua Portuguesa, para as crianças entenderem e conhecerem.</i></p> <p>P: - Ya, igkis kannuhak amin Parikwaki akak Parantunka hehpekwiye adah igkis pukuha.</p> <p>- <i>A Ifabetização é feita em Palikur e em Português respectivamente para haver compreensão.</i></p> <p>P: - Igkiswonakis battukewne nutuhbe, awaku yumahte ariknawnama kagta ku pariye adah huwitene igkis.</p>	<p>M: - Nah hiyamni akak inin kuri awaku abet inin ukannuhwan lekol ki in woka uhiyakemni. Wis ka misakwa kema minikwakma akiw, awaku mmanawa wixwiy tiviknene abet inin hiyakemniki gidahan nawwotuniye.</p> <p>- <i>Percebo que hoje em dia a alfabetização vem para abrir a nossa mente. Pois a gente não vive mais como antigamente, porque estamos no meio desse novo modo de vida.</i></p> <p>M: - Ku avim inin igkis kannuhak amin udahanwiy wownavrik Parikwaki.</p> <p>- <i>Atualmente a alfabetização é feita em nossa língua Palikur.</i></p> <p>M: - Ku akak inin kuri lekol akivaraviyene kamax hiyakemniki giwntakis hiyeg pitatiyewwi, ku pariye gihumpawnikis pitatye. Ayteke</p>	<p>W: - Ku akak inin madikte hiyeg kavusa lekoya. Parikwene uti inin lekol giwntak nawwotunye, henneme ku avim inin madikte parikwene kavusa lekolya amin hiyakemniki ku pariye kibeyne hawata igkis lekolya amin iwit ku pariye parikwene giwnkis awaku inin parikwene giwn in me biyukemet.</p> <p>- <i>Hoje em dia todos já estudam. Os índios sabem desses estudos foi por meio dos não índios, por isso todos os indígenas estudam hoje em dia sobre diversos assuntos bons, eles também estudam sobre a sua própria língua porque a língua materna está em risco de extinção.</i></p>	<p>J: - Nah hiya ay in, neras ku pariye lekolyavu, igkis kannuhwa amin lekol adahan igkis kannuhne bakimnayh amin lekol.</p> <p>- <i>Eu vejo aqui os alunos que estudam na escola, depois que aprenderem eles tornam professores para as crianças.</i></p> <p>J: - Se igkis kannu bakimnayh, neras kiyavaptenen, igkis kannuhak amin parantunka. Igkisme neras bakimnayh nesayamni igkis kannuhak amin parikwaki.</p> <p>- <i>Quando estão ensinando, aqueles adolescentes, eles os ensinam a língua Portuguesa. Enquanto aos menores são ensinados a língua Palikur.</i></p>

<p>gannivwikis ariwntak inin gikannuhwankis.</p> <p>- <i>Eles a consideram como um trabalho. Quando tiverem a formação eles vão ter também o seu emprego, que é o resultado do estudo deles.</i></p> <p>E: - Pase pitatye iwit igkis kannuhwa amin...amin gidahankis giwnkis. Mmahki igkis kannuhwa amin giwnkis, adah mahwakama adah igkis pukuhanek ku aysaw igkis</p> <p>- <i>A primeira língua que se aprende é a sua língua materna. Por que aprendem a sua língua, para que quando forem traduzir vão entender melhor...o ensino de português, e já vão saber sobre o que estão aprendendo</i></p>	<p>- Penso que cada um tem o seu próprio método, porque ainda não tem material específico que possa os orientar.</p> <p>P: - Awaku bakimnayh gikivarakis parikwene, inneki keh igkis kannuhwa amin giwnkis. Ayteke nikwe gikivarakis wages gidahankis parantunka adah igkis pukuhpin.</p> <p>- <i>Porque os professores das crianças são os indígenas, por isso elas aprendem a sua língua materna. Depois os professores traduzem para o português para as crianças entenderem o significado.</i></p>	<p>igkis kavusa ini annivwit kahadbe igkis kannuhne bakimnayh amin akak udah uhiyakemni minikwak akavuska ku samah wixwiw wewne akak udahanwiy uhiyakemniwiy.</p> <p>- <i>Ainda hoje os professores preservam o conhecimento tradicional dos antigos, o que tem servido como metodologia de base de ensino na escola, para que as crianças saibam sobre o nosso modo de vida tradicional de antigamente.</i></p> <p>M: - Pitatye kiyaygben awna nawenyewa iwit, giwnkis kiyavwihka, ku pariye akak inin bakimnayh kabahte ka kannu awna akiw awaku ayipa wageswe kuri mukune iwit. Kannuhaka Amin parantunka... ku aysaw lekol danuhe nikwe igkis nawwotunye kiyekisa ta gitkis hiyeg madikte, wixwiw, adah kahadbekama wixwiw ka miyeh wownwiy, adah wixwiw kannuhwa amin ihumpahwaki pitatye ku samah amekenegben gihumpawankis.</p> <p>- <i>Antigamente os mais velhos</i></p>	<p>W: - Parikwaki.</p> <p>- Na língua Palikur.</p> <p>W: - Nah hiya minikwak kiyavwiye amekene Mosés, ku aysaw ig humaw lekol akivara, nikwe ner lekol akivara ku aysaw ig danuh atan nikwe ig kannivwi gikak, ig awna git: ba kadahanama kagta yidahan ay parikwaki? Nikwe in kavusa kehka. Kiyavuno Dian kavusa keh, giwntak neras kiyaygben pitatyevwi, nikwe ini kagta kavusa pes, henneme</p> <p>- <i>Eu vi antigamente quando o finado Moisés era professor, naquela época um professor não índio chegou aqui e trabalhou com ele, e perguntou para ele: vocês têm algum material em palikur? E foi a partir daí que iniciou a produção de material. A senhora Diana começou a fazer esse material, com apoio de muitos anciãos na época, e foi a partir daí que se iniciou a produção do material. Eles a ajudaram fazer esse trabalho para a</i></p>	<p>J: - Akak inin yuma.</p> <p>- <i>Primeiro eles ensinam o português e também a língua Palikur, respectivamente, para não perderem a língua deles.</i></p>
---	--	--	--	---

		<p><i>tinham uma linguagem diferente, falavam uma linguagem de cortesia, que hoje as crianças já não sabem falar mais porque já mudou para a nova forma de falar. Os mais velhos ensinavam sobre a forma de falar, de responder e de como se traduz para mais simples a linguagem falada para que todos possam entender. Sobre o português... quando a escola chegou então os professores começaram a lembrar para todos, para nós, para não esquecermos da nossa língua materna, para revitalizarmos e preservarmos a cultura dos nossos antepassados.</i></p>	<p>escola.</p> <p>W: - In ku avim inin, nutuhbe in wew pahempteke akak Parantunka akak Parikwaki. Henneme</p> <p>- Vejo que hoje em dia a aprendizagem caminham juntas, ou seja, a língua Portuguesa e a língua Palikur. Mas na língua Palikur há muitos assuntos a serem estudadas como os assuntos em outras línguas.</p>	
--	--	---	---	--

Do posicionamento da comunidade: Os entrevistados afirmam que a comunidade Kumenê considera como necessária a educação escolar para os seus filhos, que todos devem aprender e ter seus estudos. E entendem que através da educação se preserva e estuda a sua própria língua, como também a importância de saber falar em outras línguas, como o português, por exemplo. E acreditam que se a comunidade não favorecer o ensino da língua Palikur na escola, colocaria em risco de extinção a própria língua. E lembram que os seus antepassados não tiveram essa oportunidade de reconhecer tal importância que hoje percebem, isto é, da importância de preservar e manter viva a sua língua materna.

Da situação sociolinguística: Ao serem perguntados que línguas são utilizadas e faladas na comunidade, o primeiro entrevistado responde que a língua portuguesa, para se aprender e se comunicar durante os encontros quando tiver presença de pessoas de fora da aldeia, porém a resposta dos outros que a língua palikur é que deve ser primeiro aprendida, na família, e depois o português, na escola. Dos casamentos interétnicos, isto é, sobre que línguas as crianças adquirem dessa união, cada um tem sua opinião, pois trata-se de caso específico, no entanto havendo casamento nessa situação, que os pais devem ensinar os filhos a língua Palikur e também a outra língua, seja qual for a etnia, caso contrário a língua Palikur deixaria de ser falada pela criança.

Do uso da língua Palikur: Ao serem perguntados sobre o grau de uso da língua Palikur demonstrado pelos vários segmentos etários da comunidade, isto é, pelos homens, mulheres, adultos, jovens e crianças. As respostas são que a língua Palikur está se perdendo, ou seja, as crianças, os adolescentes e mulheres já não falam aquela linguagem praticada pelos mais velhos, ou seja, a variação privilegiada. Já na escrita ou na leitura são os professores indígenas que sabem mais a língua Palikur atual, no entanto, que eles ainda sentem dificuldades para escrever e ler, pois é escrita somente quando alguém precisa enviar uma carta a alguém. Outros ainda dizem que a falta do material didático específico torna baixo a qualidade de ensino e aprendizagem da língua Palikur na escola.

Do uso da língua Portuguesa: o grau de uso da língua Portuguesa demonstrado pelos vários segmentos etários da comunidade, por homens, mulheres, adultos, jovens e crianças. A resposta para este tópico é que os professores homens mais antigos sabem falar melhor o português, enquanto que as mulheres professoras, ainda sentem dificuldades nesta língua. Os jovens de hoje também dominam bem o português, principalmente os rapazes. As crianças, ainda não, estão começando a aprender. A escrita

da língua portuguesa ocorre na escola e no momento de comunicação ou relato de participação de eventos externos. E, na opinião de outros, o domínio da língua portuguesa depende do nível de estudo e da prática da pessoa.

Do próprio grupo ou clã: a visão que crianças, jovens, adultos e velhos têm, respectivamente, de sua língua e cultura. Um dos entrevistados responde que o povo fala a língua palikur, mas ainda não tem dado atenção ao que ela representa. Outro entrevistado responde que aprecia a cultura e a língua materna e que a comunidade considera importante aprender e manter a língua do grupo e também que a língua materna seja ensinada na escola para não ser esquecida. E, quando perguntados se há histórias tradicionais que explicam a origem da língua Palikur, todos os entrevistados respondem que os antigos contavam e diziam que a língua Palikur se originou de vários grupos (clãs), dos grupos que os antigos chamavam de imosri, dos grupos da família largatixa, da família do ananás, da família do peixe piramutaba, todos esses grupos falavam a língua Palikur, mas que cada um com a sua própria linguagem, e ainda relatam que a língua do clã kamuyene, grupo já extinto, é que mais prevaleceu até os dias de hoje pelos atuais palikur.

Da avaliação do grau de vitalidade da língua Palikur: sobre a avaliação da situação da língua Palikur face à língua Portuguesa, e as causas de um possível processo de desuso da língua, as respostas são que a língua portuguesa e a língua palikur, cada qual tem seus próprios modos de serem faladas, porém, que evitam a pressão da língua portuguesa sobre a língua Palikur, para preservá-la na prática oral em qualquer lugar e ambiente. Na pergunta, que sugestões você apresentaria para a preservação da língua Palikur, a resposta é que se a comunidade quer preservar bem a língua Palikur, todos devem tomar cuidado na hora de falar e continuar ensinando os filhos. Também que tem que ter material didático específico na língua para ensinar na escola, para que assim ela não se perca.

Em seguida, na pergunta como você compara a situação sociolinguística da aldeia enfocada com a observada em outras aldeias da mesma etnia? A resposta é que os que moram em outras aldeias, a metade fala bem a língua, a metade não fala bem, ou seja, existe uma variação de linguagens praticadas pelas comunidades, aquelas comunidades que ainda preservam bem a linguagem mais antiga, a cortesia, falada pelos mais velhos, e aquela que está sendo praticada nos dias de hoje, a “gíria”, falada pelos mais novos, no entanto, essa variação ainda é considerada também a língua Palikur. Ou seja, a linguagem

mais antiga está deixando de ser praticada, pois somente os mais velhos a dominam, pois ela não é registrada e documentada como o que ocorre parcialmente com a atual língua Palikur.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se pôde observar no último capítulo, referente à discussão de dados, a partir da análise das respostas das entrevistas aos líderes (clãs) Palikur, observou-se que todos os entrevistados afirmaram que a língua Palikur deve ser ensinada não só entre a família, mas também na escola para preservação cultural e linguística do povo. Porém, que a língua Portuguesa como L2 é importante para prática oral e escrita. Isso é fato, pois é uma língua oficial no Brasil, e por fazer parte da Federação Nacional é preciso aprender a língua Portuguesa para poder defender os nossos direitos constitucionais e manter relação com a sociedade civil.

Um dos objetivos que se tinha era investigar a relação entre o ensino da língua Palikur e o ensino de língua Portuguesa na E.I.E. Moisés Iaparrá, que por motivos alheios, não foi possível realizar esta pesquisa. Porém, em vista do que foi exposto até aqui, podemos caracterizar que a língua Palikur é uma língua de base do conhecimento para aquisição de outras línguas, como a língua Portuguesa, por exemplo. No entanto, pelo que se percebe, que a dificuldade maior tanto na escrita quanto na leitura da língua Palikur, apesar da existência de alguns materiais de leitura em palikur, é pelo fato dela não possuir um padrão ortográfico que possa orientar o ensino e aprendizagem na escola.

Porém, foi possível, através desta pesquisa, obter informações e conhecimentos sobre a real situação da língua Palikur na comunidade Kumenê, e principalmente poder conhecer e identificar as particularidades da língua Palikur por meio dos entrevistados, onde os mesmos afirmam que existe uma variação privilegiada (mais antiga) de falar a língua palikur e assim temem perder essa língua mais antiga, porém, nos estudos linguísticos, compreendemos que a língua é um produto social, mutável, vivo, em constante processo de evolução, pois, está sempre sofrendo influências externas e internas, assim, surgem mudanças, variações, adaptações que modificam a língua. Em vez de temerem a diferença ou acharem que a forma de falar de uma comunidade é mais correta que a outra, seria mais favorável enriquecer os saberes linguísticos e culturas da nossa comunidade, aceitar ou compreender que tais diferenças são variações adquiridas ao longo da história e formação cultural e social de cada grupo.

Além disso, não há uma sobreposição no uso da língua Portuguesa sobre a língua Palikur, muitas vezes o Palikur é mais privilegiado do que a Portuguesa. Esse fato é perceptível na fala dos entrevistados quando são questionados sobre “qual língua falam”, e todos respondem que falam Palikur, e é utilizada no dia a dia da comunidade, no âmbito familiar e escolar. Já a língua portuguesa é utilizada para estabelecer diálogo político e comercial fora da aldeia local.

Quanto ao ensino da língua materna e da língua portuguesa, os entrevistados afirmam que as crianças aprendem primeiramente a língua Palikur e posteriormente a língua Portuguesa por meio da alfabetização escolar. No entanto, percebe-se uma certa preocupação nos entrevistados quanto ao limite do ensino da língua Palikur, evidenciado na fala do entrevistado 4 ao ser questionado sobre "quando e como se dá a aprendizagem da primeira e segunda língua?" Ele responde: “Vejo que hoje em dia a aprendizagem caminham juntas, ou seja, a língua Portuguesa e a língua Palikur. Mas na língua Palikur há muitos assuntos a serem estudadas como os assuntos em outras línguas”. Portanto, que o ensino da língua Palikur deve ser expandida para outras áreas de ensino, outras disciplinas, como literatura, geografia, história, matemática, etc. Devemos, portanto, adotar uma política que incentive a leitura da língua Palikur tanto no contexto escolar quanto fora da escola, para fortalecer e assegurar o seu uso entre o povo e a futura geração.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. E. D. A. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Liberlivro, 2005.
- BARROS, SILVA, E. **A Língua Parikwaki (Palikur, Arawak): Situação Sociolinguística, Fonética e Fonologia** – Rio de Janeiro, 2016.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil (1988)**. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2006.
- CAPIBERIBE, A. **Batismo de Fogo: os Palikur e o Cristianismo**. Fapesp/Nuti/Annablume: São Paulo, 2007.
- D'ANGELIS, W. R. Educação escolar indígena: um projeto étnico ou um projeto étnico-político? In: **Questões de educação escolar indígena: da formação do professor ao projeto de escola**. VEIGA, Juracilda; SALANOVA, Andrés (Orgs.). Brasília: FUNAI/DEDOC, Campinas/ALB, 2001.
- DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.
- DE GRANDE, Paula B. O pesquisador interpretativo e a postura ética em pesquisas em Linguística Aplicada. **Eletras**, v. 23, n.23, dez. 2011.
- DUARTE, E. V. **Concepção e Elaboração de Materiais de Ensino para Povos Indígenas: O Caso Apurinã**. Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Pará – Belém, 2009.
- MAHER, T. M. **Formação de professores indígenas: repensando trajetórias**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, Brasília, 2006.
- FREIRE, J. R. B. Trajetória de muitas perdas e poucos ganhos. In: **Educação escolar indígena em Terra Brasilis**, tempo de um novo descobrimento. Rio de Janeiro: IBASE, jul. 2004.
- Gil, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- KLEIMAN, A. Agenda de pesquisa e ação em Linguística Aplicada: problematiza- ções. Em L. P. Moita Lopes, **Linguística Aplicada na modernidade recente: festschrift para Antonieta Celani**. São Paulo: Parábola.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade, poder, globalização e democracia. **Novos rumos**, n. 37, p. 4-28, 2002.

GOMES, A. A. S. Educação escolar indígena e educação escolar não indígena: ponto de convergência, o PB. **Revista Brasileira de Línguas Indígenas**, v. 1, p. 103-115, 2018.

GOMES, A. A. S. Ensino de português brasileiro por professores não-indígenas na escola indígena: uma questão de interculturalidade, de pragmática. **Revista Brasileira de Línguas Indígenas**, v. 2, p. 31-43, 2019.

GOMES, A. A. S. Estágio curricular nas licenciaturas interculturais indígenas: um caso particular na área de linguagens. OLH@RES - **REVISTA ELETRÔNICA DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DA UNIFESP**, v. 1, p. 269-296, 2013.

GOMES, A. A. S. Interculturalidade e decolonialidade na educação escolar indígena: o papel da língua indígena. In: GOMES, A. A. S. (Org.). **Ensino de Línguas e Educação Escolar Indígena**. 1ed. Macapá: Editora da Unifap, 2019, v. 1, p. 14-29.

GOMES, A. A. S.. Ensino de português brasileiro por professores não-indígenas na escola indígena: uma questão de interculturalidade, de pragmática. **Revista Brasileira de Línguas Indígenas**, v. 2, p. 31-43, 2019.

GREEN, D. H. **Dicionário Palikur-Português**. Sociedade Internacional de Linguística, Belém-PA, 2008.

GREEN, Diana e Harold. **Gramática sucinta da língua palikur: você pode ler e escrever na língua palikur**. Sociedade Internacional de Linguística, Belém-PA, 1997.

GRUPIONI, Luís Donizete Benzi. **Educação escolar indígena em Terra Brasilis**, tempo de um novo descobrimento. Rio de Janeiro: IBASE, jul. 2004.

MANUAL DE LINGÜÍSTICA: subsídios para a formação de professores indígenas na área de linguagem / Marcus Maia – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

MARINA, KAHN. **Educação Indígena no Brasil: Conquistas e Desafios**. Educação Escolar Indígena. Brasília: INEP/MEC, 1994.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DESPORTO. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**: Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

MOITA LOPES, L. P. (Orgs.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MOITA LOPES, L. P. Da aplicação de Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. (Orgs.) **Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2009.

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL, v. 3 **Amapá e Norte do Pará** – São Paulo, 1983.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA INDÍGENA ESTADUAL MOISÉS IAPARRÁ, Oiapoque, 2017.

QUARESMA, Francinete de Jesus Pantoja. **Análise de Livros Didáticos do Povo Indígena Mebengôkre** / Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Pará – Belém, 2012.

TEIXEIRA, Raquel F. A. **As línguas indígenas no Brasil: sociedades, línguas e culturas indígenas no Brasil**. In: SILVA, Aracy Lopes da; GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. **A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus**. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995.

VIDAL, Lux Boelitz. **Povos Indígenas do Baixo Oiapoque: o encontro das águas, o encruzo dos saberes e a arte de viver**. Museu do Índio e Iepé, 2007.

RODRIGUES, E. S.; RIBEIRO, A. J. C.; FRAGOSO, L. C. P. L. Compreensão Multimodal e Rastreamento Ocular na Leitura de Gráficos. In: MAIA, M. (Org.). **Psicolinguística e Educação**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2018. p. 133-172.
STREET, B. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: CUP, 1984.

PENNYCOOK, Alastair. **Translingual English**. Australian review of applied linguistics, v. 31, n. 3, p. 30.1-30.9, 2008.

CESAR, A. L. S.; MAHER, T. M. Políticas linguísticas e políticas de identidade em contexto indígena – uma introdução. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, v.57, n.3, p. 1297-1312, set./dez. 2018.

ANEXOS - Primeiro levantamento de dados – Representações dos líderes indígenas sobre a língua Palikur e o Português
ANEXO 1 - Entrevista 1 – Emiliano Iaparrá – Clã Wadahyene

Os destaques em negrito demonstram as variações faladas por entrevistado

1 Gimin ner inetikekne	1 Caracterização do informante
A: Nikwe nah ayapi, mmah piw? E: - Nah Emiliano.	1.1 Qual é o seu nome? - Meu nome é Emiliano.
A: Aysaw kamukri pis kadahan? E: - Nah kadahan 68.	1.2 Quantos anos você tem? - Tenho 68 anos
A: Kariwntak pis, pariye pewkni? E: - Nah ewk Iaparrá.	1.3 Qual é o seu clã? - Sou do clã Iaparrá.
A: Pariye pannivwi ku avim inin ay paytwempu? E: - Nah kun ikene comunidade gawaygikis.	1.4 Que atividade você que exerce na comunidade? - Eu sou como um conselheiro na comunidade
A: Ku avim inin pariye paytwempu pis misakwa avit? Mmahpa pis danuh atan. E: - Nah misakwa avit paytwempu Kumenê. Minikwak akak puwayt, kuri akak inin akak moté.	1.5 Qual é a sua aldeia? Nome, localização, forma de acesso. - Moro na aldeia Kumenê. Antigamente a gente chega aqui com o remo, agora com o motor de popa.
A: Pariye iwit pis awna? E: - Nah adukwenewa awna Parikwaki. Hawata nah kannuhwa awna parantunka.	1.6 Qual é a Língua que você fala? - Eu ainda falo a língua Palikur. E também aprendi o português.
Amin lekol	2 Ensino
A: Mmahpa pis hiyap kannuhwaki ay avit lakumin, mmahpa pis hiya inin annut, kannuhwaki? E: - In kannuhwaki nah hiya igkis kannuhwa amin nawwotunye giwn. Igkis kannuhwa amin giwnkis hawata payak akak nawwotunye giwn.	2.1 Como você percebe a alfabetização na sua comunidade? - A alfabetização que eu vejo é voltada para aprendizagem da língua estrangeira. Eles aprendem a sua língua materna e a língua
A: Igkis kannuhak amin parikwaki akak parantunka hehpekwiye? E: - Akavuska bakimnayh kannuhwa giwnavrikkis. Ayteke pisenwa nikwe ku aysaw igkis ku danuhe amun quatro kamukwi , paxkabu kamukwi, nikwe igkis kannuhwa amin parantunka.	2.2 A alfabetização é feita em que língua(s)? Por quê? - No início as crianças aprendem a sua língua materna. Em seguida, quando tiverem quatro anos, elas aprendem o português.
A: Ay ariku lekol pariye annut pariye hiyakemniki lekol kawih adah gikannuhtenkis	2.3 A escola adota algum método específico? Qual?

<p>neras bakimnayh? E: - Igkis iwini kun igkis kamaxne pahat anniwit. Ku aysaw igkis kannuhnek igkis kadahan gannivwikis ariwntak inin gikannuhwankis.</p>	<p>- Eles a consideram como um trabalho. Quando tiverem a formação eles vão ter também o seu emprego, que é o resultado do estudo deles.</p>
<p>A: Mmahpaki igkis kannuhwa amin parikwaki, mmahpaki igkis kannuhwa butte gamin parantunka? E: - Pase pitatye iwit igkis kannuhwa amin...amin gidahankis giwnkis. Mmahki igkis kannuhwa amin giwnkis, adah mahwakama adah igkis pukuhanek ku aysaw igkis wages...tivik...kamax parantunka adah igkis ku hiyak ku pariye kamin igkis kannuhwa.</p>	<p>2.4 Quando e como se dá a aprendizagem da primeira e segunda língua? - A primeira língua que se aprende é a sua língua materna. Por que aprendem a sua língua, para que quando forem traduzir vão entender melhor...o ensino de português, e já vão saber sobre o que estão aprendendo.</p>
<p>Paytwempuyenevwi gihyakemnikis</p>	<p>3 Posicionamento da comunidade</p>
<p>A: Mmah paytwempuyenevwi mmah igkis iki ku in awaygye adahan inin kannuhaka gidahankis lakumin? E: - Iki. Awaku pis hiyak ku samah iki, awaku igkis hiyakni ku in kabay gitkis ku aysawnemenek gikamkayhkis kannuh, gikamkayhkis kamax anniwit hawata adah ayavene givitkis, adah ayavene gidahan...made gihyakemnikis.</p>	<p>3.1 A comunidade considera necessária a educação escolar para os seus membros? Por quê? - Considera sim. Sabe porque, porque sabem que é bom para os seus filhos terem o estudo, terem o emprego, e como se manter.</p>
<p>A: Mmahki ikebyitviyenevwi muwaka gikamkayuvwikis kannuhwa ivegboha hawata tamak? E: - Igkis bateke, awaku hiyakemniki awna gitkis amawka igkis kannuhwa amin inin hiyakemniki. Mmahki...madikte hiyeg kannuh, madikte nawotunye kannuh, embe nikwe amawka wixwiw avit waxi parahnamnaw amawka wixwiw kannuhwa hawata adah mahwakama wixwiw hiyak ku pariye hiyakemniki.</p>	<p>3.2 Por que as famílias desejam que suas crianças aprendam a ler e a escrever? - Porque a consciência diz que todos devem aprender. Porque todo mundo sabe, os estrangeiros sabem, então nós que estamos no país Brasil devemos aprender também para que possamos saber e entender o que está escrito.</p>
<p>A: Amin parikwaki, ba paytwempuyenevwi iki iwetrit arit parikwaki ku akak inin adahan kannuhwaka nimin? Mmahpa pivewkan inere kannuhaka? E: - Igkis iki gawaygi. Awaku pis hiyak ku samah, mahwakama pi ka miyeh piwn, pi kannuh anna piwnavrik, pi kannuh awna parantunka...</p>	<p>3.3 A comunidade favorece o ensino da língua Palikur? O que acha do ensino em Palikur? - Eles a fovecem. Sabe porque, para que você não esqueça da sua língua, você sabe falar a sua língua, e sabe falar a língua portuguesa...</p>
<p>Amin giwnavrikis</p>	<p>4 Situação sociolinguística</p>
<p>A: Pariye iwit kawihka ay paytwempu? E: - Ay kuri igkis kawih no... aveyniviye</p>	<p>4.1 Que línguas são utilizadas e faladas na</p>

<p>annut parantunka, parahna giwn, adah igkis kannuhwa. Ayteke awenketeteke inere nikweni igkis kawih parikwaki adah igkis kannuhwa tamak, wages giwnavrikkis parikwaki. Pase ku pi hiya igkis ka kannuhwa amin parantunka nikwe igkis ka kannuh wages giwnavrikkis parikwaki.</p>	<p>comunidade? - Aqui se usa a segunda língua, o português, para se aprender. Depois se usa a língua Palikur para aprender escrever e a traduzir. Porque se não aprenderem o português, então não vão saber como traduzir a sua língua palikur.</p>
<p>A: Pariye iwit ay gibetkis ikebyitviyenevwi bakimnayh gannuhwa gamin? E: - Akak inin ke nutuhbe igkis kannuhwa amin Parikwaki... giwnavrikkis.</p>	<p>4.2 Que língua(s) é/são aprendida(s) pela criança junto à família? - Hoje em dia sem dúvida aprendem a sua língua Palikur.</p>
<p>A: Aynte ariku lekol, pariye iwit igkis kannuhwa ayge? E: - Igkis kannuhwa amin Parikwaki e hawata igkis kannuhwa amin Parantunka.</p>	<p>4.3 Que língua(s) é/são aprendida(s) pela criança na escola? - As crianças aprendem a língua Palikur e também aprendem a língua Portuguesa.</p>
<p>A: Mmah gikivaykis, ba kavim bakimnayh kavusaw kannuhwa parantunka? E: - Igkis kadahan paxkabu kamukwi, igkis kavusaw kannuhwa amin parantunka.</p>	<p>4.4 Com que idade e em que circunstâncias se inicia a aquisição do português? - Com a idade a partir de quatro anos é que se inicia a aprendizagem do português.</p>
<p>A: Ba ay hiyeg ku pariye parikwiye kamax nawenyewa parikwene aytaki avititak paytwempu? E: - Ay avit inin paytwempu Kumene yumahte, yumahte henneme awaku igkis parikwene ay avit Kumene igkis kote kamaxte parikwene wahamayene akak kuwivyene awaku igkis awna ku gidahankis giwnkis kote tuguhakte gikakkis.</p>	<p>4.5 Há casos de casamentos interétnicos na aldeia? Quantos? - Aqui na aldeia Kumenê não tem, porque o pessoal não se casa com os parentes poque acham que as línguas são diferentes.</p>
<p>A: Kuri ta pit, ku aysaw igkis kakamkayh pariyevaki iwit igkis awna? E:- Ya kuri igkis...ya kuwivyene ba wahamayene giwnkis ...kuwivyene hawata...igkis kannuhwa palikur.</p>	<p>4.6 As crianças resultantes dessas uniões adquirem/aprendem que línguas? - Nesse caso...ou aprendem a língua dos parentes, ou aprendem a nossa língua.</p>
<p>Iwit parikwaki arawnak</p>	<p>5 Uso da língua Palikur</p>
<p>A: Mmah gahawna parikwaki awnaka ay gibetkis kiyaygben, tinogben, takwaviye gikakkis bakimnayh? E: - Pase nah...nah hiyapni, nah ku awna gikakkis nerak lekol akivaravyene, ku wownwiy ay madikte biyuke. Igkis ka</p>	<p>5.1 Qual o grau de uso da língua Palikur demonstrado pelos vários segmentos etários da comunidade? Por homens, mulheres, adultos, jovens e crianças.</p>

<p>pukuhpa hawata, nah awna gitkis: wownwiy made biyuke, wixwiy awna ke puwiknebe, ke wakwabe ke kuwatbe, giwnkis. Nah awna kuri in tiviknene biyuknene awaku wixwiy ka awna wownavrikwiy kabayntiwatma akiw. Inere gavitkis bakimnayh, takwaviye, kiyavunogben.</p>	<p>- Eu por exemplo disse aos professores que a nossa língua está se perdendo tudo. Disse para eles assim: a nossa língua está se perdendo tudo, falamos como animais, como macacos. E disse ainda que a língua está se perdendo porque nós não a falamos direito. E está se perdendo muito mais pelas crianças, adolescentes e mulheres.</p>
<p>A: Mmah igkis kannuyekwiye tamak parikwaki, kannu ivegboha? Kavim parikwaki tamaka (ba abetnewa kiyaygben kinetihwenekis, ba abetnewa igkis peknekis, ba abetnewa igkis piyihnekis, ba nekwanek igkis hiya pahavwi miya igkis kavusa tamak iwit parikwaki).</p> <p>E: - Nah hiya neras lekol akivayaviyenevwi kote...igkis tamekwin kabayntiwa ke parantunkabe, henneme amawka igkis ivegbohin kibeye.</p>	<p>5.2 Escreve e ler bem a língua? Ou em que situações de comunicação é escrita a língua no dia-a-dia entre os membros do grupo? (fala do chefe, cantos, ritos de cura, etc.) ou à eventos específicos (festas, morte, nascimento).</p> <p>- Vejo que os professores ainda não...eles a escrevem bem como se escreve o português, mas a leem devaga.</p>
<p>Iwit parantunka arawnak</p>	<p>6 Uso da língua Portuguesa</p>
<p>A: Kuri aminme parantunka. Mmahpaki pis hiya gannuhkis hiyegviyenevwi, kiyaygben, tinogben, takwaviye, bakimnayh, akak parantunka?</p> <p>E: - Lekol akivaraviyenevwi kiyaygben pitatyevwi kuwis igkis kannu awna parantunka kabayntiwa, sema tinogben kote. Neras takwaviye butempiye hawata kaba mataka gihawnakis neras ku pariye pitatyevwi. Bakimnayh, kote, igkis metakwa kannuhwa.</p>	<p>6.1 Qual o grau de uso da língua Portuguesa demonstrado pelos vários segmentos etários da comunidade? Por homens, mulheres, adultos, jovens e crianças.</p> <p>- Os professores homens mais antigos já sabem falar melhor o português, mas as mulheres ainda não. Os jovens de hoje também quase alcançam os antigos. As crianças, ainda não, estão começando a aprender.</p>
<p>A: Mmah igkis kannu tamakni kuwis, igkis kannu ivegbohin hawata? Kavimvaki igkis kawih parantunka tamaka? (ba abet pahadguhka, ba abet ay paytwempu, ba ayntehan ku aysaw igkis pes)</p> <p>E: - Ku abet nawene mbeyne danuhe...ke miyakabe, abet nawene ku igkis kehnekis no... guvahdukawnikis... nikwe igkis kawihni adah igkis tamak, awaku... ku ka hennema, ka ik adah igkis tamak, parikwakinen ka ik.</p>	<p>6.2 Escreve e ler bem a língua? Ou em que situações de comunicação é escrita a língua no dia-a-dia entre os membros do grupo? (encontros, reuniões internos ou externos)</p> <p>- Se por acaso acontecer algo de ruim...como por exemplo a morte de alguém, ou então durante a reunião...aí eles a utilizam, porque nesse caso, não podem</p>

	usar somente a língua palikur.
Giminkis hiyeg wadhyene	7 Do próprio grupo ou clã
<p>A: Mmahpa pis hiya bakimnayh, takwaviye, kiyaygben gihiyakemnikis amin giwnavrikkis, amin gihumpawankis?</p> <p>E: - Nutuhbe akak inin kurin igkis he kannuhwevi amin parikwaki, henneme igkis kote wokate gihiyakemnikis amin hiyakemniki ku pariyeve parikwaki awna, pi hiyak?</p>	<p>7.1 Qual a visão que crianças, jovens, adultos e velhos têm, respectivamente, de sua língua e cultura?</p> <p>- Acredito que nos dias de hoje estão somente aprendendo a língua palikur, mas ainda não tem essa visão da língua de que o que ela representa, entende?</p>
<p>A: Mmah lakumin, paytwempuyenevwi, mmah igkis iki awaygye adahan bakimnayh kannuhwa adahan igkis misakmina giwnavrikkis?</p> <p>E: - Ku aysaw igkis kiyapte kuwis, ba veh kamukwi, kuri igkis hiyak giwnavrikkis ka wadit kuri ik adah igkis misakmina, igkis awna: ah, kaba hennema inin wownwiy adahan wixwiy awnin... kadahan araytak huwit, kadahan araytak ka huwit. Nikwe ka gawaygisima adahan ig misakmini adahan ig avuriwni adahan in ka tivik arakembet gawnak...</p>	<p>7.2 A comunidade considera importante aprender e manter a língua do grupo? Por que?</p> <p>- Quando já estiverem bem crescidos, entorno de vinte anos de idade, e percebendo que não estão falando corretamente a língua, aí sim vão manter, dizendo: ah, não estamos falando corretamente a nossa língua...algumas palavras estão incorretas.</p> <p>Então é nesse momento que se importa em manter e preserva a língua para não continuar sendo falada de várias formas.</p>
<p>A: Mmah igkis gibetkikis kinetihwa parikwaki ku aysaw igkis ka avitma paytwempu? Ku aysaw igkis wewnekis, mmah igkis batek kinetihwa giwnavrikkis igkiswonakis?</p> <p>E: - Inin igkis batek kinetihwa awaku giwnavrikkis igkis pi(emprestado significa mais) pukuhpate. Aynte gibet nawotunye igkis kinetihwa giwnavrikkis, ku igkis piyana gikebekis. Ku ig pahapo ig batukaw akak parantunka.</p>	<p>7.3 Os índios costumam conversar entre si em sua língua fora da aldeia? Por que?</p> <p>- Eles costumam conversar porque é a sua língua e se entendem melhor. Se estiverem entre outras pessoas ainda vão falar a sua linguagem, se estiverem em dois. Se estiver sozinho então terá que tentar se comunicar em português.</p>
<p>A: Ba ay inetit amin mmahpa arawnepka iwit parikwaki, kitak inakni iwit parikwaki aytwe?</p> <p>E: - Pahat arikna, nah...nah kawki aymahwa kabayntiwatma, henneme amekenegben awna, giwnkis: ba pi hiya wownwiy ayta giwntak nawotunye, no..., ku pariye parikwene minikwak kanum nawotunye akebi Imosri gikebi, no..., embe neras awna</p>	<p>7.4 Há histórias tradicionais explicando a origem da língua Palikur?</p> <p>- Ora, não tive esse privilégio de crescer junto, mas os antigos contavam e diziam que a nossa língua se originou de um grupo, do grupo que antigamente os índios chamavam de Imosri,</p>

<p>inakniku, no... wadahyune, awna kawakukyene, awna paraymeyene, ignekis giwnavrikkis Ayteke giwntakkis nerás minikweknevwi.</p>	<p>grupo que falava essa língua, gente da família <i>largatixa</i>, da família do <i>ananás</i>, da família do <i>peixe piramutaba</i>, eram esses os grupos que falavam essa língua. Originou desses grupos mais antigos.</p>
<p>Hiyapka ahawna parikwaki arawnak</p>	<p>8 Avaliação do grau de vitalidade da língua Palikur</p>
<p>A: Mmahpaki pis hiyap parikwaki garawnak ta gativut parantunka? Ba parikwaki tuguhnene, parantunkame wagehnene. Ba kawa, ba ta pit parikwaki adukwenewa gawaygi. E: - Nah hiya han, ku aysaw nah hiya parantunka akak parikwaki, embe nikwe ku aysaw parantunka awna, parikwaki awna, igkis misakwa ke wotbe piyana hiyeg pavetunaknabe.</p>	<p>8.1 Como você avalia a situação da língua Palikur face à língua Portuguesa, identificando as causas de um possível processo de desuso da língua? - Avalio assim, quando vejo a língua portuguesa e a língua palikur, vejo que as duas línguas quando se comunicam cada qual fala de acordo com a sua realidade, como que duas pessoas estando em diálogo frente a frente.</p>
<p>A: Pariye hiyakemniki pis awna adahan kahadbe parikwaki tiviknene awnakanene? E: - Pahat hiyakemniki nah hiya han, ku wixwiw muwaka adahan wownwiw misakminaka kabayntiwa amawka wixwiw awna akak hiyakemniki adahan mahwakama wixwiw ka, no..., mbeyema wownwiw, inakni nah awnekerevye, mahwakama ka mbeyema wownwiw. Nikwe adah wixwiw misakmina, adah wixwiw kinetihwa kabayntiwa adah wixwiw awna kabayntiwa. Pase ku ka hennema neku wixwiw ka hiyak, wownwiywa wixwiw ka hiyak, wownavrikwiywa wixwiw ka hiyak.</p>	<p>8.2 Que sugestões você apresentaria para a preservação da língua Palikur? - Uma coisa eu penso, se queremos preservar bem a nossa língua, temos que falar com toda atenção, e não falar a língua de qualquer jeito. [...] Porque se não nós não vamos entender nem a nossa própria língua, a nossa própria linguagem.</p>
<p>A: Mmahpaki pis hiya parikwaki ay avit inin Kumene akak gidahankis nerás ohptehan? E: - Neras ohptehan awna parikwaki abusku igkis awna kabayntiwa. Nah awna ke inaknibe ke parantunkabe yuma respeito, abusku igkis ka awna kabayntiwatma hawata. Kuri ku aysaw nah danuh atere, nawen(e)tké pi kannu awna parikwaki kabayntiwa, danuh tahan ke Puwaytyeketbe atere ik adahan pi awna pitatye iwit pis awna "aynetekay" ig awna "ayneteba usuh". Bom kuri, 'ah', pi awna, 'mmahbe henne? Nikwe nerás giwnkis nawenyewa. Mmahki?' Bawa ka nawenyewatma igkis awna, seme igkis awna</p>	<p>8.3 Como você compara a situação sociolinguística da aldeia enfocada acima com a observada em outras aldeias da mesma etnia? - Os outros que moram em outras aldeias, a metade fala bem a língua, a metade não fala bem. Digo assim, porque se repente eu chegar lá, de repente você sabe falar bem a língua palikur, e chegar na aldeia Puwaytyeket, por exemplo, e começar a falar a primeira palavra "aynetekay" (linguagem de cortesia) que</p>

<p>pi(emprestado significa mais) kabayntiwate iwit, pi hiyak? Nikwe kadahan lakumin darihte iwit parikwaki minikweknene ku pariye wixwiy uti kabaytenene ariw inin ku pariye udahanwiy ay.</p>	<p>significa “bom dia a vocês) e outro responde “ayneteba usuh” que significa “nosso bom dia”. Nisso você pode imaginar “ah é, é assim? Então a linguagem desses são diferentes. Por que?” No entanto não é diferente que eles falam, mas a forma da linguagem utilizada é mais adequada, entende? Então tem comunidade que ainda preserva bem a linguagem antiga o que nós achamos que é a melhor do que essa que estamos praticando hoje.</p>
---	---

ANEXO 2 - Entrevista 2 - Pedro Batista – Clã Wakavunyene

1 Gimin ner inetikne	1 Caracterização do informante
<p>A: Nikwe nah aypi, mmah piw? P: - Nah nuw Pedro Bastita.</p>	<p>1.1 Qual é o seu nome? - Meu nome é Pedro Batista.</p>
<p>A: Aysaw kamukri paw, Pedro Batista? P: - Nah kadahan 63.</p>	<p>1.2 Quantos anos você tem? - Tenho 63 anos</p>
<p>A: Kariwntak pis, pariye pewkni? P: - Nah Wakavunyene.</p>	<p>1.3 Qual é o seu clã? - Sou do clã Wakavunyene.</p>
<p>A: Pariye pannivwi kuri ay avit lakumin? Pariye annivwit pis keh? P: - Nah keh kuwak, was, mutuhkabdi...</p>	<p>1.4 Que atividade você que exerce na comunidade? - Eu faço farinha de mandiona, roças e demais plantios...</p>
<p>A: Ku avim inin pariye paytwempu pis misakwa avit? P: - Nah misakwa avit paytwempu Kumenê.</p>	<p>1.5 Qual é a sua aldeia? Nome, localização, forma de acesso. - Moro na aldeia Kumenê.</p>
<p>A: Pariye iwit pis awna? P: - Nah awna nuwnavrik Parikwaki.</p>	<p>1.6 Qual é a Língua que você fala? - Falo a minha língua Palikur</p>
Amin lekol	2 Ensino
<p>A: Mmahpa pis hiyap kannuhwaki ay avit lakumin, mmahpa pis hiya inin annut, kannuhwaki? P: - Nah hiyamni... lekol in ewk kabayka. Igkis kannuhak amin nutuhbe</p>	<p>2.1 Como você percebe a alfabetização na sua comunidade? - Para mim... a educação traz boas coisas. Eles ensinam</p>

<p>Parikwaki akak Parantunka, adah bakimnayh pukuha adah igkis hiyak.</p>	<p>acho que sobre a língua Palikur e a língua Portuguesa, para as crianças entenderem e conhecerem.</p>
<p>A: Igkis kannuhak amin parikwaki akak parantunka hehpekwiye? P: - Ya, igkis kannuhak amin Parikwaki akak Parantunka hehpekwiye adah igkis pukuha.</p>	<p>2.2 A alfabetização é feita em que língua(s)? Por quê? - A alfabetização é feita em Palikur e em Português respectivamente para haver compreensão.</p>
<p>A: Ay ariku lekol avin ba pis hiya ba ay kagta adah ku pariye igkis wew avigku adah kannuhekne? Ba kawa, ba igkiwonakis? P: - Igkiswonakis battukewne nutuhbe, awaku yumahte ariknawna kagta ku pariye adah huwitene igkis.</p>	<p>2.3 A escola adota algum método específico? Qual? - Penso que cada um tem o seu próprio método, porque ainda não tem material específico que possa os orientar.</p>
<p>A: Mmahpaki igkis kannuhwa amin parikwaki, mmahpaki igkis kannuhwa butte gamin parantunka? P: - Awaku bakimnayh gikivarakis parikwene, inneki keh igkis kannuhwa amin giwnkis. Ayteke nikwe gikivarakis wages gidahankis parantunka adah igkis pukuhpín.</p>	<p>2.4 Quando e como se dá a aprendizagem da primeira e segunda língua? - Porque os professores das crianças são os indígenas, por isso elas aprendem a sua língua materna. Depois os professores traduzem para o português para as crianças entenderem o significado.</p>
<p>Paytwempuyenevwi gihiyakemnikis</p>	<p>3 Posicionamento da comunidade</p>
<p>A: Mmah paytwempuyenevwi mmah igkis iki ku in awaygye adahan inin kannuhaka gidahankis lakumin? P: - Ihi, igkis ikini. Awaku kuri wixwiy ka kema minikwakma akiw, inerenewa tivik adah waymuhpitniy.</p>	<p>3.1 A comunidade considera necessária a educação escolar para os seus membros? Por quê? - Sim, eles a consideram. Porque agora não é como antigamente, é a educação escolar que vai conduzir a nossa vida em diante.</p>
<p>A: Mmahki ikebyitviyenevwi muwaka gikamkayuvwikis kannuhwa ivegboha hawata tamak? P: - Awaku mmanawa kurin ka kema minikwakma. Ku amawka pi kannu adah han pitatitnek pi kadahan pannu nikwe, ik adah pis kamax annivwit.</p>	<p>3.2 Por que as famílias desejam que suas crianças aprendam a ler e a escrever? - Porque hoje em dia não é como antigamente. Você tem que ter seu estudo para que mais tarde você tenha uma formação para conseguir um emprego.</p>
<p>A: Amin parikwaki, ba paytwempuyenevwi iki iwetrit arit parikwaki ku akak inin adahan kannuhwaka nimin? Mmahpa pivewkan inere kannuhaka?</p>	<p>3.3 A comunidade favorece o ensino da língua Palikur? O que acha do ensino em Palikur?</p>

<p>P: - Nah nutuhbe igkis iki awaku ku hiya ka hennema Parikwaki biyuke. Ku hiya pi kannuhak sema amin parantunkanenwa nikwe bakimnayh ka kannu giwnavrikkis.</p> <p>Nah utimni ini kannuhaka gamin Parikwaki ka aynxima gawaygi.</p>	<p>- Eu acho que a comunidade favorece porque se não a língua Palikur se perderia. Se favorecerem somente o ensino da língua Portuguesa então as crianças não vão saber a sua língua materna.</p> <p>Por isso que eu acho o ensino da língua Palikur é muito importante.</p>
<p>Amin giwnavrikkis</p>	<p>4 Situação sociolinguística</p>
<p>A: Pariye iwit kawihka ay paytwempu? P: - Ay avit paytwempu, nutuhbe sema giwnavrik Parikwaki.</p>	<p>4.1 Que línguas são utilizadas e faladas na comunidade? - Na comunidade, penso que é falada somente a língua Palikur.</p>
<p>A: Pariye iwit ay gibetkis ikebyitviyenevwi bakimnayh gannuhwa gamin? P: - Giwnavrikkis Parikwaki.</p>	<p>4.2 Que língua(s) é/são aprendida(s) pela criança junto à família? - A sua língua Palikur.</p>
<p>A: Aynte ariku lekol, pariye iwit igkis kannuhwa ayge? P: - Akak inin kuri nutuhbe ka kema minikwakma, gikivarakis kannuhgikis amin Parikwaki ayteke Parantunka.</p>	<p>4.3 Que língua(s) é/são aprendida(s) pela criança na escola? - Hoje em dia acho que não é como antigamente, os professores também ensinam a língua Palikur e depois a língua Portuguesa.</p>
<p>A: Mmah gikivaykis, ba kavim bakimnayh kavusaw kannuhwa parantunka? P: - Ku aysaw igkis nopsanyuvwite igkis kannuhwa sema giwnavrikkis. Ku aysaw igkis kiyapte kuwis, nutuhbe igkis kadahan puguhkunabu ba ntewnehkerbu kamukri kuri igkis kannuhwa...</p>	<p>4.4 Com que idade e em que circunstâncias se inicia a aquisição do português? - Quando ainda são criancinhas se aprende a falar somente a língua materna. E quando já tem seis ou sete anos de idade, eu acho, é que se inicia a aquisição...</p>
<p>A: Ba ay hiyeg ku pariye parikwiye kamax nawenyewa parikwene aytaki avititak paytwempu? P: - Aywa avit Kumene nutuhbe yuma. Parahna igkis ka usakwa ay, ku pariye kahayonye. Mmanawa parikwene ka hiyak gihawkankis. Kadahan kuwivyene, henneme igkis kawmata usakwa ay.</p>	<p>4.5 Há casos de casamentos interétnicos na aldeia? Quantos? - Aqui na aldeia acho que não tem. Os não indígenas não ficam aqui, os que são casados. Porque os índios não sabem os seus costumes. Tem parentes karipuna, mas também não ficam</p>

<p>A: Kuri ta pit, ku aysaw igkis kakamkayh pariyevaki iwit igkis awna, mmah igkis awna parikwaki ba igkis awna kiriyo?</p> <p>P:- Igkis ka awna Parikwaki, nah ivegmina nuhiyakemni... Mmahbe neras uyapkunyene, parikwene igkis, henneme gikamkayuvwikis ka awna parikwaki. Embe hawata ik adah danuh ta gitkis neras.</p>	<p>aqui.</p> <p>4.6 As crianças resultantes dessas uniões adquirem/aprendem que línguas?</p> <p>- Elas não falam a língua Palikur, é o que penso... É como o pessoal do São George, são indígenas (palikur), mas os seus filhos já não falam a língua Palikur. Então pode acontecer também com essas pessoas.</p>
<p>Iwit parikwaki arawnak</p>	<p>5 Uso da língua Palikur</p>
<p>A: Mmah gahawna parikwaki awnaka ay gibetkis kiyaygben, tinogben, takwaviye gikakkis bakimnayh?</p> <p>P: - Bakimnayhkis giwnkis nawenyewa giwkis kiyaygben. Bakimnayh igkis kinetihwa kewa samanawkabe, igme kiyaygben kinetihwa in humaw kewa awiywehbe iwitbe, barewye iwit. Inere samanawka ka ik adahan pis iwini adahan kannuhak amin. Pis kannuhak amin inyewa iwit, adah bakimnayh kannuhwa inyewa iwit.</p>	<p>5.1 Qual o grau de uso da língua Palikur demonstrado pelos vários segmentos etários da comunidade? Por homens, mulheres, adultos, jovens e crianças.</p> <p>- A linguagem das crianças é diferente da linguagem dos adultos. A linguagem das crianças é como brincadeiras, e a linguagem dos adultos soa com mais intensidade. E essas linguagens brincadeiras não podem se ensinadas. Você tem que ensinar sobre linguagem verdadeira, para que as crianças aprendam a linguagem verdadeira.</p>
<p>A: Mmah igkis kannuyekwiye tamak parikwaki, kannu ivegboha? Kavim parikwaki tamaka (ba abetnewa kiyaygben kinetihwenekis, ba abetnewa igkis peknekis, ba abetnewa igkis piyihenekis, ba nekwanek igkis hiya pahavwi miya igkis kavusa tamak iwit parikwaki).</p> <p>P: - Akak inin hiyawate igkis ivegbohe^mni, heme igkis ka kannu tamakni, igkis ka lekolya amin. Mem takwaviye... igkis tamakni, igkis tamakni mmahbe parantunka, yuma giman adah Parikwaki.</p> <p>- Inin Parikwaki in tamakan ku aysaw pi muwakam^mni. Kewa pis awahkisnebe kagta kuri pis tamak Parikwaki...pis kawih iwit inyewa iwit. Pis ka tamakni ku samah inin piwn.</p>	<p>5.2 Escreve e ler bem a língua? Ou em que situações de comunicação é escrita a língua no dia-a-dia entre os membros do grupo? (fala do chefe, cantos, ritos de cura, etc.) ou à eventos específicos (festas, morte, nascimento).</p> <p>- Hoje em dia eles até sabem ler, mas não sabem escrever, pois eles não a estudaram. Mesmo que seja um jovem... ele até escreve, a escreve como se escreve o português, mas não tem o som de língua Palikur.</p> <p>- A língua Palikur é escrita quando alguém precisa dela</p>

	<p>escrita. Por exemplo, quando você precisa enviar uma carta a alguém é aí que você escreve a língua Palikur... você usa linguagem verdadeira. Você não a escreve da maneira que fala.</p>
Iwit parantunka arawnak	6 Uso da língua Portuguesa
<p>A: Kuri aminme parantunka. Mmahpaki pis hiya gannuhkis hiyegviyenevwi, kiyaygben, tinogben, takwaviye, bakimnayh, akak parantunka?</p> <p>P: - Akak inin takwaviye kabahte kannute guwkis tinogben. Nah ka hiyak ba igkis pi mpiksawtema, tinogbenme ka mpiksaw.</p>	<p>6.1 Qual o grau de uso da língua Portuguesa demonstrado pelos vários segmentos etários da comunidade? Por homens, mulheres, adultos, jovens e crianças.</p> <p>- Hoje em dia os rapazes estão sabendo até mais que as moças, talvez por terem se esforçado até mais que as mulheres.</p>
<p>A: Mmah igkis kannu tamakni kuwis, igkis kannu ivegbohin hawata? Kavimvaki igkis kawih parantunka tamaka? (ba abet pahadguhka, ba abet ay paytwempu, ba ayntehan ku aysaw igkis pes)</p> <p>P: - Ihi. Gaytakkis kannu ivegbohin, henneme igkis ka kannu...tamakni igkis, henneme ka huwit arit.</p> <p>- Igkis kawih inin parantunka, adahan igkis tamakni, hawata ku samah igkis awahkisne kagta. Abet lekol hawata igkis kawhni igkis tamakni.</p>	<p>6.2 Escreve e ler bem a língua? Ou em que situações de comunicação é escrita a língua no dia-a-dia entre os membros do grupo? (encontros, reuniões internos ou externos)</p> <p>- Sim. Alguns sabem ler, mas não sabem...eles a escrevem,mas</p> <p>- Eles utilizam a língua Portuguesa, na escrita, e também ao enviar uma carta a alguém. Na escola eles também a utilizam e a escrevem.</p>
Giminkis hiyeg wakavunyene	7 Do próprio grupo ou clã
<p>A: Mmahpa pis hiya bakimnayh, takwaviye, kiyaygben gihiyakemnikis amin giwnavrikkis, amin gihumpawankis?</p> <p>P: - Igkis uti, udahanwiw uhumpawanwiw, ku pariye udahanwiw uhumpawanwiw, igkis pi batekte akak udahanwiw ariw nawwotunye gidahankis. Inneki keh wixwiw kote miyehte wownwiw.</p>	<p>7.1 Qual a visão que crianças, jovens, adultos e velhos têm, respectivamente, de sua língua e cultura?</p> <p>- Eles apreciam mais a sua própria cultura, em vez de outra cultura. Por isso nós ainda não esquecemos da nossa língua.</p>
<p>A: Mmah lakumin, paytwempuyenevwi, mmah igkis iki awaygye adahan bakimnayh kannuhwa adahan igkis misakmina giwnavrikkis?</p>	<p>7.2 A comunidade considera importante aprender e manter a língua do grupo? Por que?</p>

<p>P: - Ihi. Igkis kuwis pahadguhwa amin kuwis, igkis awna: amawka bakimnayh mpiksaw aharit annut...wixwiy kiyayqben hawata mpiksaw akak bakimnayh adahan kahadbe wixwiy ka mpiyehpima wownwiy han pitatit.</p>	<p>- Sim. Eles até já tiveram reuniram sobre isso. Eles disseram: as crianças devem estudar...nós adultos também devemos nos esforçar com as crianças para nós não esquecermos da nossa língua lá na frente.</p>
<p>A: Mmah igkis gibetkikis kinetihwa parikwaki ku aysaw igkis ka avitma paytwempu? Ku aysaw igkis wewnekis, mmah igkis batek kinetihwa giwnavrikkis igkiswonakis?</p> <p>P: - Wixwiy parikwene, hiyawate wixwiy aynte abet nawwotunye, parahna, atiwri, wixwiy kinetihwa udahanwiy wownavrikwiy.</p>	<p>7.3 Os índios costumam conversar entre si em sua língua fora da aldeia? Por que?</p> <p>- Nós indígenas, por mais que estejamos entre outras pessoas, brasileiros, guianenses, conversamos em nossa língua materna.</p>
<p>A: Ba ay inetit amin mmahpa arawnepka iwit parikwaki, kitak inakni iwit parikwaki aytwe?</p> <p>P: - Parikwaki...inin ku pariye wixwiy awna ay, udahanwiy wownwiy inin... Kadahan iwit akiw hawata akiw, henneme wixwiy ka kawihni, wixwiy pi kawihnte inin iwit ku pariye wownwiy ay ku akak inin.</p> <p>A: Nah time arak ku kadahan inetit awna han ku Parikwaki in ku giwntakkis pahabu hiyegviyenevwi.</p> <p>P: - Kawa...inin Parikwaki...igkis awna, inin ku pariye wixwiy awna, in ko Kamuwyene giwn, igkiswata parikwene.</p>	<p>7.4 Há histórias tradicionais explicando a origem da língua Palikur?</p> <p>- A língua Palikur...essa língua que nós falamos hoje, a nossa língua... Há outras linguagens também parecidas, mas nós não a utilizamos, nós utilizamos mais essa linguagem que falamos atualmente.</p> <p>A: Eu ouvi dizer que existe contos que diz que a língua Palikur se originou de um determinado grupo.</p> <p>P: - Não...essa língua Palikur...eles dizem que o que falamos era a língua do clã Kamuwyene, também indígenas.</p>
<p>Hiyapka ahawna parikwaki arawnak</p>	<p>8 Avaliação do grau de vitalidade da língua Palikur</p>
<p>A: Mmahpaki pis hiyap parikwaki garawnak ta gativut parantunka? Ba parikwaki tuguhnene, parantunkame wagehnene. Ba kawa, ba ta pit parikwaki adukwenewa gawaygi.</p> <p>P: - Akak inin wixwiy ka isaksa adahan Parantunka in tavahni, mmanawa in ka gawaygisima udahanwiy adah uhumpawanwiy, adah wowoskawniy, kinetihwene amin hiyakemniki, kinetihwene gimin minikweknene hiyeg ku pariye wahawkiwiy.</p>	<p>8.1 Como você avalia a situação da língua Palikur face à língua Portuguesa, identificando as causas de um possível processo de desuso da língua?</p> <p>- Nos dias de hoje estamos evitando que a língua Portuguesa venha apertar a língua Palikur, pois nós a consideramos muito importante para a nossa cultura, nosso modo de vida, nosso conhecimento tradicional e para</p>

	contar histórias dos nossos antepassados.
<p>A: Pariye hiyakemniki pis awna adahan kahadbe parikwaki tiviknene awnakanene?</p> <p>P: - Amin wownwiy, adah wixwiy ka miyehni...nah kakamkayh ka ik adahan nah awna parantunkanen gikak nukamkayh. Ku hiya nah awna gikaknek, embe ig miyehpin, ayipa kavusaw miyehpika kuwis. Inneki keh wixwiy aymwa bakimnayh akak wownavrikwiy adah in tiviknene, adah in ka biyuk.</p>	<p>8.2 Que sugestões você apresentaria para a preservação da língua Palikur?</p> <p>- Sobre a nossa língua, para não a esqueçamos... se tenho filhos então não posso falar com eles só em português. Se eu falar, então vão esquecer, e já estão começando a esquecer-lá. Por isso devemos criar os nossos filhos com a nossa língua para que ela continue e não se perca.</p>
<p>A: Mmahpaki pis hiya parikwaki ay avit inin Kumene akak gidahankis neras ke Tawarybe, Amomnibe, Puwatyeketbe?</p> <p>P: - Inin parikwaki, kadahan gaytakkis hiyeg, aynewa wixwiy, ka awnin huwewehnema. Kadahan Amomni, kadahan Tawary, ka awnin huwewehnema. Inere ku pariye kane awnaka huwewehnema ka ik adahan pi kamaxni, ka ik adahan pi usakwa nikak. Pi usakwa akak iwit ku pariye huwewehnevye, pis hiyak?</p>	<p>8.3 Como você compara a situação sociolinguística da aldeia enfocada acima com a observada em outras aldeias da mesma etnia?</p> <p>- A língua Palikur, há algumas pessoas, aqui mesmo, não a falam claramente. Por exemplo, na comunidade do Amomni e Tawary, há alguns não a falam claramente. Então aquilo que não é falada claramente não deve ser gravada e preservada. Você só deve ficar com aquela que é falada clara, sabe?</p>

ANEXO 3 - Entrevista 3 – Manoel Hipolito – Clã Wayveyene

1 Gimin ner inetikne	1 Caracterização do informante
<p>A: Kiyavwiye, mmah piw?</p> <p>M: - Nuwhu é Manoel Hipolito Filho.</p>	<p>1.1 Qual é o seu nome?</p> <p>- Meu nome é Manoel Hipolito Filho.</p>
<p>A: Aysaw kamukri paw, kiyavwiye?</p> <p>M: - Nah kadahan akak inin ku danuhpiye 66 anos.</p>	<p>1.2 Quantos anos você tem?</p> <p>- Estou chegando aos 66 anos.</p>
<p>A: Pariye pewkni?</p> <p>M: - Nah pes ariwntak Wayveyene.</p>	<p>1.3 Qual é o seu clã?</p> <p>- Eu sou do clã Wayveyene.</p>
<p>A: Pariye pannivwi kuri ay avit comunidae?</p> <p>M: - Nah kannivwiye akak makniwka ariku Polo Base. Nah kadahan liderança</p>	<p>1.4 Que atividade você que exerce na comunidade?</p> <p>- Eu trabalho como agente de saúde indígena no Polo Base.</p>

<p>adahan wewkisne leglis ariku Uhokri givin.</p>	<p>É exerço a função de liderança na igreja.</p>
<p>A: Pariye paytwempu avit pis misakwa? M: - Nah misakwa avit paytwempu aldeia Kumenê.</p>	<p>1.5 Qual é a sua aldeia? Nome, localização, forma de acesso. - Moro na aldeia Kumenê.</p>
<p>A: Pariye iwit pis awna kuri? M: - Nah awna nuwnavrik Parikwaki Palikur.</p>	<p>1.6 Qual é a Língua que você fala? - Falo a minha língua Palikur.</p>
<p>Amin lekol</p>	<p>2 Ensino</p>
<p>A: Mmahpa pis hiyap kannuhwaki ay avit lakumin, comunidade, mmahpa pis hiya inin, kannuhwaki ay, alfabetização? M: - Nah hiya mnni akak inin kuri awaku abet inin ukannuhwan lekol ki in woka uhiyakemni. Wis ka misakwa kema minikwakma akiw, awaku mmanawa wixwiw tiviknene abet inin hiyakemniki gidahan nawwotuniye.</p>	<p>2.1 Como você percebe a alfabetização na sua comunidade? - Percebo que hoje em dia a alfabetização vem para abrir a nossa mente. Pois a gente não vive mais como antigamente, porque estamos no meio desse novo modo de vida.</p>
<p>A: Pariye iwit igkis kannuhak amin? M: - Ku avim inin igkis kannuhak amin udahanwiw wownavrik Parikwaki.</p>	<p>2.2 A alfabetização é feita em que língua(s)? Por quê? - Atualmente a alfabetização é feita em nossa língua Palikur.</p>
<p>A: Ba lekol avin kadahan gikannuhaknikis ku pariye igkiswa keh ba kawa ba igkis ahehpa? M: - Ku akak inin kuri lekol akivaraviyene kamax hiyakemniki giwntakis hiyeg pitatiyewwi, ku pariye gihumpawnikis pitatye. Ayteke igkis kavusa ini annivwit kahadbe igkis kannuhne bakimnayh amin akak udah uhiyakemni minikwak akavuska ku samah wixwiw wewne akak udahanwiw uhiyakemniwiw.</p>	<p>2.3 A escola adota algum método específico? Qual? - Ainda hoje os professores preservam o conhecimento tradicional dos antigos, o que tem servido como metodologia de base de ensino na escola, para que as crianças saibam sobre o nosso modo de vida tradicional de antigamente.</p>
<p>A: Kavim kannuhaki amin pitatye iwit ku pariye parikwaki hawata avevwiye iwit ku pariye parantunka? M: - Pitatye kiyaygben awna nawenyewa iwit, giwnkis kiyavwihka, ku pariye akak inin bakimnayh kabahte ka kannu awna akiw awaku ayipa wageswe kuri mukune iwit. Kannuhaka giwntakkis kiyaygben, ku pariye igkis ayapka amin mmahpa adahan igkis awna, mmahpa adahan wis wages inere iwit adahan kahadbe made hiyeg pukuha. Amin parantunka... ku aysaw lekol</p>	<p>2.4 Quando e como se dá a aprendizagem da primeira e segunda língua? - Antigamente os mais velhos tinham uma linguagem diferente, falavam uma linguagem de cortesia, que hoje as crianças já não sabem falar mais porque já mudou para a nova forma de falar. Os mais velhos ensinavam sobre a forma de falar, de responder e de como se traduz para mais simples a</p>

<p>danuhe nikwe igkis nawwotunye kiyekisa ta gitkis hiyeg madikte, wixwiy, adah kahadbekama wixwiy ka miyeh wownwiy, adah wixwiy kannuhwa amin ihumpahwaki pitatye ku samah amekenegben gihumpawankis.</p>	<p>linguagem falada para que todos possam entender.</p> <p>Sobre o português... quando a escola chegou então os professores começaram a lembrar para todos, para nós, para não esquecermos da nossa língua materna, para revitalizarmos e preservarmos a cultura dos nossos antepassados.</p>
<p>Paytwempuyenevwi gihyakemnikis</p>	<p>3 Posicionamento da comunidade</p>
<p>A: Ba paytwempuyenevwi mmah igkis iki ku ka gawaygisima kannuhaka ay gibetkis gikebyuvwikis hiyeg?</p> <p>M: - Ihi, ikaka ka aynsima gawaygi. Mmanawa in pi(emprestado significa mais) kabayte adahan wixwiy kannuhwa amin wownavrikwi, kahadbe usuh pukuhpin kamin inakni iwit awnekerevye.</p>	<p>3.1 A comunidade considera necessária a educação escolar para os seus membros? Por quê?</p> <p>- Sim, é considerada necessária. Porque é melhor aprendermos a nossa própria língua, para que possamos entender sobre qual a palavra quer dizer.</p>
<p>A: Mmahki ikebyitviyenevwi muwaka gikamkayuvwikis kannuhwa ivegboha hawata tamak?</p> <p>M: - Inin kannuhwaki adahan ivegboha adahan kahadbekama igkis hiyak ku samah ihumpahwaki minikwak akavuska ku samah wixwiy wewnete akak udahan amekenegben gihumpawankis. Adahan kiyekisene gitkis henne akavuska uhumpahwanwi minikwak, kahadbekama wixwiy hiyakni kitak ini ihumpahwaki pes.</p>	<p>3.2 Por que as famílias desejam que suas crianças aprendam a ler e a escrever?</p> <p>- Saber ler e escrever é a maneira de os alunos saberem como era a cultura quando ainda era praticada por nossos antepassados. E também para lembrar-lhes sobre a nossa cultura, para que possamos entender como essa cultura surgiu.</p>
<p>A: Amin parikwaki, ba paytwempuyenevwi iki iwetrit arit parikwaki ku akak inin adahan kannuhwaka nimin?</p> <p>M: - Ihi, igkis iki iwetrit, mmanawa ku ka hennema wixwiy tiviknene miyehe inin wownwiy.</p>	<p>3.3 A comunidade favorece o ensino da língua Palikur? O que acha do ensino em Palikur?</p> <p>- Sim. Porque se não for favorecida correremos o risco de perder a nossa língua.</p>
<p>Amin giwnavrikis</p>	<p>4 Situação sociolinguística</p>
<p>A: Pariye iwit kuri kawihka ay paytwempu?</p> <p>M: - Ay avit paytwempu awnaka sema iwit wownavrik Parikwaki.</p>	<p>4.1 Que línguas são utilizadas e faladas na comunidade?</p> <p>- Na comunidade é falada apenas a nossa língua Palikur.</p>

<p>A: Pariye iwit bakimnayh kannuhwa amin ay gibetkis gikebyuvwikis? M: - Igkis kannuhwa aminkit wownwiw, ayteke nikwe aveynivye igkis kannuhwa amin nawwotunye gihiyakemnikis.</p>	<p>4.2 Que língua(s) é/são aprendida(s) pela criança junto à família? - As crianças aprendem primeiro a sua língua materna, depois aprendem as demais línguas.</p>
<p>A: Aynte ariku lekol, pariye iwit igkis kannuhwa ayge? M: - Ku akak inin kuri aynte ariku lekol, awaku wixwiw payebdak akak nawwotunye, nikwe amawka igkis kannuhwa aminkit Parantunka.</p>	<p>4.3 Que língua(s) é/são aprendida(s) pela criança na escola? - Hoje em dia na escola, como vivemos junto dos não índios, então temos que aprender primeiro a língua Portuguesa.</p>
<p>A: Mmah gikivaykis, ba kavim bakimnayh kavusaw kannuhwa parantunka? M: - Ku aysaw igkis kadahan ba pohowkubu kamukri ba puguhkunabu kamukri igkis kavusaw parak abet inin kannuhwaki.</p>	<p>4.4 Com que idade e em que circunstâncias se inicia a aquisição do português? - Quando tiverem 5 ou 6 anos de idade é que se inicia a aquisição do português.</p>
<p>A: Ba ay hiyeg ku pariye kamax gihayokis nawenyewa ba kighgu nawenyewa hiyeg? M: - Kadahan hiyeg.</p>	<p>4.5 Há casos de casamentos interétnicos na aldeia? Quantos? - Existe.</p>
<p>A: Kuri ignekis gikamkayuvwikis, pariye iwit igkis awnanek? M:- Ku aysaw igkis humaw aynewa avit Kumenê igkis awna wownavrikwiw wixwiw, Parikwaki. Ku igkis aynte, nikwe igkis awna giwnavrikkis nawenyewa iwit.</p>	<p>4.6 As crianças resultantes dessas uniões adquirem/aprendem que línguas? - Quando nascem aqui na aldeia Kumenê as crianças falam a nossa língua materna, Palikur. Se for em outro lugar, então vão falar outra língua.</p>
<p>Iwit parikwaki arawnak</p>	<p>5 Uso da língua Palikur</p>
<p>A: Mmah gahawna parikwaki awnaka ay gibetkis kiyaygben, tinogben, takwaviye gikakkis bakimnayh? M: - Bakimnayh giwnkis nawenyewa.</p>	<p>5.1 Qual o grau de uso da língua Palikur demonstrado pelos vários segmentos etários da comunidade? Por homens, mulheres, adultos, jovens e crianças. - As crianças tem uma linguagem diferenciada.</p>
<p>A: Mmah igkis kannuyekwiye tamak parikwaki, kannu ivegboha? Kavim iwit parikwaki tamaka? (Mmah abetnewa ku aysaw hiyeg pekne avat, ba abetnewa givahgukawnikis, abetnewa igkis piyiheknekis.)</p>	<p>5.2 Escreve e ler bem a língua? Ou em que situações de comunicação é escrita a língua no dia-a-dia entre os membros do grupo? (fala do chefe, cantos, ritos de cura, etc.) ou à eventos</p>

<p>M: - Gaytakkis ivegboha, gaytakkis kote kannuhte ivegboha kabayntiwatma. Gaytakkis ku pariye lekolya amin parikwaki nikwe igkis kannuh ivegboha kabayntiwa.</p> <p>- Igkis kawihni ku aysaw igkis aynte abet lekol, nikwe lekol akivara kannuhgikis mmahpa adahan tamak Parikwaki. Hawata igkis kannuhwa ivegboha Uhokri Gannasan adahan ekkene Uhokri giwn.</p>	<p>específicos (festas, morte, nascimento).</p> <p>- Alguns leem bem, outros ainda não sabem ler bem. Aqueles que já estão estudando a língua esses sabem ler bem.</p> <p>- Eles a utilizam quando estiverem na sala de aula, lá os professores os ensinam como escrever a língua. Também eles aprendem a ler na Bíblia em Palikur.</p>
<p>Iwit parantunka arawnak</p>	<p>6 Uso da língua Portuguesa</p>
<p>A: Mmahpaki pis hiya gannuhkis hiyegviyenevwi, kiyaygben, tinogben, takwaviye, bakimnayh, akak parantunka?</p> <p>M: - Mpuse ku samah gahawna igkis lekolya, nikwe gikannuhwankis keh igkis kannuhwa adahan mmahpa awna parantunka, mmahpa adahan parantunka pes ku samah parahna awna.</p>	<p>6.1 Qual o grau de uso da língua Portuguesa demonstrado pelos vários segmentos etários da comunidade? Por homens, mulheres, adultos, jovens e crianças.</p> <p>- É de acordo com o nível de estudo adquirido, é o que determina o grau de uso da língua Portuguesa na prática.</p>
<p>A: Mmah igkis kannu tamakni kuwis, igkis kannu ivegbohin hawata? Kavimvaki igkis kawih parantunka tamaka? (ba abet pahadguhka, ba abet ay paytwempu, ba ayntehan ku aysaw igkis pes)</p> <p>M: - Gaytakkis tamak kabayntiwa, gaytakkis tamak ka huwit, heme igkis tiviknene kannuhwenene.</p> <p>- Gaytakkis tamak ku aysaw igkis abet pahadguhka, ku pariye kannuhnene. Abetnewa pahadguhka gaytakkis tamak madikte iwit ku pariye gitimbankis adahan ekkene ta abet pahadguhka ku aysaw danuh ku kiney uvinwiy.</p>	<p>6.2 Escreve e ler bem a língua? Ou em que situações de comunicação é escrita a língua no dia-a-dia entre os membros do grupo? (encontros, reuniões internos ou externos)</p> <p>- Alguns a escrevem bem, outros a escrevem errada, mas continua aprendendo.</p> <p>- Ainda outros a escrevem durante a reunião (externa), aqueles já dominam a escrita. Durante essa reunião eles escrevem tudo o que ouvem para depois repassar aqui na comunidade sobre a reunião ocorrida.</p>
<p>Giminkis hiyeg wakavunyene</p>	<p>7 Do próprio grupo ou clã</p>
<p>A: Mmahpa bakimnayh, takwaviye, kiyaygben, mmahpa igkis hiya giwnavrikkis akak gihumpawankis?</p> <p>M: - Ku akak inin kuri igkis hiya giwskawnikis akak giwnkis, awaku kabahte</p>	<p>7.1 Qual a visão que crianças, jovens, adultos e velhos têm, respectivamente, de sua língua e cultura?</p> <p>- Hoje em dia eles vêm a</p>

<p>biyuke, awaku ku pariye awnenevwi awadan parikwaki igkis made miyarap, nikwe buttiyevwi kabahte ka kannu awna parikwaki akiw. Henneme in kabay adahan lekolya, adahan kahadbekama neraz ku pariye kannuhnene awna parikwaki adahan kahadbekama tiviknene.</p>	<p>sua cultura e sua língua materna, porque estão quase se perdendo, porque os que falam bem a língua Palikur já morreram quase tudo, e a nova geração quase não sabem falar mais a língua. Mas é bom estudar, para que aqueles que ainda sabem falar a ensinam aos outros, para não ser esquecida.</p>
<p>A: Mmah lakumin, paytwempuyenevwi, mmah igkis iki awaygye adahan bakimnayh kannuhwa adahan igkis misakmina giwnavrikkis? M: - Ihi. Ku akak inin kuri ayipa igkis kanikin adahan kahadbekama igkis ka miyeh, adahan keh livro, madikte, adahan ikis gidahankis buttiyevwi bakimnayh adahan kahadbekama ku aysaw igkis ivegbohin igkis kannu awna parikwaki.</p>	<p>7.2 A comunidade considera importante aprender e manter a língua do grupo? Por que? - Sim. Hoje em dia eles querem revitalizar a língua para não esquecer dela, para fazer livro, tudo, para deixar para a nova geração, e quando praticarem a leitura eles também saberão falar.</p>
<p>A: Mmah igkis gibetkikis kinetihwa parikwaki ku aysaw igkis ka avitma paytwempu? Ku aysaw igkis wewnekis, mmah igkis batek kinetihwa giwnavrikkis igkiswonakis? M: - Ku igkisweke patiptak nikwe igkis awna giwnavrikkis, henneme ku yuma nawenyewa, nawenyewa hiyeg, nikwe igkis awna nawenyewa iwit.</p>	<p>7.3 Os índios costumam conversar entre si em sua língua fora da aldeia? Por que? - Quando se encontrarem então falam em sua língua materna, mas se não houver ninguém, apenas outras pessoas, então eles vão falar em outra língua.</p>
<p>A: Ba ay inetit amin mmahpa arawnepka iwit parikwaki, kitak inakni iwit parikwaki aytwe? M: - Kadahan. Kamuwyene awna nawenyewa iwit, Wayveyene awna nawenyewa iwit, Waxriyene awna nawenyewa iwit. Mpuse hiyeg awna nawenyewa iwit.</p>	<p>7.4 Há histórias tradicionais explicando a origem da língua Palikur? - Tem. O clã Kumuwylene falava outra linguagem, o clã Wayveyene também falava outra linguagem, o clã Waxriyene também falava outra linguagem. Cada um falava diferentes linguagens.</p>
<p>Hiyapka ahawna parikwaki arawnak</p>	<p>8 Avaliação do grau de vitalidade da língua Palikur</p>
<p>A: Mmahpaki pis hiyap parikwaki garawnak ta gativut parantunka? Ba parikwaki tuguhnene, parantunkame wagehnene. M: - Ku akak inin kuri se wixwiy ka lekolya amin, ka ikis abektey gidahankis bakimnayh nikwe in tavehpika. Henneme ku</p>	<p>8.1 Como você avalia a situação da língua Palikur face à língua Portuguesa, identificando as causas de um possível processo de desuso da língua? - Nos dias de hoje se nós não a estudarmos, não</p>

<p>wixwiy kanikin adah wixwiy keh livro nikak nikwe in ka tawahka awaku in kannuhwaka nimin hehekwiye.</p>	<p>deixarmos algo para as crianças, então a língua materna será pressionada. Porém, se nós a revitalizamos e fazemos livros com ela então ela não será pressionada porque ela será ensinada do mesmo modo que a língua Portuguesa.</p>
<p>A: Pariye hiyakemniki pis awnakam adahan kahadbe parikwaki tiviknene awnakanene? M: - Adahan wixwiy ka miyeh, pugamawkan wixwiy tamekwin, wixwiy keh livro nikak, kahadbe buttiyevwi bakimnayh neku igkis adukwenewa awnenene Parikwaki, kahadbekam wixwiy ka miyeh wownwiy.</p>	<p>8.2 Que sugestões você apresentaria para a preservação da língua Palikur? - Para não esquecermos, temos que escrevê-lá, fazer livro com ela, assim a futura geração ainda saberá falar a língua Palikur, e não esquecermos da nossa língua.</p>
<p>A: Mmahpaki pis hiya parikwaki ay avit inin Kumene akak gidahankis neraw awptehan? M: - Inwata Parikwaki, sema gaytakkis awna nawenyebet aynsa Parikwaki, henneme wownavrikwi, u'pukuha. Henneme adahan wadevye pugamawka pahavwi kannu awna adahan tamekwiye adahan wadevye, kahadbe wixwiy awna pahatwowa iwit, wixwiy ka awna ner awna nawenyewa iwit, ner awna nawenyewa iwit, kawa, amawka wixwiy awna pahatwowa.</p>	<p>8.3 Como você compara a situação sociolinguística da aldeia enfocada acima com a observa em outras aldeias da mesma etnia? - É a mesma língua Palikur, mas alguns a falam de modo diferenciado, mas como é a nossa língua, podemos entender. Mas para arrumar isso tem que ser alguém que fala e escreve bem, para que falemos uma única linguagem, e não que um fala diferente e o outro também fala diferente, não, devemos falar uma única linguagem.</p>

ANEXO 4 - Entrevista 4 – Walter Sales Guiome – Clã Paraymeyene

1 Gimin ner inetikne	1 Caracterização do informante
<p>A: Kiyavwiye, mmah piw? W: - Nah Walter Sales.</p>	<p>1.1 Qual é o seu nome? - Sou Walter Sales</p>
<p>A: Aysaw kamukri paw, kiyavwiye? W: - Nah kadahan 65.</p>	<p>1.2 Quantos anos você tem? - Tenho 65 anos.</p>
<p>A: Pariye pewkni? W: - Nah ewk Paraymeyene.</p>	<p>1.3 Qual é o seu clã? - Sou do clã Paraymeyene.</p>
<p>A: Pariye pannivwi kuri ay avit paytwempu?</p>	<p>1.4 Que atividade você que exerce na comunidade?</p>

<p>W: - Nah avit paytwempu Kumene, nah yuma nannivwi, henneme nah kannivwi was.</p>	<p>- Na comunidade Kumenê, não tenho emprego, mas trabalho como agricultor.</p>
<p>A: Pariye paytwempu avit pis misakwa? W: - Nah misakwa avit paytwempu Kumenê.</p>	<p>1.5 Qual é a sua aldeia? Nome, localização, forma de acesso. - Moro na aldeia Kumenê.</p>
<p>A: Pariye iwit pis awna kuri? W: - Nah parikwene, nah awna sema nuwnavrik Parikwaki.</p>	<p>1.6 Qual é a Língua que você fala? - Eu sou índio, eu falo somente a minha língua Palikur.</p>
<p>Amin lekol</p>	<p>2 Ensino</p>
<p>A: Mmahpa pis hiyap kannuhwaki ay avit lakumin, Kumene, mmahpa pis hiya inin, kannuhwaki ay, alfabetização? W: - Ku akak inin madikte hiyeg kavusa lekoya. Parikwene uti inin lekol giwntak nawwotunye, henneme ku avim inin madikte parikwene kavusa lekolya amin hiyakemniki ku pariye kibeyne hawata igkis lekolya amin iwit ku pariye parikwene giwnkis awaku inin parikwene giwn in me biyukemet.</p>	<p>2.1 Como você percebe a alfabetização na sua comunidade? - Hoje em dia todos já estudam. Os índios sabem desses estudos foi por meio dos não índios, por isso todos os indígenas estudam hoje em dia sobre diversos assuntos bons, eles também estudam sobre a sua própria língua porque a língua materna está em risco de extinção.</p>
<p>A: Pariye iwit igkis kannuhak amin? W: - Parikwaki.</p>	<p>2.2 A alfabetização é feita em que língua(s)? Por quê? - Na língua Palikur.</p>
<p>A: Ba lekol avin kadahan kannuhaka ku pariye igkiswa keh? W: - Nah hiya minikwak kiyavwiye amekene Mosés, ku aysaw ig humaw lekol akivara, nikwe ner lekol akivara ku aysaw ig danuh atan nikwe ig kannivwi gikak, ig awna git: ba kadahanama kagta yidahan ay parikwaki? Nikwe in kavusa kehka. Kiyavuno Dian kavusa keh, giwntak ner as kiyaygben pitatyevwi, nikwe ini kagta kavusa pes, henneme giwntak parikwene, keh inere, akki ta gut, egme kavusaw kehni adahan lekol.</p>	<p>2.3 A escola adota algum método específico? Qual? - Eu vi antigamente quando o finado Moisés era professor, naquela época um professor não índio chegou aqui e trabalhou com ele, e perguntou para ele: vocês têm algum material em palikur? E foi a partir daí que iniciou a produção de material. A senhora Diana começou a fazer esse material, com apoio de muitos anciãos na época, e foi a partir daí que iniciou-se a produção do material. Eles a ajudaram fazer esse trabalho para a escola.</p>
<p>A: Mmahpa kannuhaki amin parikwaki akak amin parantunka? W: - In ku avim inin, nutuhbe in wew pahempteke akak Parantunka akak Parikwaki. Henneme parikwene kadahan ka aynxima iwit, kadahan hiyakemniki hawata adahan igkis lekolya amin hawata ke</p>	<p>2.4 Quando e como se dá a aprendizagem da primeira e segunda língua? - Vejo que hoje em dia a aprendizagem caminham juntas, ou seja, a língua Portuguesa e a língua Palikur. Mas na língua</p>

nawwotunyebe.	Palikur há muitos assuntos a serem estudadas como os assuntos em outras línguas.
Paytwempuyenevwi gihiyakemniskis	3 Posicionamento da comunidade
<p>A: Pariye paytwempu ivegmína amin kannuhaki ay avit paytwempu, ba in awaygye ba kawa?</p> <p>W: - Akak inin igkis ivegmína, ku pariye mpiksaw aharit lekol, in awaygye ta gitkis hiyeg ku pariye lekolyavu, ku pariye lekol akivaraviyenevwi. Igkis ivegmína gihiyakemniskis ku inin lekol in ka gawaygisima. Ta gitkis, ku avim inin, metakwa igkis hiya<u>mn</u>i, ariw minikwak ku samah wahawkrivwiy igkis ka lekolma. Henneme ku avim inin madikte bakimnayh, kiyayqben, igkis kavusa ivegmína gihiyakemniskis, adahan tiviknene han pitatit, adahan kuri pariye muwak ta wotwiwiy. Amawka</p>	<p>3.1 A comunidade considera necessária a educação escolar para os seus membros? Por quê?</p> <p>- Hoje em dia eles a consideram como necessária, para aqueles que estudam, que são os professores. Eles consideram que a educação escolar é muito importante. Finalmente eles estão reconhecendo a sua importância, que os nossos antepassados não reconheceram, porque não tiveram oportunidade de estudar. Mas hoje todos, crianças e adultos, reconhecem a importância, para continuar a diante, e ver o que mais nós precisamos. Então as crianças...os professores, devem ensinar as crianças para não esquecerem de nossa língua que é a verdadeira língua materna.</p>
<p>A: Mmahki hiyegviyenevwi muwaka gikamkayuvwikis kannuhwa tamak hawata anniri?</p> <p>W: - Ku akak inin ka wixwiynawatma, madikte parikwene, nawwotunye, muwaka adahan igkis hiyepkere inin Parikwaki kitak in ayta. Nikwe wixwiw kadahan kiyatka hawata wixwiw kadahan lekol wixwiw kadahan iwit kibeyne hawata adahan kannuhwene amin inakni hiyakemniki ku pariye kane aynxima nikiytani, adahan timapkis inakni ukuvimnawit ta git nawwotunye ku wixwiw kadahan inakni hiyakemniki ku pariye wixwiw lekolya gamin.</p>	<p>3.2 Por que as famílias desejam que suas crianças aprendam a ler e a escrever?</p> <p>- Hoje em dia não é somente nós, mas todos, sejam indígenas ou não, querem saber de onde se origina a língua Palikur. Então reconhecemos isso e também temos educação escolar, temos a nossa língua, para aprender também sobre diversos assuntos importantes de nosso interesse, para fazer ouvir a nossa voz a outras pessoas que temos esse conhecimento sobre o qual estudamos.</p>
<p>A: Amin parikwaki, ba paytwempuyenevwi iki iwetrit arit parikwaki ku akak inin adahan kannuhwaka nimin?</p> <p>W: - Ihi. Awaku ku ka hennema han pitatitnek ik adahan wownwiw biyuke. Ku aysaw wixwiw lekolya amin parantunkanenwa, wixwiw ka akkamni ta gitkis ukamkayuvwiwiy,</p>	<p>3.3 A comunidade favorece o ensino da língua Palikur? O que acha do ensino em Palikur?</p> <p>- Sim. Porque se não mais tarde a nossa língua vai se perder. Se estudarmos somente a língua portuguesa, e não conversamos</p>

<p>wixwiy ka keh lekol gidahankis, aysawnemenek inere wownwiy ka kawih akiw.</p>	<p>com os nossos filhos sobre a nossa língua e não a ensinarmos a eles, então a nossa língua não vai ser mais útil.</p>
<p>Amin giwnavrikkis</p>	<p>4 Situação sociolinguística</p>
<p>A: Pariye iwit kawihka ay paytwempu? P: - Parikwaki.</p>	<p>4.1 Que línguas são utilizadas e faladas na comunidade? - A língua Palikur.</p>
<p>A: Pariye iwit bakimnayh kannuhwa amin ay gibetkis gikebyuwwikis? P: - Igkis kannuhwa amin Parikwaki. Ku aysaw igkis pukuha Parikwaki, embe nikwe igkis pukuha Parantunka.</p>	<p>4.2 Que língua(s) é/são aprendida(s) pela criança junto à família? - As crianças aprendem a língua Palikur. E entendendo a língua Palikur, então vão entender também a língua Portuguesa.</p>
<p>A: Aynte ariku lekol avim, pariye iwit igkis kannuhwa ayge? P: - Kuri igkis kannuhwa amin, ku aysaw gikivarakis awna han: mmah ariw inin, no, uwas, pariye kewye? Nikwe igkis hiyakni, awaku gigkis kuwis keh lekol gidahankis amin parikwaki. Nikwe uwas eg kanumka parantunka laranja. Nikwe ariwntak Parikwaki igkis hiyak han pitatit.</p>	<p>4.3 Que língua(s) é/são aprendida(s) pela criança na escola? - Ali as crianças vão aprender sobre, quando os seus professores disserem assim: como se chama essa “uwas”? Então vão saber responder, porque os seus pais já teriam ensinado o básico para elas. Então “uwas” é laranja na língua portuguesa. É a partir do conhecimento da língua Palikur é que se inicia o aprendizado.</p>
<p>A: Mmah gikivay adahan ig parak lekolya adahan ig kavusaw kannuhwa parantunka? P: - Ku aysaw ig bakimni kiyavwi ba kadahan sete kamukri ba oito kamukri, ig hiyak kabayntiwa inere parikwaki giwnavrik, gig kuwis kannuhgi, nikwe ig hiyak madikte, kuri ig pukuha Parantunkame, hawata ke giwnavrikbe.</p>	<p>4.4 Com que idade e em que circunstâncias se inicia a aquisição do português? - Quando a criança atinge a idade de sete ou oito anos, já sabe bem a língua Palikur, e após ter aprendido com os pais, aí se inicia a fase de aprendizagem da língua Portuguesa, como aprendeu a sua língua.</p>
<p>A: Ba ay hiyeg ku pariye kamax nawenyewa hiyeg ay avit paytwempu? P: - Ku akak inin kadahan.</p>	<p>4.5 Há casos de casamentos interétnicos na aldeia? Quantos? - Hoje em dia tem.</p>
<p>A: Kuri ignekis gikamkayuvwikis, pariye iwit igkis awnanek? P: - Ku pahavu tino kamaxe pahavwi awayg kuwiviyene ba puguti, amawka egu tino, amawka eg ivegmina guhiyakemni</p>	<p>4.6 As crianças resultantes dessas uniões adquirem/aprendem que línguas? - Se uma mulher se casa com um homem de outra etnia, ela</p>

<p>kabayntiwa adah gukamkayh, adah eg kannuh gukamkayh aminwa parikwaki hawata akak kiriyo ku pariye gugihgi awna, adahan igkis pukuha kiriyo adahan igkis pukuha parikwaki.</p>	<p>deve pensar por seu filho, e ensinar o filho a falar a sua língua materna, e também a língua do pai dele, para saber e entender as duas línguas.</p>
<p>Iwit parikwaki arawnak</p>	<p>5 Uso da língua Palikur</p>
<p>A: Mmah ahawna parikwaki awnaka ay gibetkis kiyavwiyegben, tinogben, takwaviye gikakkis bakimnayh? W: - Amawka wixwiy awna Parikwaki wadit adahan in ka katawnahwa.</p>	<p>5.1 Qual o grau de uso da língua Palikur demonstrado pelos vários segmentos etários da comunidade? Por homens, mulheres, adultos, jovens e crianças. - Devemos falar direito a língua Palikur para não desviar do atual.</p>
<p>A: Mmah igkis kannuyekwiye tamak parikwaki, kannu ivegboha? Kavim iwit parikwaki tamaka? (Mmah abetnewa ku aysaw hiyeg pekne avat, ba abetnewa givahgukawnikis, abetnewa igkis piyihneknekis.) W: - Ku pi hiya akebi inin kagta kuwis in kavusa danuh ke ininbe nikwe han pitatitnek nutuhbe kadahan lekol adahanikwa, nikwe ku pariye kannivwiye gikak bakimnayh amawka igkis kadahan akebi inin kagta adahan akkamnihne pi(emprestado significa mais) waditte ta gitkis bakimnayh, adah igkis ka uniyehbeta inakni iwit...adah igkis ka tamakni mabeyeviye. - Igkis kawihni ku aysaw abe fet adahan igkis ivegminene hiyakemniki, mmahpaki ini fet nemnik, pariye gewkni ini fet, pariye kabayka in ewkne, in kawihka tamaka nikwe.</p>	<p>5.2 Escreve e ler bem a língua? Ou em que situações de comunicação é escrita a língua no dia-a-dia entre os membros do grupo? (fala do chefe, cantos, ritos de cura, etc.) ou à eventos específicos (festas, morte, nascimento). - Se tiver material específico desse tipo chegar aqui então mais tarde, acho que vai ter ensinamentos só pra isso, então os que trabalham com crianças tem que ter esse tipo de material para explicar as crianças a forma correta, para que elas não misture a escrita...para não escrever errado. - É utilizada nos eventos específicos, nas festas, para planejar o que será feita durante a festa, qual o benefício que a festa traz, são nessas situações que a língua é escrita.</p>
<p>Iwit parantunka arawnak</p>	<p>6 Uso da língua Portuguesa</p>
<p>A: Mmahpaki pis hiya gannuhkis hiyegviyenevwi, kiyaygben, tinogben, takwaviye, bakimnayh, akak parantunka? W: - Nikwe ku akak inin igkis kannuhwa amin nawwotunye giwnkis, igkis kavusa kuwis awna nawwotunye giwn, ... gaytakkis kannuh tamak.</p>	<p>6.1 Qual o grau de uso da língua Portuguesa demonstrado pelos vários segmentos etários da comunidade? Por homens, mulheres, adultos, jovens e crianças. - Então hoje em dia eles</p>

	estão aprendendo a língua do estrangeiro, já começaram a falar a língua do estrangeiro...alguns já sabem até escrever.
<p>A: Mmah igkis kannu tamakni kuwis, igkis kannu ivegbohin hawata?</p> <p>W: - Nekwa igkis lekolya metakwa igkis iwas<u>m</u>ni pariyeva kibeyne adahan igkis kannuhak amin adahan tamakni...pariyeva kabayka in ewk, hawata ku aysaw igkis pahadguvunene.</p>	<p>6.2 Escreve e ler bem a língua? Ou em que situações de comunicação é escrita a língua no dia-a-dia entre os membros do grupo? (encontros, reuniões internos ou externos)</p> <p>- Somente quando estiverem estudando é que escrevem a língua...o que de bom essa prática traz, e também quando estiverem em reunião.</p>
Giminkis hiyeg wakavunyene	7 Do próprio grupo ou clã
<p>A: Mmahpa bakimnayh, takwaviye, kiyaygben, mmahpa igkis hiya giwnavrikkis akak gihumpawankis ku avim inin?</p> <p>M: - Ku akak inin igkis hiya gihumpawankis... igkis hiya bakimnayh tiviknene lekolya, ka kema pitatyema. Kuri igkis pukuha Parantunka igkis pukuha Parikwaki, igkis kavigsin igkis batek nikak.</p>	<p>7.1 Qual a visão que crianças, jovens, adultos e velhos têm, respectivamente, de sua língua e cultura?</p> <p>- Hoje em dia eles vêem a sua cultura...eles vêem que crianças estão avançando em seus estudos, não é mais como antigamente. Hoje eles entendem português e entendem palikur, eles a fovecem e a estimam.</p>
<p>A: Mmah paytwempuyenevwi, mmah igkis iki awaygye adahan wis kannuhwa hawata wis avuriw wownavrik?</p> <p>W: - Ihi. In humaw awaygye awaku in iki hiyakemniki ka aynxima, nikwe igkis batek nikak awaku ku samah in awaygye adahan kinetihwene amin amekenegben gihiyakemniki. Ku igkis ka kavigsin nikwe in ke wotbe yuma nawaygibe.</p>	<p>7.2 A comunidade considera importante aprender e manter a língua do grupo? Por que?</p> <p>- Sim. Porque a língua é importante para transmissão do conhecimento, para contar sobre o modo de vida dos antepassados. Se a comunidade não tiver esse carinho por ela então como se ela não tivesse mais essa importância.</p>
<p>A: Ba parikwene ku aysaw igkis ka avitma giwaxigkis ba igkis awna giwnavrikkis? Ku aysaw igkis wewnekis, mmah igkis batek kinetihwa giwnavrikkis igkiswonakis?</p> <p>W: - Igkis awna. Igkis parikwene ku aysaw igkis piyana gikebikis nikwe igkis ka miyeh giwnkis, amawka igkis awna. Henneme ku pis pahapo, nikwe kabahte ka ik adah pi awnin.</p>	<p>7.3 Os índios costumam conversar entre si em sua língua fora da aldeia? Por que?</p> <p>- Eles conversam. Os índios quando estiverem só dois eles conversam na sua língua, e eles tem que falar. Mas se estiver só, então não dar para conversar.</p>
<p>A: Ba ay inetit amin mmahpa arawnepka iwit parikwaki, kitak inakni iwit</p>	<p>7.4 Há histórias tradicionais explicando a origem da língua</p>

<p>parikwaki aytwe?</p> <p>P: - Inakni iwit minikwak ku samah wahawkrivwiy ay amadga inin ig danuh ig kanumka parikwene ig. Nikwe <u>u'ka</u> hiyak aysaw hawkri, kamukri, kuwis mpiyeviye, henneme ner parikwene, wixwiw, parikwenewa wixwiw, akak giwnkiswa, kuviknene wixwiw awnin.</p>	<p>Palikur?</p> <p>- Sobre a língua Palikur, angitamente, quando os nossos antepassados viviam na terra, eles vieram e se chamavam índios. Não sabemos que dia, ou ano, que isso aconteceu, mas esses índios eramos nós, com a nossa própria língua a qual falamos até hoje.</p>
<p>Hiyapka ahawna parikwaki arawnak</p>	<p>8 Avaliação do grau de vitalidade da língua Palikur</p>
<p>A: Mmahpaki pis hiyap parikwaki garawnak ta gativut parantunka? Ba parikwaki tuguhnene, parantunkame wagehnene.</p> <p>W: - Ku avim inin in Parikwaki tiviknene, in ka biyuk, in ka tawahka. Mmahki in ka tawahka kuri, awaku in misekwe amadga inin kagta, in iwi gawaygi akiw, kuri atere in pi kiyeste akiw in pi awnakate akiw.</p>	<p>8.1 Como você avalia a situação da língua Palikur face à língua Portuguesa, identificando as causas de um possível processo de desuso da língua?</p> <p>- Nos dias de hoje a língua Palikur está sendo praticada, não está sendo perdida, e não está sendo pressionada. Porque não está sendo pressionada, porque ela ficou no papel, e lá ela ganha mais vida, ela torna mais importante e mais praticada.</p>
<p>A: Pariye hiyakemniki pis akka adahan kahadbe parikwaki ka miyehka?</p> <p>W: - Kuri avim inin adahan parikwaki ka miya adah in ka mankan, <u>sema</u> lekol. Pis lekolya amin ariku lekol avim, ayge madikte hiyeg kannuhwa, ki <u>kiyavwiye</u> ki bakimnayh ki kiyavunogben ki lekol akivaraviyenevwi, ayteke igkis uti inin iwit barewye adah kannuhekne.</p>	<p>8.2 Que sugestões você apresentaria para a preservação da língua Palikur?</p> <p>- Nos dias de hoje para a língua Palikur não morrer, não ser apagada, só a estudando. Tem que ser estudada na escola, por todos, tanto por adultos, crianças, mulheres e até mesmo por professores, pois é lá que se organiza o que deve ser ensinada.</p>
<p>A: Mmahpa pis hiya parikwaki ay avit inin Kumene akak gidahankis neras awptehan?</p> <p>P: - Wixwiw parikwene kadahan awna iwit nawenyesa aynesa, henneme inwata Parikwaki. Ariknebdi ku pariye wixwiw kanum ariw kaba ka huwitak kabayntiwatma, henneme inwata parikwaki. Henneme wownwiw akak inin in adukwenewa pahatwowa iwit. Kadahan iwit kiyavwihka inere minikwak wahawkrivwiy aymuhwa akak, henneme ku akak inin kabahte yuma inakni iwit akiw. Mmahki in kabahte biyuke awaku in yuma amadga kagta.</p>	<p>8.3 Como você compara a situação sociolinguística da aldeia enfocada acima com a observada em outras aldeias da mesma etnia?</p> <p>- Nós palikur, alguns falamos numa linguagem diferenciada, mas é a mesma língua Palikur. Os nomes de coisas que chamamos as vezes não são os mesmos nomes para os outros, mas é a mesma língua Palikur. Porém essa língua de hoje é ainda a única língua para nós. Há linguagens de cortesia com a</p>

	qual os nossos antepassados viveram, mas hoje em dia quase não se fala mais assim. Por que está se perdendo porque não está escrita no papel.
--	---

ANEXO 5 - Entrevista 5 – José Constâncio – Clã Kawakukyene

1 Gimin ner inetikne	1 Caracterização do informante
A: Kiyavwiye, mmah piw? J: - Nuw José Labonte.	1.1 Qual é o seu nome? - Sou José Labonte
A: Aysaw kamukri paw, kiyavwiye? J: - Nah kadahan 63.	1.2 Quantos anos você tem? - Tenho 63 anos.
A: Pariye pewkni? J: - Nah Kawakukyene.	1.3 Qual é o seu clã? - Sou do clã Kawakukyene.
A: Pariye pannivwi kuri ay avit paytwempu? J: - Nah kannivwiye akak annivwit was.	1.4 Que atividade você que exerce na comunidade? - Meu trabalho é como agricultor.
A: Pariye paytwempu avit pis misakwa? J: - Nah misakwa avit paytwempu Kumenê.	1.5 Qual é a sua aldeia? Nome, localização, forma de acesso. - Moro na aldeia Kumenê.
A: Pariye iwit pis awna kuri? J: - Nah awna parikwaki.	1.6 Qual é a Língua que você fala? - Eu falo língua Palikur.
Amin lekol	2 Ensino
A: Mmahpa pis hiyap kannuhwaki ay avit avit paytwempu? J: - Nah hiya ay in, neras ku pariye lekolyavu , igkis kannuhwa amin lekol adahan igkis kannuhne bakimnayh amin lekol.	2.1 Como você percebe a alfabetização na sua comunidade? - Eu vejo aqui os alunos que estudam na escola, depois que aprenderem eles tornam professores para as crianças.
A: Pariye iwit igkis kannuhak amin? J: - Se igkis kannu bakimnayh, neras kiyavaptenen, igkis kannuhak amin parantunka. Igkisme neras bakimnayh nesayamni igkis kannuhak amin parikwaki.	2.2 A alfabetização é feita em que língua(s)? Por quê? - Quando estão ensinando, aqueles adolescentes, eles os ensinam a língua Portuguesa. Enquanto aos menores são ensinado a língua Palikur.
A: Ba lekol avin kadahan kannuhaka ku pariye igkiswa keh? J: - Akak inin yuma.	2.3 A escola adota algum método específico? Qual? - Acho que ainda não tem.
A: Mmahpa kannuhaki amin parikwaki akak amin parantunka?	2.4 Quando e como se dá a aprendizagem da primeira e

<p>J: Pitatye igkis kannuhak amin parantunka akak amin parikwaki, henneme hehpekwiye adahan kahadbe igkis ka biyuksa giwnkis.</p>	<p>segunda língua? - Primeiro eles ensinam o português e também a língua Palikur, respectivamente, para não perderem a língua deles.</p>
<p>Paytwempuyenevwi gihyakemniskis</p>	<p>3 Posicionamento da comunidade</p>
<p>A: Ba igkis paytwempuyenevwi iki ku kannuhaka in ka gawaygisima? J: - Igkis ikiy igkis, awaku mmahki, igkis kannuhwa tiviknene gannuhkis, inneki keh igkis ikiy in wagehnene.</p>	<p>3.1 A comunidade considera necessária a educação escolar para os seus membros? Por quê? - Eles consideram necessária, porque percebem o resultado e os avanços da aprendizagem, é por isso que consideram necessária.</p>
<p>A: Mmahki hiyegviyenevwi muwaka gikamkayuvwikis kannuhwa tamak hawata anniri? J: - Egkis inagtiviyo sarayh gukamkayh adahan kannuhwa mmahki, wis igti, minikwak u'aymuhwa bakimni yuma wannuh. Kuri wis muwaka ukamkayh adahan kannuhwa, adahan igkis kannuhwa ivegboha kagta adahan igkis kannuhwa tamak.</p>	<p>3.2 Por que as famílias desejam que suas crianças aprendam a ler e a escrever? - As mães colocam os seus filhos para estudarem porque, nós, os pais, antigamente, crescemos sem o estudo. Agora queremos que os nossos filhos estudem, para aprender a ler e aprender a escrever.</p>
<p>A: Amin parikwaki, ba paytwempuyenevwi iki iwetrit arit parikwaki ku akak inin adahan kannuhwaka nimin? J: - Igkis iki igkis. Mmahki? Adahan kahadbekama igkis ka miyeh giwnkis.</p>	<p>3.3 A comunidade favorece o ensino da língua Palikur? O que acha do ensino em Palikur? - Eles favorecem sim. Por que? Para que eles não esqueçam da sua língua materna.</p>
<p>Amin giwnavrikkis</p>	<p>4 Situação sociolinguística</p>
<p>A: Pariye iwit kawihka ay paytwempu? J: - Ay avit paytwempu igkis kawih giwnavrikkis Parikwaki. Ke pahadguhka abet igkis kawih Parantunka, nawene kadahan parahna ay, kahadbe igkis awna parahnawa giwn.</p>	<p>4.1 Que línguas são utilizadas e faladas na comunidade? - Na comunidade eles utilizam a sua língua materna Palikur. Durante a reunião eles utilizam a língua Portuguesa, pois pode haver também brasileiros na reunião.</p>
<p>A: Pariye iwit bakimnayh kannuhwa amin ay gibetkis gikebyuvwikis? J: - Igkis kannuhwa amin giwnavrikkis Parikwaki.</p>	<p>4.2 Que língua(s) é/são aprendida(s) pela criança junto à família? - As crianças aprendem a sua língua Palikur.</p>
<p>A: Aynte ariku lekol avim, pariye iwit</p>	<p>4.3 Que língua(s) é/são</p>

<p>igkis kannuhwa ayge? J: - Kuri igkis kannuhwa amin parantunka. Pariye kehne Parikwaki igkis kawih giwnkiswa.</p>	<p>aprendida(s) pela criança na escola? - Agora as crianças aprendem o português. E aqueles que dão aula na língua Palikur usam a sua língua materna.</p>
<p>A: Mmah gikivay adahan ig parak lekolya adahan igkavusaw kannuhwa parantunka? J: Nawene igkis parak atere akak mpanabu kamukri, nawene igkis paraksa gikamkayh akak paxkabu kamukri.</p>	<p>4.4 Com que idade e em que circunstâncias se inicia a aquisição do português? - As vezes as crianças entram na escola com a idade de três anos, e as vezes com quatros anos.</p>
<p>A: Ba ay hiyeg ku pariye kamax nawenyewa hiyeg ay avit paytwempu? J: - Nah hiya ay kuwis kadahan.</p>	<p>4.5 Há casos de casamentos interétnicos na aldeia? Quantos? - Eu vejo que aqui há casos assim.</p>
<p>A: Kuri ignekis gikamkayuvwikis, pariye iwit igkis awnanek? J:- Ku pariye kamaxne kuwiviyene, parahna, embe igkis awna giwnavrikkis, nawwotunye giwn. Sema egu tino, igi awayg, awninene giwn, ku hiya ka awna embe egkis miyehe guwnkis.</p>	<p>4.6 As crianças resultantes dessas uniões adquirem/aprendem que línguas? - Quem se casa com alguém de outra etnia, com o estrangeiro, as crianças tendem a falar a língua desses pais. Mas se a mulher ou o homem sempre conversando na sua língua com os filhos, então não vão esquecer.</p>
<p>Iwit parikwaki arawnak</p>	<p>5 Uso da língua Palikur</p>
<p>A: Mmah ahawna parikwaki awnaka ay gibetkis kiyavwiyegben, tinogben, takwaviye gikakkis bakimnayh? J: - Nah hiya araytak hiyeg kinetihwa iwit kihawnaye, sema araytak hiyeg ka kinetihwa iwit kihawnaye. Araytak kinetihwa iwit kewa harehrenebe iwit.</p>	<p>5.1 Qual o grau de uso da língua Palikur demonstrado pelos vários segmentos etários da comunidade? Por homens, mulheres, adultos, jovens e crianças. - Eu vejo algumas pessoas conversarem em certo grau de domínio, mas outros não tem esse mesmo domínio. Alguns tem linguagem de forma simples.</p>
<p>A: Mmah igkis kannuyekwiye tamak parikwaki, kannu ivegboha? Kavim iwit parikwaki tamaka? (Mmah abetnewa ku aysaw hiyeg pekne avat, ba abetnewa givahgukawnikis, abetnewa igkis piyihneknekis.) J: - Nah hiya ay araytak bakimni kannuh anniri giwn.</p>	<p>5.2 Escreve e ler bem a língua? Ou em que situações de comunicação é escrita a língua no dia-a-dia entre os membros do grupo? (fala do chefe, cantos, ritos de cura, etc.) ou à eventos específicos (festas, morte, nascimento).</p>

<p>- Igkis kawihni ku aysaw ukebyuvwi ke ay uyapkunbe kuri wis kawih wown parikwaki, adahan tamak, u'awahkis gimin kahadbe ig hiyak.</p>	<p>- Eu vejo alguns adolescentes já sabem escrever a sua língua materna.</p> <p>- Eles a utilizam por exemplo aos nossos parentes que moram no São George, é para lá que eles utilizam a escrita, ao mandar uma carta para um parente.</p>
<p>Iwit parantunka arawnak</p>	<p>6 Uso da língua Portuguesa</p>
<p>A: Mmahpaki pis hiya gannuhkis hiyegviyenevwi, kiyaygben, tinogben, takwaviye, bakimnayh, akak parantunka?</p> <p>J: - Nawene kadahan hiyeg ku pariye lekok kannuh awna parantunka. Gaytakkis bakimnayh takweyegben pisenweviye gilekolyan ig kannuh awna, sema ig ka kannuh awna kiyesadima. Ig kannuh awna aynsawa. Ke nahbe, nah ka kannuh awna. Nah awna pahatwowa iwit, he mabeyviyenen. Mmahki? Awaku nah ka lekolma, nah aymahwa aynte ahavwik, piyawakad ariw lekol.</p>	<p>6.1 Qual o grau de uso da língua Portuguesa demonstrado pelos vários segmentos etários da comunidade? Por homens, mulheres, adultos, jovens e crianças.</p> <p>- Há alguns que tem estudos esses sabem falar o português. Há jovens que já concluíram os seus estudos esses também sabem falar, mas ainda não tem o domínio. Por exemplo eu, eu não sei falar. Eu falo apenas uma palavra, e ainda mal falada. Por que? Porque não estudei, eu cresci na mata, longe da escola.</p>
<p>A: Mmah igkis kannu tamakni kuwis, igkis kannu ivegbohin hawata?</p> <p>J: - Ku aysaw igkis ke abet pahadguhkabe nikwe igkis keh kagta adahan kinetihwene gikak quvelma.</p>	<p>6.2 Escreve e ler bem a língua? Ou em que situações de comunicação é escrita a língua no dia-a-dia entre os membros do grupo? (encontros, reuniões internos ou externos)</p> <p>- Quando estiverem na reunião, por exemplo, aí eles escrevem carta para conversar com o governo.</p>
<p>Giminkis hiyeg wakavunyene</p>	<p>7 Do próprio grupo ou clã</p>
<p>A: Mmahpa bakimnayh, takwaviye, kiyaygben, mmahpa igkis hiya giwnavrikkis akak gihumpawankis ku avim inin?</p> <p>J: - Igkis hiya giwnavrikis igkis ahehemni mmahbe parantunka, henneme igkis awna giwnavrikkis, igkis ka miyeh giwnkis, igkis kavigsani.</p>	<p>7.1 Qual a visão que crianças, jovens, adultos e velhos têm, respectivamente, de sua língua e cultura?</p> <p>- Elem enxergam a sua língua e tentam fazer como se faz com a língua portuguesa, mas fazem em sua própria língua, com o maior carinho.</p>
<p>A: Mmah paytwempuyenevwi, mmah</p>	<p>7.2 A comunidade</p>

<p>igkis iki awaygye adahan wis kannuhwa hawata wis avuriw wownavrik? J: - Ya, adahan kahadbe ka biyuxsa wownavrik.</p>	<p>considera importante aprender e manter a língua do grupo? Por que? - Sim, para que a gente não perca a nossa língua.</p>
<p>A: Ba parikwene ku aysaw igkis ka avitma giwaxigkis ba igkis awna giwnavrikkis? Ku aysaw igkis wewnekis, mmah igkis batek kinetihwa giwnavrikkis igkiswonakis? J: - Ihi, igkis kinetihwa. Ku aysaw igkis piyakawakad igkis kinetihwa giwnavrikkis. Ku igkis aynte gibet nawwotunye bije (emprestado significa então) igkis kinetihwa nawwotunye giwn.</p>	<p>7.3 Os índios costumam conversar entre si em sua língua fora da aldeia? Por que? - Sim, eles costumam conversar. Quando estiverem fora da comunidade eles conversam na sua língua também. Quando estiverem no meio dos estrangeiros, então vão tentar se comunicar naquela língua.</p>
<p>A: Ba ay inetit amin mmahpa arawnepka iwit parikwaki, kitak inakni iwit parikwaki aytwe? J: - Kiyavwiye, inin nah hiyak.</p>	<p>7.4 Há histórias tradicionais explicando a origem da língua Palikur? - Senhor, isso eu não sei.</p>
<p>Hiyapka ahawna parikwaki arawnak</p>	<p>8 Avaliação do grau de vitalidade da língua Palikur</p>
<p>A: Mmahpaki pis hiyap parikwaki garawnak ta gativut parantunka? Ba parikwaki tuguhnene, parantunkame wagehnene. W: - Kawa, Parantunka in ka tuguhnenema, ine Parikwaki in kawnata tuguhnenema. Ku pariye kannuye awna igi awna...sema igkis ka miyeh giwnkis. Igkisme nerak ku pariye kotenene kannu awna, sema igkis hennenwa kinetihwanmah he ke nahbe he mbeyviyenen, henneme ikevi adahan, no... giwnavrikme igkis pi awnate giwnavrikkis.</p>	<p>8.1 Como você avalia a situação da língua Palikur face à língua Portuguesa, identificando as causas de um possível processo de desuso da língua? - Não, a língua Portuguesa não está declinando, nem a língua Palikur está declinando. Aquele se que sabe falar ele fala...e não esquece a sua língua. Mas aqueles que ainda não sabem falar, tentam falar de qualquer jeito como eu, mas é o bastante para... porém a sua língua eles falam mais.</p>
<p>A: Pariye hiyakemniki pis akka adahan kahadbe parikwaki ka miyehka? J: - Adah wixwiw ka miyeh wownwiw, uyay kinetihwa amin wownwiw, uyay mpiksaw amin wownwiw kahadbekam wixwiw ka miyehpima wownwiw.</p>	<p>8.2 Que sugestões você apresentaria para a preservação da língua Palikur? - Para não esquecermos da nossa língua, vamos falar sobre a nossa língua, vamos nos esforçar por ela para que nós não esqueçamos da nossa língua.</p>
<p>A: Mmahpa pis hiya parikwaki ay avit inin Kumene akak gidahankis nerak awptehan? J: - Kadahan hiyeg awna iwit parikwakiwa in, sema nawenyewa aynsa. Ner</p>	<p>8.3 Como você compara a situação sociolinguística da aldeia enfocada acima com a observada em outras aldeias da mesma etnia? - Tem gente que fala uma</p>

pahavwi awna, kuwewa igkis awna
 nawenyewa aynsa, sema inwata Parikwaki, u
parikwene u'pukuhpani.

linguagem Palikur mesmo, mas um
 pouquinho diferenciado. Outros
 ainda a falam também um
 pouquinho diferenciado, mas é a
 mesma língua Palikur, e como
 somos palikur nós a entendemos.